

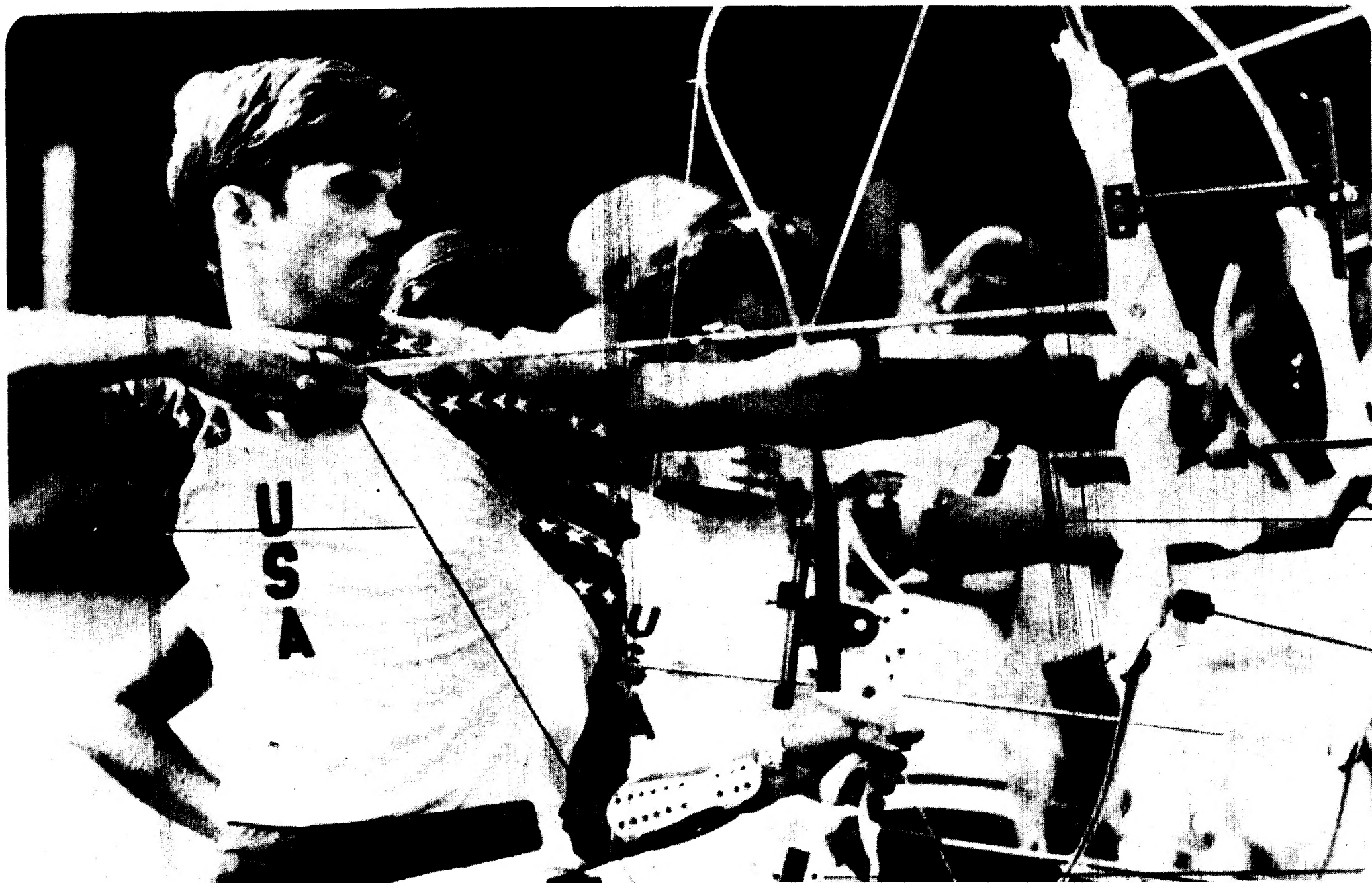
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 27 DE AGOSTO DE 1972-N.º 17845-ANO 52.º-PREÇO 1\$50



OLIMPIADAS ONTEM E HOJE



DL/DOMINICAL



**DE GAULLE
VOLTA A PARIS**

Na pág. 28

**O dia
em que
Marilyn
morreu**

Agosto é um mês trágico no calendário dos cinéfilos: foi num dia deste mês que Marilyn Monroe desapareceu para sempre do mundo dos vivos. O que é que a levou a procurar a morte? Para quem era a última chamada telefónica que tentou fazer antes que as suas forças se exaurissem /de vez? O «Jornal dos Espectáculos» de hoje, na página seis, é inteiramente dedicado a Marilyn.



**O "DL" CONTA
A HISTÓRIA
DOS JOGOS**

Em Olímpia eram apenas admitidos os aristocratas, que legitimavam o exercício do poder através da excelência física ou da destreza no manejo das armas. Ontem, em Munique, calcula-se que tenham estado mais de três milhões de pessoas de todas as partes do mundo a assistir à inauguração dos Jogos que se apresentam como os mais esplendores da história das Olimpíadas. No «DL» de hoje um conhecido jornalista desportivo analisa o itinerário que levou a antiga celebração em honra de Júpiter a ultrapassar largamente os limites do mito. (Pag. 17, 18 e 19)

HOJE: 28 PÁGINAS

DL/DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

NIXON, CANDIDATO À DIREITA

A Convenção Republicana, reunida ao princípio da semana, limitou-se a sancionar entusiasticamente a nomeação de Nixon para mais um mandato na Casa Branca. É significativo do ambiente em que decorreu a reunião republicana o facto de se ter gasto mais tempo a discutir a viabilidade da candidatura de Spiro Agnew à presidência em 1976 do que a guerra do Vietname. Ignorando as manifestações fora do recinto, a unidade e o calor à volta do presidente viriam a dar pretexto para Rockefeller afirmar, ao apresentar o candidato à reeleição: «Nixon tem a esperança de trazer ao mundo um século de paz!» Uma vez nomeado, o presidente iniciou a campanha a todo o vapor, com um itinerário que o levou a percorrer em 14 horas, da Florida à Califórnia, 6 500 km para fazer quatro discursos diferentes a cerca de 35 000 pessoas dum território tradicionalmente conservador.

As declarações de Le Duc Tho acerca da viagem de Kissinger a Saigão ganham uma nova ressonância à luz dos discursos de abertura da campanha eleitoral de Nixon. A estagnação das conversações de Paris e o malogro das negociações para a retirada do Vietname, denunciadas por aquele representante de Hanói como «manobra eleitoral», prestam-se a servir de explicação para o endurecimento, um tanto inesperado, das posições de Nixon em problema-chave: a «defesa nacional», o Vietname e o desarmamento. O presidente centrou as suas primeiras declarações como candidato na irredutibilidade do orçamento militar, na intransigência em relação ao Vietname, na manutenção de tropas americanas estacionadas em várias regiões do mundo. Numa linguagem sensivelmente distanciada do Nixon-conciliador que visitou Moscovo e Pequim, o presidente-candidato referiu-se diversas vezes à «honra dos Estados Unidos», ao «encorajamento dos inimigos a novas agressões» que a redução do orçamento da Defesa poderia representar, à «traição aos aliados» e ao prestígio que os Estados Unidos desfrutam no mundo — «sluggans» que se mantinham afastados da sua oratória mais recente e faziam evocar o Nixon da guerra fria do tempo em que era o colaborador mais eficaz do presidente Eisenhower numa administração que incluía John Foster-Dulles como secretário de Estado.

Com uma vantagem de 8 por cento, segundo as sondagens mais recentes, em relação ao candidato democrático George McGovern, o presidente procura visivelmente a tranquilidade com uma viragem à direita, mais segura do que expectativa dos votos de 11 milhões de jovens norte-americanos que deverão votar este ano pela primeira vez.

Por outro lado, o endurecimento em relação ao Vietname — além de estar de acordo com as suas convicções mais arraigadas — é a única posição possível ao pretender conquistar os votos da direita — põe um clima particularmente receptivo ao que quer que aconteça de inesperado nas conversações que irão decorrer até ao mês das eleições. A estagnação da conferência de Paris e das negociações não surpreende ninguém e — após as declarações do presidente — será tida como o preço da «fidelidade aos aliados», em nome «do prestígio de uma América que não quer renunciar à grandeza» ou «implorar a paz de joelhos». Entretanto qualquer progresso de facto é sempre bem acolhido e pode ser explorado «eleitoralmente» em qualquer altura. Um incidente que viesse a quebrar a monotonia a que parecem condenadas as conversações de Paris poderia constituir um «volta-face» único, capaz de afastar o candidato Richard Milhous Nixon, e um Partido tão seguro de si, do risco de vencer McGovern pela diferença ínfima de 500 000 votos — como aconteceu em 1958 na vitória sobre Humphrey.

SEGUNDA-FEIRA

Pouco depois do regresso a Washington do dr. Henry Kissinger, o comando militar americano em Saigão anunciou que, com a retirada de 3200 soldados, o corpo expedicionário americano ficará reduzido a 39 200. Assim, faltaria apenas retirar 200 soldados para atingir o número fixado pelo presidente Nixon para o dia 1 de Setembro. Actualmente, o número de efectivos militares no Vietname distribui-se assim: Exército terrestre — 23 700; marinha fluvial — 2200; fuzileiros navais — 1300; exército do ar — 11 900; guarda costeira — 100; sétima esquadra 39 000; duas divisões sul-coreanas e conselheiros australianos num total de 38 400. Referindo-se à viagem do conselheiro especial de Nixon, que antecedeu a declaração do comando americano, o jornal norte-vietnamita «Nha Dan» salienta que «com o val vent diplomático o chefe da Casa Branca e os seus colaboradores procuram deliberadamente criar na opinião pública a ilusão de uma evolução na conferência de Paris. Na realidade, porém, essa conferência não avançou nem uma polegada devido à atitude recalcitrante dos Estados Unidos.» O porta-voz do comando americano frisou que a retirada incidirá

somente nas forças terrestres, mas não menciona os 40 000 homens que se encontram a prestar serviço nas bases da Tailândia e os conselheiros e outros membros das forças armadas que servem no Camboja e no Laos sob o controlo das embaixadas americanas nesses países.

TERÇA-FEIRA

Pela terceira vez desde que foi eleito chefe do Estado do Chile, o presidente Salvador Allende foi levado a declarar o estado de emergência após incidentes provocados por uma greve dos logistas contra um aumento dos preços. O presidente marxista tomou a decisão de entregar ao general-comandante o encargo de manter a ordem no distrito de Santia-

CARLOS MORAIS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

go, depois de ter evitado a todo o custo ter de recorrer aos meios drásticos que a constituição põe ao seu dispor.

Círculos ligados à extrema esquerda do Chile são de opinião que o presidente Allende deverá escolher, a curto prazo, o apoio aos democratas-cristãos que formam, de momento, o polo da oposição centrista, ou o passo a dar fora da via legal traçada por uma administração burguesa. Um jornalista afirmou: «O que se chamava há um ano a aposta de Allende transformou-se no dilema de Allende.»

QUARTA-FEIRA

O Comité Olímpico Internacional decidiu, por 36 votos contra 31 e três abstenções retirar o convite à delegação desportiva que deveria representar nos Jogos Olímpicos o regime minoritário branco rodesiano. A declaração de boicote, caso a participação da Rodésia se mantivesse, anunciada a menos de uma semana da inauguração dos Jogos por mais de uma dezena de países africanos, à qual se viria a unir a solidariedade dos atletas negros, americanos, constituíram uma ameaça demasiado grave ao êxito dos jogos que se apresentam como «os mais esplendidos da história das Olimpíadas modernas». Segundo estimativas dos Serviços de Imprensa dos Jogos, a inclusão da Rodésia teria originado



P presidente Nixon e o comandante da Legião Americana ouvem as aclamações dos legionários antes de o presidente proferir o seu discurso durante a convenção anual da Legião, em Chicago. (Telefoto UPI/Teleimprensa-DL.)

a retirada total de 43 países.

A participação rodesiana ficou decidida no dia 9 de Agosto e assentou (após conversações demoradas entre o presidente do COI Avery Brundage e o secretário-geral do Desporto Africano, (Ganga) numa solução de compromisso: o país devia participar como «Rodésia do Sul» mas os passaportes olímpicos deveriam conter a menção «cidadão britânico». Este equívoco representa, antes de mais, uma cedência do regime de Ian Smith ao aceitar participação dos atletas rodesianos na qualidade de súbditos britânicos. Ao ser anunciada a decisão do Comité Olímpico, Art Mandaza, um dos sete negros entre os 44 atletas da delegação rodesiana, declarou: «Para nós, atletas não é de forma alguma, normal, mas para todos os negros africanos é uma decisão perfeitamente justa. Têm uma boa causa a defender e sabem porque se batem». Um informador do Governo da Rodésia afirmou curiosamente: «Vive-mos num mundo repulso! É um mundo doente e triste!»

QUINTA-FEIRA

A Comissão Central de Planificação Política do Conselho Mundial das Igrejas, após uma sessão de dez dias que decorreu em Utreque, comunicou ter decidido vender as suas acções em companhias com interesses na África branca.

Numa resolução redigida energeticamente, a comissão de 120 membros pediu também às 250 igrejas que pertencem ao CMI — com mais de 350 milhões de fiéis — que fizessem pressão económica sobre as corporações internacionais a fim de que estas retirem os seus fundos do Sul da África. Numa votação separada, a comissão central pediu ainda às igrejas que desencadeassem uma campanha contra a migração branca para os países do sul de África, visto essa migração, segundo a comissão, ter perpetuado a discriminação racial no mercado de trabalho. A CMI, uma organização com sede em Genebra, tem apenas investidos cerca de 3,6 milhões de dólares (105 000 contos). As igrejas britânicas e americanas são as que possuem mais fundos investidos em companhias que negociam com países do sul de África. A comissão central aprovou também a duplicação do seu fundo para combater o racismo, elevando-o para um milhão de dólares. O fundo, criado há um ano, proveniente de contribuições de igrejas membros, canalizou já 400 000 dólares para grupos anti-racistas e movimentos de libertação africanos. A comissão pediu, por fim, sanções mais energéticas contra a Rodésia e a retirada total dos americanos do Vietname até ao fim do ano.

SEXTA-FEIRA

Apenas a China com o seu veto, votou contra a admissão do Bangla-Desh nas Nações Unidas. O resultado do escrutínio no Conselho de Segurança foi de onze votos a favor e três abstenções (República da Guiné, Somália e Sudão). A resolução tendente a admitir o Bangla-Desh na organização mundial fora patrocinada pela Índia, URSS, Inglaterra e Jugoslávia. A delegação chinesa opôs-se com o fundamento de que ainda não foram postas em prática duas resoluções aprovadas em Dezembro pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral da ONU, que, segundo a delegação chinesa, exigem a repatriação de oitenta mil prisioneiros de guerra paquistaneses e cerca de dez mil civis. O embaixador da China declarou ao Conselho de Segurança que a URSS e a Índia, culpadas de agressão no Paquistão Oriental, pretendem agora impor a entrada do Bangla-Desh na ONU com o propósito de «legalizar a sua violação da Carta das Nações Unidas» e continuar a exercer pressão sobre o Paquistão. O embaixador chinês acrescentou que essa manobra se destina a agravar as tensões no subcontinente e tirar vantagens dessa situação. Além da China têm direito de veto os Estados Unidos, a França a Inglaterra e a União Soviética.

SÁBADO

Ao terminar o prazo estabelecido pelo presidente Alejandro Lanusse para o regresso à Argentina dos candidatos às eleições presidenciais de Março próximo, o ex-presidente Juan Perón continuava em San Sebastian, ignorando assim as ordens de Lanusse e da junta de chefes do Estado Maior cuja legitimidade constitucional não reconhece. Entretanto o general Lanusse anunciou medidas energéticas para preservar a ordem num momento que declarou «crucial para a história da Argentina». A confirmar as declarações do presidente, elementos da polícia paramilitares invadiram a sede do Partido Justicialista, (Peronista) levando consigo os caixões com os cadáveres dos três guerrilheiros mortos em Trelew. Os corpos repousavam em câmara ardente na sede do Movimento para que os partidários de Perón desfilassem em manifestação de luto diante dos caixões, antes do funeral. Juan Perón, que recebeu no princípio do mês os seus principais adeptos argentinos numa «conferência peronista de alto nível» realizada na sua residência da «Puerta de Hierro», nos arredores de Madrid voltou a declarar: «Se o meu povo quer que concorra eleição, não posso recusar-me».

XVI FESTIVAL DE SINTRA

DE 8 A 30 DE AGOSTO

Amanhã, 28 21.45 horas

CONCERTO DE MÚSICA VOCAL

Palácio Nacional de Sintra

QUARTETO DE MADRIGALISTAS DE MADRID

Direcção: Lola Rodriguez de Aragon

CARMEN RODRIGUEZ ARAGON, soprano

MARIA ARAGON, meio soprano

TOMAS CABRERA, tenor

MANUEL PEREZ BERMUDEZ, barítono

Obras: Cancioneiro de Upsala, Juan del Enzina, Escobar, Salinas-Pla, R. Rivera, Juan Vasquez e Cancioneiro de Sablonara. Música espanhola dos séculos XVI e XVII.

ATENÇÃO — Adiamento do espectáculo de teatro marcado para 4.ª feira (30/8).

Por motivo de doença de uma actriz do TEC, é adiado para data a determinar, o espectáculo de teatro oferecido pela Junta de Turismo da Costa do Sol e com o qual é encerrado o programa do XVI Festival de Sintra.

Por tal razão, facultar-se o reembolso da respectiva importância às pessoas que o entenderem, bastando que se dirijam ao mesmo local onde foi adquirido o bilhete.

Os bilhetes vendem-se na Agência da S. E. I. T., Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra, tel. 98 11 57. No dia do espectáculo, a partir das 20 horas, no local onde se realiza.

Os transportes, de ida e volta, estão assegurados com partidas de camionetas do Marquês de Pombal.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que, terça-feira, dia 29, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO

TEM FALTA DE ESPAÇO NO SEU LAR?

Curtis

Dispõe de técnicos e oficinas próprias para executarem por desenhos

MÓVEIS

MODERNOS

OU DE ESTILO

apropriados para aproveitamento de espaços

Rua Maria Andrade, 64

(Perto da Igreja dos Anjos)

Telefone 84 87 19



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diamantino da Silva, Rua Elias Garcia, 241-1.º. Esq.º AMADORA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Fernandes Coimbra e Sobrinho, Suc. VILA NOVA DE POIARES

Por
ARRIGO PETACCO

Os Ringo, os Sartana do cinema existiram verdadeiramente? Como viviam os «cow-boys» nos anos de ouro da fronteira? Eis a seguir o famoso tiroteio à O.K. Corral, a «mão do morto» de Wild Bill Hickok abatido quando jogava o poquer Calamity Jane que dispara como um homem.



A EPOPEIA

DOS 'cow-boys'



BILLY THE KID, tinha nascido em Nova York em 1859 e chamava-se, na realidade, William H. Bonney. Foi um audaz ladrão.

O homem cavalga na poeira ardente, sombrio, vestido de negro como um pastor baptista, com o chapéu atirado para a frente, descendo-lhe até aos olhos, e dois grandes Colt, que lhe baloiçavam nos flancos. A mula que o segue leva, ligado sobre a albarda, um fardo esquisito, de forma rectangular, envolto numa manta.

Quando desmonta da sela diante do «Mammoth Palace» de Ellsworth, no Idaho, e descarrega a sua mula, o grande fardo não é mais do que um belo caixão envernizado de negro e ornado com guarnições de prata. O homem entra no saloon, deposita o ataúde junto da porta, pede de beber e, volta-se para os presentes que o observam com curiosidade.

«Sou Coffin Bill», diz, «e venho do Wyoming à procura de um tal que diz chamar-se Revolver Sam. Tenho aqui, para ele, um presente que me custou quarenta e três dólares».

Os vaqueiros que enchem o «saloon» não tardam a compreender que, dentro em pouco, fará calor naquele lugar. Lentamente, deixam um a um, mesas de jogo e vão reunir-se sob a varanda, que representa um

bom posto de observação. No local fica sentado no seu lugar apenas um freguês. Está vestido com roupas de pele ornadas de desenhos, segundo o uso índio, e traz três revólveres enfiados descuidadamente no cinturão. É Revolver Sam considerado, de momento, a arma mais veloz do Oeste. Há um ano privou do ambicionado título o irmão de Coffin, Ned, após um regular duelo a tiro. Agora, evidentemente, Bill quer recuperar aquela primazia para a família.

Ambos se estudam longamente, em silêncio, depois Sam levanta-se e acaricia amorosamente as coronhas de marfim dos seus revólveres.

«Fizeste bem em trazer o caixão atrás de ti, Coffin» escarnece. «Especialmente se és tão lento como aquela tartaruga do

teu irmão...»

As mãos correm para as armas. O seu gesto é fulminante, quase sincronizado, mas é Coffin quem prime primeiro o gatilho e Revolver Sam cai de cara para a frente com um buraco redondo entre os olhos.

Esta cena parece tirada de um moderno filme do Oeste e, no entanto, o episódio aconteceu efectivamente em Ellsworth, em 16 de Julho de 1871. Reevoca-o fielmente um daqueles jornaizinhos de fronteira que ainda hoje representam a única fonte histórica para quem quer conhecer os costumes e os hábitos do fabuloso Oeste americano.

Coffin Bill e Revolver Sam são, não obstante, apenas dois dos inúmeros pistoleiros que participam na competição permanente aberta entre os «cow-boys» para conquistar o perigoso título de «pistola mais veloz do Oeste». Um título, por outro lado, que é difícil de manter por muito tempo, porque os contendores não faltam. Coffin Bill, por exemplo, será eliminado poucos meses depois por John Wesley Hardin, «pistola número um do Texas, ido pro-

positadamente ao Idaho para dar provas das suas capacidades».

O «COLT»

No centro desta competição mortal que impele os homens a cavalgar durante dia e noite com o único objectivo de provar a destreza da própria mão, está sempre um Colt. O revólver de repetição que o coronel Samuel Colt inventou em 1835, modificou as relações de força entre os homens da fronteira, assinalando o início de uma nova era... «Deus criou os homens diferentes entre si», costumam dizer os «cow-boys», «mas o coronel Colt tornou-os iguais».

Agora, de facto, já não é um privilégio ter uma força hercúlea e punhos semelhantes a maças. A força muscular teve de sucumbir perante a destreza. O draw, o arranco, ou mais figuradamente, a habilidade de sacar, alvejar e disparar no mais curto espaço de tempo possível, é arte que todos os rapazes do Oeste cultivam com maior paixão. Para sobressair não servem os músculos, mas

nervos sólidos, mãos de pianista e prontidão de reflexos.

Privados de draw, o tuberculoso Doc Holliday, o magríssimo Billy the Kid e muitos outros pistoleiros nunca teriam entrado na história do legendário Oeste.

A destreza no uso do Colt não é apenas um entretenimento, mas também uma fonte de rendimento considerável. Quem sabe disparar bem tem a parte de leão na repartição do produto do saque e pode também ganhar a vida honestamente como caçador de prémios pela captura ou morte de delinquentes ou como xerife. O draw é, além disso, muito útil para liquidar os próprios inimigos sem ter aborrecimentos com a lei. O código de honra dos homens da fronteira não pune, de facto, quem mata um homem depois de lhe ter dado oportunidade para se defender. O motivo não tem importância neste jogo mortal e a função do xerife consiste, quase sempre, em averiguar «como um indivíduo foi morto e não «porquê». Os pistoleiros podem, pois, manchar-se com dúzias de homicídios e

Continua na pag. 4

DI/DOMINICAL

Continuação da pág. 3

ncher de entalhes as coronhas das próprias armas, mantendo intacta a própria respeitabilidade de cidadãos.

FILMES DO OESTE

Os filmes do Oeste de hoje têm, naturalmente, agigantado a habilidade destes artistas do revólver, ora afinando com mil astúcias a sua mestria no uso das armas, ora exaltando os seus dotes morais e transformando vulgares fanfarrões em desinteressados defensores da lei. No verdadeiro Oeste, pelo contrário, a situação é bastante diferente. Os pistoleiros são sempre gente dura, cruel, insensível, pronta a passar de um lado para outro sem preconceitos de qualquer espécie, não têm ideais, como não os pode ter quem opera numa sociedade em formação, privada fe leis, e constituída por homens que se lançaram à sorte em territórios desconhecidos para fugir à miséria ou, bastante mais frequentemente, ao baraco.

«Em três meses, desde que assumi o comando de Fort Lyon», escreve em 1870 o major Wyncoop ao general Sheridan não me aconteceu ainda ter as minhas ordens um soldado integralmente honesto. O regimento é um mostruário que interessa a qualquer criminologista. Há ladrões de gado, assaltantes de diligências, ladrões de bancos, pistoleiros com corronha do Colt cheia de entalhes e até um que estrangulou a mulher durante o sono. Os mais tratáveis são os trapaceiros, os contrabandistas e os maníacos sexuais. É claro, que a disciplina, embora férrea, não é suficiente para dominar esta gente que se alistou unicamente para fugir à força».

Porém, só com tropas desta espécie o Departamento da Guerra poderá levar por diante a «civilização ao longo da fronteira e concluir em curto prazo o extermínio quase total das tribos índias.

Neste quadro de violência é fácil compreender que quem sabe manejar bem o **Colt** pode facilmente ganhar a vida da melhor forma que lhe for possível. Os bandos dos fora-de-lei têm sempre necessidade de bravos atiradores e, de igual modo, as comunidades de colonos que não hesitam em pagar a um pistoleiro a fim de os defender de outros pistoleiros. Com a estrela pregada no colete ou com o lenço a cobrir-lhe o rosto, para os bons atiradores o trabalho não falta, e é um trabalho fácil e bem remunerado. Há, é verdade, o risco de perder a pele, porém, no Oeste pode-se morrer de mil e outros modos, e todos eles bastante menos gloriosos.

Por outro lado, os profissionais da pistola não são assim tão numerosos como geralmente se crê. Na segunda metade do século passado, apareceu apenas uma vintena e muitos deles gozam de uma fama não merecida.

Cole Younger, lugar-tenente de Jesse James, revela ao repórter do **New York Herald**: «O grande Jesse não é assim tão hábil como o revólver. Uma vez, por exemplo, vi-o consumir dezassete cartuchos para se desembaraçar de um homem. De qualquer maneira», acrescenta, «cinco vezes em cada dez erra o alvo».

Younger, de carácter alegre e extrovertido, com o **Colt** consegue, pelo contrário, realizar proezas dificilmente iguais. É capaz, por exemplo, de desprender uma maçã de um ramo com um tiro e acertá-la com um segundo enquanto vai a cair por terra. Também a sua crueldade é, mau grado os tempos, algo fora do comum. Tem o costume de prender as orelhas das suas vítimas

ao freio da cavalo e consegue esfolar os adversários com a maestria de um apache. Uma vez, durante a Guerra da Sucessão, quando combatia com os guerrilheiros de Quantrill, apostou que, com a sua espingarda **Enfield** poderia matar dez pessoas com um só tiro. Depois, colocou em fila dez prisioneiros nortistas e disparou na barriga do primeiro. Não ganhou a aposta porque o projectil trespassou apenas três homens e estacou na barriga do quarto, mas Cole acabou com os outros a tiros de revólver.

Para ser mestre do **draw** não é necessária uma uniformidade de estilo. Qualquer atirador tem uma escola própria. Há quem leva as armas no cinturão como todos os **cow-boys** que aparecem no cinema, e quem, pelo contrário, prefira colocá-las exatamente sobre a barriga com a corronha voltada para fora, ou ainda sob a axila ou colocadas atravessadas sobre o peito com o cinturão em bandoleira. O canhoto Buck Duane, que antes de fazer carreira nos **Texas rangers** era um saltador experiente, traz a ar-

ma ligada à coxa esquerda, quase sobre o joelho. Para disparar, levanta de repente a perna até a altura da mão. Buck tem também a mania de atirar duas vezes sobre o alvo, quase sempre no mesmo ponto, e de deixar sobre o cadáver das vítimas um ás de espadas.

ESTILOS

Wyatt Earp, xerife a prêmio e «pacificador» de Dodge City, traz uma só arma sobre o flanco direito. Foi ele quem lançou a moda de fazer deslizar a mão esquerda sobre o cano da arma para acelerar a rotação do tambor. Este sistema, adoptado, também pelos seus irmãos Virgil, Morgan e Jim e pelo fiel dentista-pistoleiro Doc Holliday, dará os seus bons frutos em 26 de Outubro de 1881 no tiroteio de O.K. Corral que assinalou o fim dos piores foradelei de Tombstone. O seu êxito com revólver é tal que Wyatt e Doc decidem aproveitar-se disso, montando em Tombstone uma rendosa agência funerária.

Wild Bill Hickok, considera-
do sempre a «pistola número



UM COMBOIO de pioneiros e uma manada de bois na rua principal de Miles City (Montana por volta de 1880.

um* de todos os tempos, e um pouco diferente dos seus colegas. E verdade que foi adestrado por Jules Table, dito «o francês», um emérito assassino que costumava deitar **whisky** nas orelhas acabadas de decapar das suas vítimas; também é verdade que nem sempre ma-

ta os seus adversários segundo o «código de honra» do Oeste. todavia, consegue manter-se sempre do lado justo ou, pelo menos, daquele que considera-va como tal. Jogador, pistolei-ro, caçador de bisontes, cor-reio do **Pony Express**, Wild Bill, «Bill, o selvagem», comparece em 1869 em Abilene para assu-mir o cargo de xerife e receber a considerável retribuição de cinquenta mil dólares. Usa bi-godes pendurados, cabelos compridos e ondulados de que é muito cioso. Três **cow-boys** que ousaram sorrir da sua «cabeleira de senhora» não tiveram sequer tempo de se arre-pender. Bill é um atirador de excepção. Traz os **Colt** sobre o ventre e costuma sacá-los cruzando os braços. Um modo singular mas evidentemente efica-z se se considerarem os qua-renta e tantos entalhes feitos nas coronhas de madreperla das suas armas.

Abilene, dominada pelo feroz bando dos irmãos Logan, é pacificada tão rapidamente que o facto não deixa de preocupar os homens importantes da cidade. Com um pistoleiro tão hábil em circulação não se corre o risco, talvez, de atrair a Abilene outros pistoleiros desejosos de demonstrar serem ainda mais hábeis do que ele?

Wild Bill está liquidado. Deixa a ingrata Abilene para se voltar para outras regiões aonde desempenha ora a actividade de xerife, ora a de jogador. Alguns anos depois, em 2 de Agosto de 1876, quando se encontra sentado num **saloon** de Deadwood a jogar uma partida de póquer, um desconhecido esgueira-se para as suas costas e dispara-lhe um tiro na nuca. O assassino chama-se Jack McCall e, como outros americanos de ontem e de hoje, escolheu esta forma para sair do anonimato. No pasmus da morte, as mãos de Wild Bill têm os indicadores dobrados como se estivessem a premir o gatilho. Dispersos a seu lado encontram-se as cartas da sua última partida: dois ases e dois oitos. Os **cow-boys** chamarão a este conjunto, a partir daquele momento «a mão do morto».

«COW-GIRL»

Em Deadwood, aonde acaba os seus dias, Will Bill deixa uma mulher em lágrimas. O seu verdadeiro nome é Martha Jane Canarray, mas todos a conhecem como Calamity Jane. Cavalega e dispara como um homem, já foi, de vez em quando, bandido, caçadora de bisontes, batedora e soldado no exército do general Crook. Gosta de se vestir de homem, bebe **whisky** como um vaqueiro e é a única mulher a quem ninguém ousa impedir a entrada nos **saloons**. Chamam-lhe **Calamity**, ou seja «calamidade», pela maneira expedita como costuma desembrasar-se dos maridos e dos adversários. Mais tarde, aquele hábil homem de negócios que foi Buffalo Bill, convenceu-lá-á

a exhibir-se no circo por ele organizado para mostrar ao mundo civilizado os campeões do selvático Oeste. Calamity não ficará muito tempo afastada do Oeste, e ali voltará para morrer, aos 52 anos, corroída pelo álcool.

Calamity não é a única mulher famosa da fronteira. Belle-Star, mulher-bandido, amiga de Jesse e amante de Cole Younger, enriqueceu a história local com memoráveis episódios. Habitualmente, costuma roubar as casas de jogo onde os seus numerosos maridos perdem as economias da família. Kate «Nariz Grande», bailarina e aventureira, enamorase em Fort Griffin de Doc Holliday, o dentista que teve de mudar de ofício porque os clientes não suportavam a sua tosseinha de tuberculoso. Quando Doc, que matou um companheiro de jogo, corre o risco de ser linchado, Kate, está pronta a defendê-lo. Primeiro lança fogo ao **saloon** para distrair a atenção da multidão, depois imobiliza e desarma uma dezena de **cow-boys**, após o que deixa Fort Griffin, fugindo a cavalo com o seu amado.

Mattie Silk, formidável jogadora, usa duas enormes algibeiras na saia: uma para meter as moedas de ouro que ganha aos dados, a outra para o «**Colt** da fronteira», com o punho adornado com pérolas. Por motivo de ciúmes, um dia Mattie desafia para um duelo a rival Kate Fulton. Batem-se na margem do rio Platte, na presença de uma centena de **cowboys**. As duas mulheres dispararam simultaneamente, mas não se ferem. O projétil disparado por Mattie vai, no entanto, atingir em cheio Cort Thompson, o **cow-boy** por causa de quem é o duelo.

Depois há Alice Poker, viúva de um engenheiro de minas, que se tornou jogadora por necessidade. Quem trapaceia com ela arrisca sempre a pele. Há, finalmente, a bela Etta Place, criatura fascinante, filha natural de um lord, que abandonou a carreira de professora para seguir Harry Longbaugh, dito «Sundance Kid», e o seu fraternal amigo «Butch Cassidy», alcuinha de Robert Le Roy Parker, um dos maiores fora-de-lei da América. Etta cavalga como um índio Sioux e maneja o **Colt** como um pistoleiro de raça. Para o fim do século, quando a «civilização» torna o Oeste inospitaleiro para os fora-de-lei, ela segue os seus dois homens para a América do Sul onde tentarão inutilmente voltar a criar o ambiente da velha fronteira.

OS GRANDES MESTRES DA PISTOLA

A época de ouro dos pistoleiros é o trinténio entre 1870 e 1890, na altura em que o caminho de ferro começa a transportar para os imensos territórios do Oeste uma multidão de gen-



CALAMITY JANE, a mulher de Wild Bill Hickok. Foi ela quem capturou o assassino do amante. Chamava-se Martha Jane Canarray, mas fora alcunhada de «Calamidade» pela maneira como sabia usar as armas.

UMA SEMANA DE AGOSTO

A semana que passou foi fértil em acontecimentos ligados ao espectáculo, o que é raro acontecer no Verão e, muito principalmente, no mês de Agosto. A estreia de «Djamilia» chamou a atenção de muita gente, nomeadamente daquela que começou a estar um pouco cansada das «reposições de Verão» que proliferam por aí. Mas, no «capítulo cinema», o mais importante foi a inauguração do 31.º Congresso e 34.º Concurso de Cinema Amador da UNICA, que se realizou na passada sexta-feira, nos jardins do palácio dos condes Castro Guimarães.

Por falar de «cocktails», houve um outro, na terça-feira, no Hotel Palácio, do Estoril. Era a comemoração da 200.ª emissão do programa «Movimento», de Rádio Clube Português, associada à inauguração do sistema de comunicações-rádio dos comboios da linha do Estoril. O espectáculo foi uma corrida de sacos no jar-

dim do referido hotel, e os nomes de cartaz não faltaram, como não podia deixar de ser. Não faltaram aí nem na festa que Vasco Morgado deu, na segunda-feira, na Charneca da Caparica, em honra de todos os participantes na revista «Prá Frente Lisboa!».

Nos «dez mais» do disco, José Jorge Letria (e o seu «Tango dos pequenos burgueses») saltou do zero para o segundo lugar e, enquanto isso, algumas dezenas de pessoas foram bater com o nariz na porta do Laura Alves, com um bilhete na mão que já não dava direito a coisa nenhuma. Esse bilhete era o da noite em que a luz faltou em Lisboa. Os espectadores, nessa noite, deixaram de ver a cama que era para toda a gente e partiram com a promessa de que o bilhete era válido para qualquer dia da semana seguinte (a

que passou). Só que na semana seguinte já nem cartazes havia nas paredes e um funcionário do Teatro informava a quem lá ia que o Camilo de Oliveira tinha adoecido

(houve, também, quem dissesse que quem estava doente era a la Apoloni).

Fomos, depois, informados de que os bilhetes da noite em que fal-

tou a luz serão válidos para a revista do Monumental. E quem já tiver visto a revista?

Fora de causa está o facto de valer ou não a pena assistir a qualquer

destes dois espectáculos. Só se fala aqui de bilhetes que deram direito a metade de uma peça. O que, convenhamos, não é propriamente o que se pode considerar uma coisa agradável...

NUNO GOMES DOS SANTOS

CONTABILISTAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, funções de estudo e programação, mediante prestação de provas.

Condições:

- Curso dos Institutos Comerciais.
- Prática de movimento de escritório, especialmente contabilidade.

Resposta a este jornal, ao n.º 620, com indicação do «curriculum vitae» e vencimento pretendido.

AGENTES TÉCNICOS

DE ELECTROTECNIA E MÁQUINAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, para funções de estudo e programação, com experiência comprovada.

Resposta a este jornal, ao n.º 619, com indicação do «curriculum vitae».

AGENTES TÉCNICOS

DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, com experiência comprovada na orientação e execução de projectos de construção civil: com prática de construção civil em geral e de acabamentos em especial.

Resposta a este jornal, ao n.º 618, com indicação do «curriculum vitae» e vencimento pretendido.

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

HOJE — SÁBADO — HOJE

HOMENS — SENHORAS — E CRIANÇAS — Encontram na LUNA-PARQUE de Entrecampos, o maior motivo para um FIM-DE-SEMANA bem passado

E ENQUANTO SE DIVERTEM SE A SORTE OS FAVORECEM PODER FICAR COM BONS PRÉMIOS

NO PASSATEMPO DESPORTIVO A VOLTA VISTA DA FEIRA

* ÚLTIMO DIA DE VOTAÇÃO *

ETAPA: SANTARÉM-SINTRA — tem os seguintes prémios:

- 1.º — UM RELÓGIO TIMEX
- 2.º — UM FERRO ELÉCTRICO
- 3.º — UM RÁDIO TRANSISTOR
- 4.º — UMA MESA TEL-BAR-TABLE
- 5.º — UMA MESA TEL-BAR-TABLE

Gentil colaboração dos RELÓGIOS TIMEX e da conceituada CASA PESSANHA BELLÁ, Rua Aurca, 200, 5.º — Lisboa

A FEIRA ABRE ÀS 15 HORAS

BANCO DO ALENTEJO

Filial de Lisboa: Praça D. João da Câmara, 18



de 150.000 para 240.000 contos

Emissão de 600 000 acções do valor nominal de 150\$00 cada, autorizada por portaria de 7 de Agosto de 1972, publicado no «Diário do Governo», 3.ª Série, de 16 de Agosto de 1972.

Este aumento do capital social efectua-se nas seguintes condições:

1-EMIÇÃO DE 400.000 ACCÇÕES, RESERVADAS AOS ACCIONISTAS

Por cada CINCO acções que possua, o accionista pode subscrever DUAS novas acções mediante o pagamento de Esc. 250\$00 cada, acrescido do Imposto de Mais-Valias de Esc. 60\$15. O accionista deverá indicar no boletim de subscrição se está interessado no eventual rateio das acções não subscreitas.

2-EMIÇÃO DE 200.000 ACCÇÕES, DESTINADAS A SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

Pelo valor de Esc. 900\$00 cada, sujeita a rateio.

Prazo de subscrição de **28 a 31 de Agosto** de 1972 na Sede, Agências e em Lisboa na Av. da República, 3-B; no Porto através do Banco Fonsecas & Burnay.

Todas as importâncias serão liquidadas no acto da subscrição.

As acções a emitir terão direito à totalidade do dividendo de 1973.

Os accionistas devem apresentar, no acto da subscrição:

- a) os títulos desde que se trate de acções numeradas de 1 a 500 000;
- b) o cupão n.º 1 das acções numeradas de 500 001 a 1 000 000.

As importâncias relativas a acções não atribuídas após rateio, serão devolvidas a partir de 15 de Setembro de 1972.

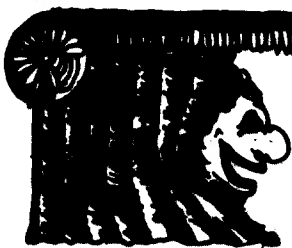
Prevê-se a substituição das cautelas representativas das acções atribuídas pelos títulos definitivos a partir de 31 de Outubro de 1972.

Prospecto elucidativo poderá ser obtido nos balcões do Banco do Alentejo e, no Porto, no Banco Fonsecas & Burnay.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Banco do Alentejo ascenderão a 500 350 000\$00.

Lisboa, 24 de Agosto de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



O DIA EM QUE MARILYN ADORMECEU

● UM

Na madrugada do dia 5 de Agosto de 1962, Norma Jean Baker, conhecida pelo mundo como Marilyn Monroe, num momento de desesperada solidão busca o sono eterno dos soporíferos. Na manhã seguinte o seu corpo é encontrado, as mãos caídas, buscando o telefone. Norma Jean esperava — quem sabe — como as doces, brancas e puras virgens medievais, o cavaleiro andante que, surgido da noite, a pudesse resgatar dos braços da morte. Mas, do outro lado do fio, ninguém respondeu. Ela estava só, desprotegida em sua nudez.

Com o dia — que ninguém lembrou se era de sol ou de chuva — a notícia explodiu. As palavras brotaram nos teletipos. Atravessaram o mundo em desordenadas ondas eléctricas para atingir as redacções em períodos curtos, nervosos, incisivos. Marilyn Monroe estava irremediavelmente morta.

Alguém bradou: «Solitários do mundo inteiro, uni-vos!»

Mas os solitários estavam fechados na solidão e ninguém ouviu o grito, agora repetido todos os anos, em Agosto.



Marilyn Monroe em 1951

● DOIS

Hollywood é um bairro de Los Angeles e uma palavra que foi a mais importante de todas, no vocabulário de Norma Jean, na vida e na morte. Hollywood Bowl, Hollywood dream, happy Hollywood, unhappy end.

Durante uma dúzia de anos, durante 4.380 dias, Norma Jean, transformada em Marilyn, pensou que tivesse o glamoroso subúrbio de Los Angeles a seus pés. Como o mundo. Teve? E para quê?

Um contrato cinematográfico rescindido foi o bastante. E as Louelas Persons e Heddas Hopper da vida bradaram como carpeideiras gregas: «foi Hollywood, Hollywood matou Norma Jean».



Com Groucho Marx (1950)

● QUATRO

Interrogações em Hollywood: «Para quem seria a sua última chamada?»

E do grosso catálogo telefónico, saltam dois nomes como hipóteses. Arthur Miller, seu ex-marido. John Fitzgerald Kennedy, Presidente da República e seu confesso admirador.

Por quê — pergunta-se ainda — as campanhas telefónicas ti-lintaram em vão nesta noite de angústia? Quantos aparelhos telefónicos existem em Hollywood?

Ninguém responde. Tome um catálogo e faça você mesmo a contagem. O bairro também está a morrer. O desenlace é esperado a qualquer momento, embora seja longa a sua agonia.

Estas foram algumas palavras que assinalaram a sua vida. Outra, Jail, que em português quer dizer cadeia, talvez fosse ainda a que mais a marcasse. Ela sofria ao pensar em sua mãe, Miss Motensen, que estava encerrada num sanatório para psicopatas, desde o tempo em que ela, Norma, era uma criança. «Ela vive encarcerada» dizia, in the jail.

Ben Lyon chefe do Departamento de Seleção e Recrutamento da Fox; Tom Kelley, fotógrafo; Darryl F. Zanuck, super-produtor. Esses são alguns nomes ligados ao princípio de sua vida. Norma trocando a fábrica de para-quedas onde era operária, pelos estúdios da Fox. Norma, já transformada em Marilyn, sorrindo quando Zanuck berrava, á sua passagem: — Que bela gata!

● CINCO

Beleza, virtude e vício, glória e amargura, sorriso e lágrimas.

● SEIS

O casamento com Joe di



Com Don Murray, em «Bus Stop» (1956)



Com Jane Russel (1953).

Maggio de baseball. Durou pouco, mas agora, em 5 de Agosto de 1912, ele é o único a chorar sua morte.

Quem mais chorou por Norma Jean Baker?

O princípio da carreira em Sunset Boulevard, ao lado de Glória Swanson, William Holden e Eric Von Stroheim. A quase estrela em Asphalt Jungle, dirigida por John Houston. A estrela em Gentleman Prefer Blondes, How to Marry a Millionaire, River of no Return, The Seven, Year Itch, The Misfits e no inacabado Something's Got to Give.

Realmente, alguma coisa teria de partir-se.

● SETE

Outro casamento. Depois de

Joe Di Maggio, o atleta, um intelectual, Arthur Miller. Aquele que escreveria para ela, exclusivamente para ela, um filme cujo título The Misfits (Os Desajustados), trazia em si o projecto de uma reestruturação, a possibilidade de uma auto-análise, a envergadura de um psicodrama.

Marilyn, a diva, por influência de Arthur Miller, o intelectual, frequentando o Actor's Studio de Lee Strasberg, ao lado de Marlon Brando, James Dean, Montgomery Clift (dizem que ele morreu por ela), Lee J. Cobb, Rod Steiger, Eve Marie Saint, Paul Newman e Joanne Woodward.

Elia Kazan declarou que Marilyn frequentava o Actor's Studio como uma atitude promocional. A maternidade frustrada. Marilyn queria filhos, mas nunca

os teve. Cinco abortos. No fim, em 1962, quando estava novamente grávida, de Arthur Miller, seu último marido, a sentença dos médicos, cruel e definitiva: «Caso você consiga ter este filho, ele não será normal.»

Dizem que Marilyn escreveu poemas antes de morrer.

● OITO

Marilyn, as suas festas, o seu ouvido atento aos tristes blues ou ás percussões mais excitantes. Os seus barbitúricos e as suas noites de franca trepidação. O receio de não encontrar em sua casa o sono que raras vezes a esperava. Os amigos (ah, os amigos) que gostavam de sair com ela e que até riam de suas bebedeiras nos bares da moda, reunidos num mesmo sorriso pelos flashes dos fotógrafos a soldo dos estúdios.

Mas quem bebeu com ela a taça da solidão?

● NOVE

É Norma Jean, as coisas estavam muito difíceis, há dez anos, para você. Talvez você carregasse consigo o pesado fardo da santidade, uma outra espécie de santidade, justamente aquela que se faz sentir na busca incessante da realização puramente humana, no aprendizado constante e ininterrupto da felicidade.

Para os puritanos, Marilyn, você foi o símbolo vivo do pecado. Eles nunca perceberam a sua inocência. E que o pecado, que sempre morou ao seu lado, nunca a alcançou.

Perdoa-os, portanto.

● DEZ

O dia 5 de Agosto de 1962 é um dia, triste no mundo inteiro. Em Hollywood, bairro elegante de Los Angeles, os fotógrafos estão a trabalhar á volta do corpo nu de Norma Jean Baker. Explodem dezenas de luzes azuis e sua última imagem está para sempre fixada. Os jornais, na América e Europa, gritam em manchetes sensacionais a morte de Marilyn Monroe. Artigos lacrimosos contam para os povos a frustração que foi a sua vida. Os seus segredos, mesmo os mais íntimos, são já de domínio público. Sobre o cadáver do ídolo, a humanidade dança, num ritual de bárbaros.

E os solitários, no mundo inteiro, estão mais solitários do que nunca. Acabam de descobrir que a solidão mata.

Como o cancro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António José C. Almeida, Av. James Gilman, 8-A. SACAVÉM

PARA QUEM TERIA SIDO A SUA ÚLTIMA CHAMADA?

DL/DOMINICAL

VIDA MODERNA

"NÓS, OS NEGROS, SOMOS BELOS"

Verifica-se actualmente uma procura crescente de raparigas de raças de cor para modelos da indústria publicitária britânica.

As feições de raparigas africanas, das Caraíbas, indianas ou asiáticas aparecem cada vez mais nos postos de venda de revistas, nos cartazes de parede e nos ecrãs de televisão.

Eis a história de uma nova espécie de «revolução negra» no Reino Unido.

«Nós, negros, somos belos», o slogan com que a raça afron-mericana tentou pela primeira vez, há alguns anos, neutralizar os seus complexos de inferioridade nos Estados Unidos, é uma frase que repetem actualmente os peritos da indústria publicitária na Grã-Bretanha, ainda que se trate de brancos. O que isto quer dizer, e o mesmo acontece com os seus colegas dos meios dos espectáculos públicos e da moda, é que tomaram consciência da força de atracção que exerce a beleza das diversas raças de cor. As feições exóticas das moças de África, da Ásia e das Caraíbas, aparecem cada vez mais nos quiosques de revistas, nos cartazes de parede e nos ecrãs de televisão.

«As raparigas negras não perderão nunca mais esta posição», disse Tamara Joseph, modelo e actriz de 22 anos, oriunda da Guiana. Já fez uma série de passagens de modelos e conta com algumas actuações na televisão. Tamara acrescenta: «E este processo não poderá deter-se.» «Por outro lado David

dos tomates em lata, quer seja para aumentar o consumo de ovos, se utilizem, pelo menos uma vez por outra, modelos ne-

gros. De resto acaso os negros não comem ovos ou tomates em lata?»

Um fenómeno recente que atesta a importância que a população de cor tem vindo a adquirir no mercado de consumo britânico, é o facto de terem aparecido nas montras uma série de produtos para peles escuras. Até há pouco tempo as mulheres de cor tinham que se maquiar com cosméticos vulgares ou recorrer aos produtos utilizados no teatro, mas agora podem obter produtos especiais nas casas de artigos de beleza. E isso significa que há naturalmente um mercado de trabalho mais largo para modelos de cor.

OPORTUNIDADES

No entanto, não se deve sòmente a esse novo sector da população consumidora o aumento das oportunidades de emprego desses modelos, mas, sobretudo, ao efeito da crescente internacionalização de uma cidade como Londres. E a opinião, por exemplo, de Bina Shivasani, modelo indiano de 23 anos, que acha que em Londres, depois de ter estado, nesse aspecto, a seguir a Roma, Paris e Nova York, actualmente a presença das raças amarelas, ne-

gras orientais é praticamente imprescindível em qualquer projecto de publicidade comercial, televisada, etc.

Como conseguem as raparigas dessas raças penetrar no mundo altamente competitivo dos modelos? Trata-se normalmente de uma combinação de talento, aplicação ao trabalho e sorte. E, sendo assim, não há grande diferença entre ser branca ou negra. Um dos modelos de cor mais cotados de Londres foi lançado na carreira depois de ter ganho, há alguns anos, o título de miss Guiana. O seu rosto converteu-se em algo de familiar para o mundo inteiro, quando participou num conhecido anúncio da televisão, de uma marca de café instantâneo. Outra rainha de beleza que se tornou modelo foi uma ex-miss Índia. Também ela obteve um contrato importante que foi o começo de uma grande carreira, e que consistiu no seu aparecimento num anúncio das linhas aéreas comerciais do seu país. Quase sempre é através de um desses contratos que uma rapariga consegue popularizar-se como modelo. Basta que o agente diga ao seu cliente potencial: «Que lhe parece um modelo como o da linha aérea comercial da Índia?»

A resposta é normalmente: «Claro que sim.»

EXIGÊNCIAS

O sucesso de algumas destas moças de raças de cor impulsio-nou, como é natural, outras a tentarem também a sua sorte.

No entanto, as decepções numa profissão como esta, são inevitáveis. Não se trata sòmente de possuir uma beleza exótica, mas é também exigida uma dedicação total ao trabalho. Por detrás da fachada de sedutora e excitante deste tipo de trabalho, esconde-se uma indústria com grandes exigências profissionais.

Os melhores modelos assim o entendem e englobam essa noção no que poderia chamar-se a sua filosofia da vida.

Seja como for, a situação das raparigas de cor é agora tal, que uma delas, que tem também alcançado grandes êxitos, Merdel Jordine, de 23 anos, e oriunda da Jamaica, pôde dizer: «Encanta-me ver que tantas negras bonitas estejam a arranjar emprego e sejam mostradas como imagens idealizadas da beleza. Desta maneira não só se cria um novo mercado para a mulher negra consciente da moda, mas contribuiu-se também para intensificar o orgulho dos negros.»



Miss Merdel Jordine, de 23 anos, oriunda da Jamaica, um dos mais conhecidos modelos de Londres.

ALFRED TENBY
(ADS-DL)

Mainman, director de uma agência de modelos especializada nas raças de cor, declara: «Há alguns anos os clientes procuravam raparigas de feições europeias e tez clara ou com um bronzeado de aspecto saudável. Mas agora as de cor estão a ganhar a batalha.»

NEGROS

A principal razão que explica esta mudança, após séculos de isolamento insular, é precisamente o facto de o Reino Unido se estar a converter cada vez mais num país cosmopolita e multirracial.

Cerca de 2 a 3 por cento da população total inglesa é composta por imigrantes procedentes, na sua maioria da Ásia ou das Caraíbas, ou pelos seus descendentes, e quase todos eles se estabeleceram neste país nos últimos 15 a 20 anos. É óbvio que os industriais e os comerciantes, cujo negócio gira à volta do produto de consumo, não perderam de vista esse fenómeno. Um modelo da Nigéria, My-nah Bird, de 22 anos, que apareceu em anúncios de vários pro-

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES • SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

THE BAKER TWINS VEGETAS
DA RÁDIO E DA TV INGLESA

LIDIA RIBEIRO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

ERNEST MONTEGO Famosa atracção mundial

BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S" FERRER TRINDADE e sua orquestra

NADJA NADLOVA SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos



Quando um espectáculo televisivo é tão importante como os JOGOS OLÍMPICOS de Munique o melhor lugar é diante de um televisor

Radiola

com a comodidade a que V. tem direito

10 MODELOS À SUA ESCOLHA!

EXCELENTES CONDIÇÕES DE VENDA EM QUALQUER AGENTE RADIOLA



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João de Deus PRAIA DA ROCHA

PÁGINAS SECRETAS DA GUERRA DOS MARES

CORSÁRIOS COM SUÁSTICA

Durante o último conflito mundial, navios alemães armados e camuflados de inofensivos cargueiros afundaram centenas de embarcações aliadas. Estavam armados com canhões de 150

mm, lança-torpedos, metralhadoras e minas. Modificavam o aspecto mediante super-estruturas e disfarces, mudavam de nome e de pavilhão.

O corsário encontra-se a cerca de 350 milhas de Montevideo, no Uruguai.

O Sol nasceu há pouco, o horizonte está nítido. De repente, os vigias avistam três unidades inimigas em linha de fila: são os cruzadores ligeiros ingleses **Ajax** e **Achilles** e o cruzador pesado **Exeter**.

«Alarme geral e avante a toda a força!», ordena Langsdorff. O alarme, dado com toques de claxon, ressoa pelo navio, e cada um corre para o seu posto: as torres começam imediatamente a vibrar, o **Admiral Graf Spee** está pronto para o combate. São 6 horas e 18 minutos do dia 13 de Dezembro de 1939.

«Feuererlaubnis! Abrir fogo!», grita Langsdorff. Dois minutos depois o **Ajax** faz outro tanto, imitado pelo **Achilles** e pelo **Exeter**. Sobre este último caem certas algumas salvas do **Admiral Graf Spee**; completamente desmantelado, devorado por violento incêndio, o **Exeter** segue a deriva como um archote flutuante abandonado.

Porém, o navio alemão registou também graves danos. Langsdorff decide conduzi-lo para um porto neutral. Entretanto, o **Ajax** e o **Achilles** seguem-lhe na esteira, não cessando de comunicar via rádio, a sua velocidade e a sua rota. As mensagens foram recolhidas pelos cruzadores ingleses **Cumberland** e **Renown**. O crepúsculo está a descer por detrás das montanhas da Sierra

de las Animas. Transporta a ilha dos Lobos, o **Admiral Graf Spee** entra no Rio de la Plata e, à meia-noite lança ferro na baía de Montevideo.

Não obstante a hora tardia, a notícia da arribação difunde-se num abrir e fechar de olhos pela capital uruguaia, e uma enorme multidão acorre ao porto; todos querem ver o famoso couraçado «de algibeira» que já tanto deu que falar de si. Segundo as convenções internacionais, o governo neutral concede ao forçado hóspede unicamente o tempo necessário para as reparações: quarenta e oito horas.

No dia seguinte, Langsdorff expede para Berlim, para SKL (**See Kriegs Leitung**, órgão directivo germânico da guerra nos mares longínquos), um relatório cifrado no qual diz: «Perto do estuário do Rio de la Plata estão a aguardar-nos os cruzadores **Ajax Achilles, Cumberland, Renown**, e ainda, o porta-aviões **Ark Royal** com os seus sessenta aparelhos. Pergunta-se, portanto, se se deve fazer ao mar largo, não obstante as preponderantes forças que até se encontram de emboscada ou se preferir o desarmamento do navio com o consequente internamento da tripulação no Uruguai...»

O grande almirante Raeder dirige-se imediatamente a Hitler. Após o colóquio segue um despacho de resposta: «...Desarmamento e internamento excluídos. Saia de Montevideo e procure atingir Buenos Aires, combatendo se necessário — no delta do Rio de la Plata. Dado o caso de ser absolutamente obrigado a isso, afunde o navio, efectuando destruição total».

Sobre Langsdorff desce uma angústia mortal. Em 16 de Dezembro transfere para o petroleiro alemão **Tacoma**, que se encontra no porto, uma boa parte da sua tripulação. Com um restrito número de voluntários, o corsário à noite, levanta ferro. Uma multidão de trezentas mil pessoas assiste à largada.

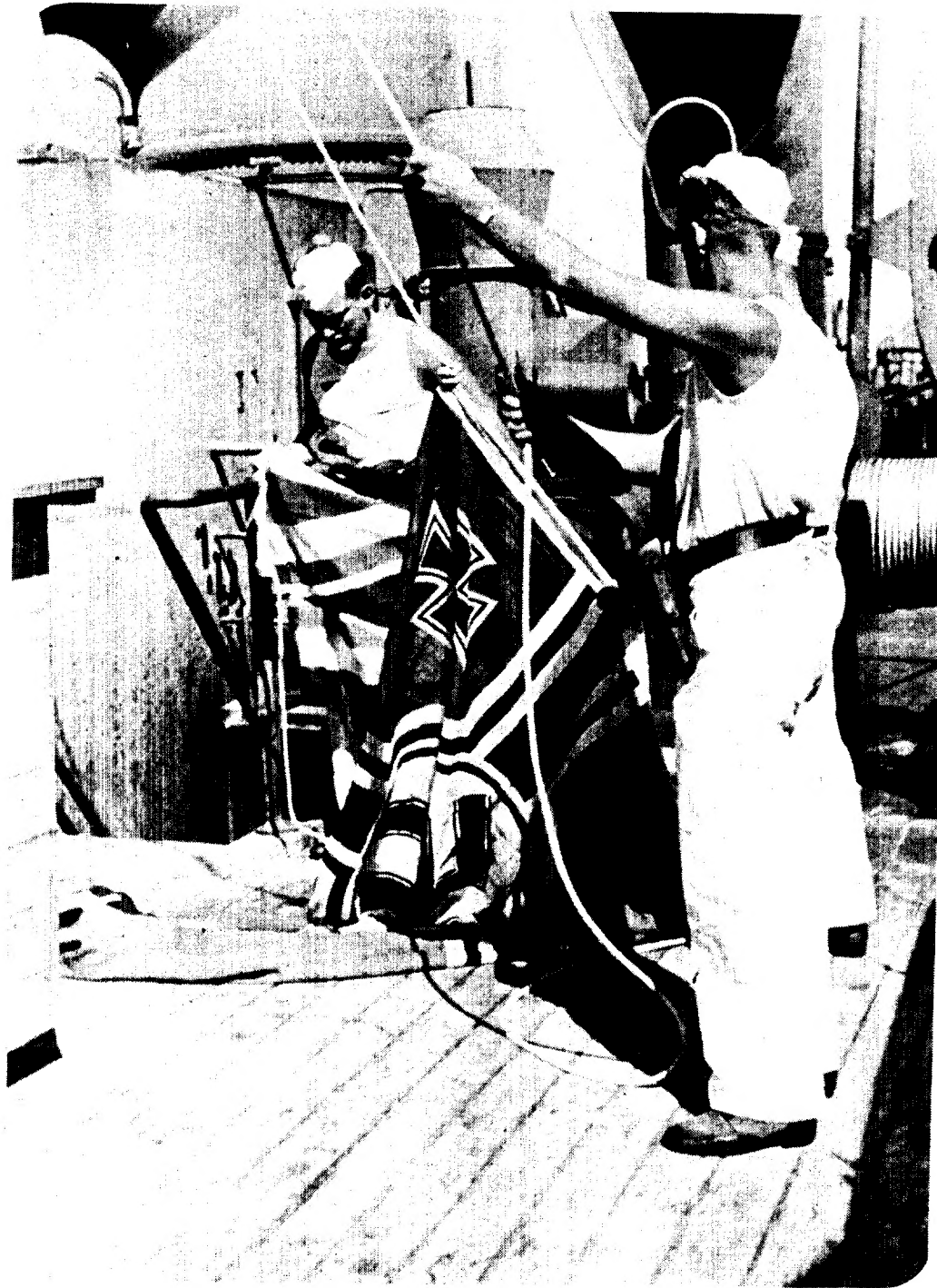
O **Admiral Graf Spee** segue o canal delimitado pelas bóias. A três milhas da última, Langsdorff manda parar os motores e colocar os morrões. Rígido, de cabeça descoberta, com o rosto voltado para a bandeira, rende a última homenagem ao seu navio. Depois, com extrema lentidão, desce da ponte e a escada de portaló e junta-se aos oficiais e marinheiros já nas embarcações que se destacam do couraçado e se afastam. O olhar de cada um permanece fixo naquele lugar que vai ficando para trás. Mais tarde, três pavorosas explosões sacodem o ar.

O comandante Hans Langsdorff obedeceu, porém, a derrota é demasiado dura de suportar. No dia seguinte, num recanto do arsenal de Buenos Aires, suicida-se com um tiro de pistola. Num dos bolsos do uniforme é encontrada uma carta endereçada ao Comando Supremo da Marinha Alemã: «...Apenas a minha morte pode provar que as forças combatentes da Alemanha estão prontas a perecer pela honra da sua bandeira. Só a mim cabe a responsabilidade do afundamento do couraçado «de algibeira» **Admiral Graf Spee**».

Com este adeus conclui a sua aventureira missão de «corsário» da Segunda Guerra Mundial.

Recordámos o destino, bem conhecido do **Admiral Graf Spee**; mas outros corsários sulcaram os oceanos, com destinos diferentes durante o último conflito. Quais os seus objectivos? Tão secretos quanto decisivos. Quando da eclosão da guerra, a Alemanha encontrava-se num estado de desconsoladora inferioridade nos campos dos navios de superfície, e isto poderia ser fatal na luta contra a Grã-Bretanha, forte sobretudo nos mares.

A SKL, compreende que, seguindo uma conduta ortodoxa no emprego das unidades de superfície, estas seriam bem depressa dominadas pela preponderância inimiga; é preciso pois, um plano bem preciso:



MARINHEIROS de um corsário alemão, içando a sua bandeira num navio britânico acabado de capturar (Setembro de 1941)

interromper e destruir por todos os meios as comunicações marítimas do adversário; evitar recontros com forças superiores, especialmente no caso em que o comandante veja vedada toda a possibilidade de vitória; mudar frequentemente a zona de operações, para desorientar o inimigo.

São, então, criados os corsários. No Reich, os trabalhos de transformação prolongam-se por todo o Inverno de 1939-1940. Os navios, camuflados, são cada um deles uma caixa de supresas, de truques. Escolhidos prevalentemente pela autonomia, têm um aspecto inofensivo até ao momento em que as vítimas lhe chegam ao alcance de tiro. Devem ser mestres no disfarce, que consiste não apenas na mudança de pavilhão e de nome, mas também da fisionomia total mediante o uso de chaminés e de mastros móveis, o recurso

a falsas super-estruturas, a presença de carga fictícia sobre a ponte, etc. Às vezes, homens da tripulação vestem-se de mulher para aumentar a ilusão de que se trate de um pacífico navio mercante. Mas o armamento — invisível — é notável: seis ou oito canhões de 150 mm, metralhadoras pesadas e ligeiras, tubos lança torpedos, centenas de minas e

um ou dois aviões de reconhecimento.

No livro SKL chama (SKL **chama**, livro que sairá dentro de poucos dias, ditado pela Editrice Mursia (Itália), na colecção «Biblioteca del mare») Dobrillo Dupuis dá-nos um quadro eficiente destes corsários e das suas incursões,

Continua na pág. seguinte

**BRASIL
EXPORT
72**

FEIRA BRASILEIRA
DA EXPORTAÇÃO
5 a 14 de Setembro
SÃO PAULO

VISITE A MAIOR E MAIS
IMPORTANTE EXPO-
SIÇÃO DA AMÉRICA
LATINA

PROGRAMAS
E INFORMAÇÕES NA

Agência de Viagens
CATUR
C.A.M. DA BIBLIOTECA PÚBLICA
TEL. 674.6 - HOJ. 1.580.2

DACTILÓGRAFAS

Admitem-se para empresa em Lisboa, possuindo como habilitações mínimas a secção de letras do 2.º ciclo liceal ou equivalente. Resposta a este jornal ao n.º 622

Caine e o cadáver a sério

LONDRES — O actor Michael Caine, protagonista de várias películas de espionagem, acaba de viver, na sua residência de Londres, um episódio que poderá servir talvez de tema para o seu próximo filme. Das suas janelas Caine viu nas águas do Tamisa um cadáver a boiar, o qual foi depois identificado como o de um homem reformado de 66 anos, que morava em Windsor. Assim, Caine, descobriu desta vez mesmo um cadáver a valer.

VISCONTI JÁ ESTÁ MELHOR

O estado de saúde do realizador italiano Luchino Visconti já não inspira cuidados, segundo se depreende das declarações dos médicos que o assistem na clínica Neurocirúrgica do Hospital Cantonal de Zurique. O problema de Visconti tinha origem, afinal, em perturbações circulatorias no cérebro. De qualquer modo, Luchino permanecerá no hospital ainda mais um mês.

ANTÓNIO RENOVA REPORTÓRIO

MADRID — O bailarino espanhol António está a trabalhar em Madrid numa série de bailes para a próxima temporada. Entre as obras que tenciona

apresentar contam-se «O Concerto Andaluz» de Joaquim Rodrigo, «O Amor Mágico» e o «Tricórnio» de Manuel de Falla e as «Seis Peças» de Albeniz.

DL/DOMINICAL

HISTÓRIA

Continuação da página anterior

temidas pelo Almirantado inglês, mais do que as acções dos verdadeiros vasos de guerra.

As grandes unidades da marinha alemã como os navios de batalha **Scharnhorst**, **Gneisenau**, **Tirpitz**, **Bismarck** e os cruzadores pesados **Admiral Hipper**, **Blucher** e **Prinz Eugen**, não podem ser considerados verdadeiros e perfeitos corsários, pois faziam breves sortidas com o preciso objectivo de atacar comboios completos dos aliados ou para se empenhar em combates com navios semelhantes. Dessas unidades, a única que tentou algumas incursões corsárias, foi o **Hipper**, construído em 1937 e dotado de um armamento formidável: oito canhões de 203 mm, doze de 105 mm, outros doze de 37 mm; doze tubos torpedos e dois aviões de reconhecimento. Para os seus múltiplos empregos, e segundo as necessidades, o **Hipper** é um pouco considerado o faz-tudo: escoltou comboios no Mar do Norte, transportou tropas durante a campanha da Noruega, participou nas saídas do couraçado **Tirpitz**, serviu, finalmente, de coorte para desviar uma formação naval inimiga nas proximidades do Cabo Norte.

Como corsário, não tem, todavia, muita sorte: não obstante poder fazer 33 nós, o **Hipper** está pouco adaptado para operações de longa duração; além disso, tem contínuos aborrecimentos com o aparelho motor. Após um par de incursões no Atlântico, durante as quais afunda alguns navios, o cruzador, com as máquinas avariadas, refugia-se em Brest para reparações, até que a **SKL** de cide chamá-lo à Alemanha. Em Maio de 1941, o **Hipper** volta à pátria através do Estreito da Dinamarca e entra no porto de Kiel. (Aqui durante o violento ataque aliado de 3 de Abril de 1945, é literalmente adornado pelas bombas e destruído.)

Frequentemente, as missões dos corsários têm um trágico fim. Na zona meridional do Atlântico por exemplo, já nos fins de 1941, uma má estrela parece brilhar na guerra naval alemã. Vejamos o que aconteceu anteriormente.

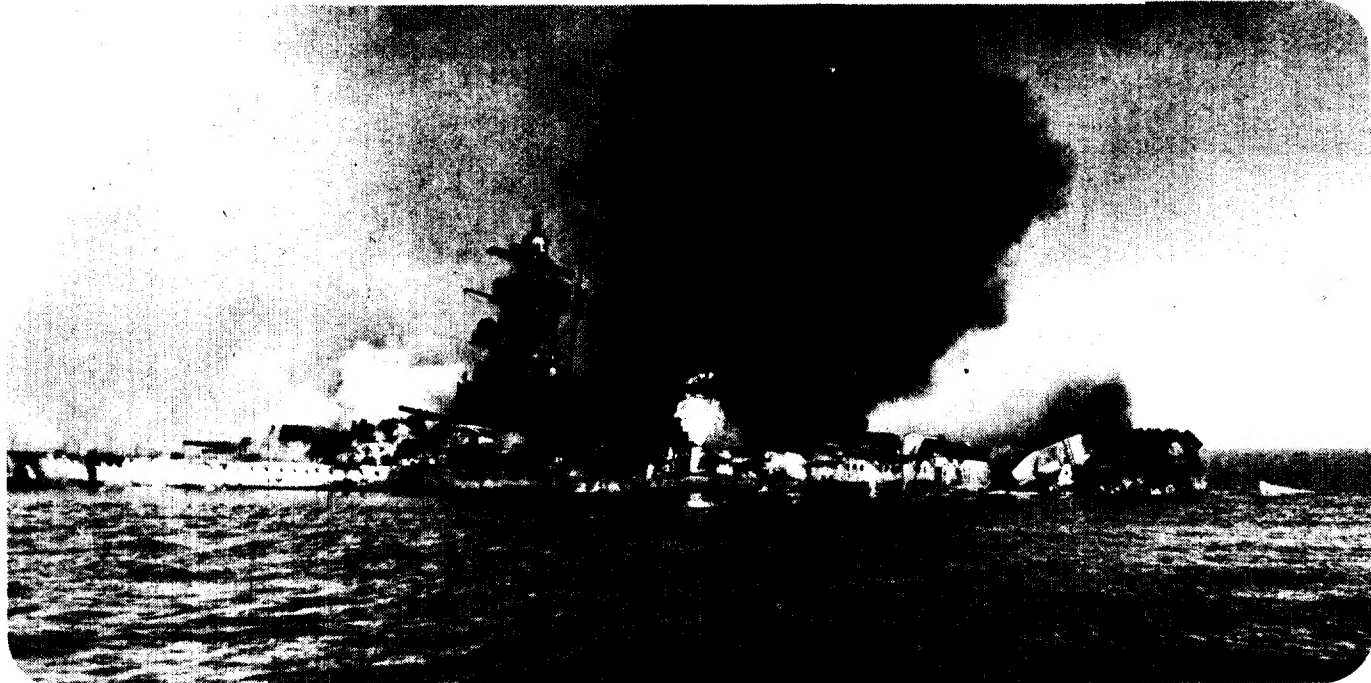
Em Março de 1940, o **Atlantis** larga da Alemanha sob o comando do capitão do corveta Bernhard Rogge, de cerca de quarenta anos. Homem de carácter leal, Rogge, embora imponha a si próprio e aos outros uma rígida disciplina não abusa nunca da sua patente. A tripulação é composta por 19 oficiais e 347 sargentos e praças. O **Atlantis** permanece no mar 664 dias consecutivos batendo o máximo de navegação ininterrupta e percorrendo bem 112.000 milhas.

Naquele tempo, operando sobretudo no Oceano Índico e no Pacífico mete a pique 22 navios (com um total de 146.000 toneladas) de todos os tipos e bandeiras: ingleses, franceses, holandeses, noruegueses, americanos, egípcios; beligerante ou não, o navio interceptado, se não tem os documentos em ordem, é inexoravelmente riscado da superfície das águas. Na sua maioria, trata-se de navios de carga, petroleiros, transportes de tropas, mas não faltam — acidentalmente — os navios de linha com passageiros a bordo. Mais de 500 prisioneiros circularam pelo convés do **Atlantis**: mulheres, crianças, velhos, homens de todas as cores, personalidades, cientistas. Algumas presas foram expedidas para a Alemanha carregadas de seres humanos, de víveres, de mercadorias, mas nem todas chegaram ao seu destino.

Em 22 de Novembro de 1941, Rogge encontra-se no Atlântico, a sul do equador, para re-

bastecer de carburante num ponto de encontro preestabelecido, o submarino **U-126**. O comandante do submersível tenente de corveta Bauer, dirige-se de escalar a bordo do **Atlantis** para discutir com Rogge os pormenores da operação. A conversa em breve é interrompida pelo aparecimento de um cruzador britânico, o **Devonshire** que recebeu precisamente do Almirantado inglês o encargo de procurar naquela zona navios de reabastecimento de submarinos alemães. (Na origem da acção estão as graves perdas infligidas pelos submarinos alemães ao tráfico mercantil inimigo.)

Um avião partido em missão de reconhecimento da ponte do **Devonshire**, avistou o **Atlantis**. Na situação de perigo que se desenha para o corsário, Bauer é impedido de voltar a bordo do submersível no qual o primeiro oficial de guarda toma a decisão de imergir. Porém, o cruzador inglês está ainda tão longe que não oferece nenhuma possibilidade de ataque. A distância consente, pelo contrário ao **Devonshire** de alvejar o **Atlantis** sem lhe sofrer o bombardeamento, pois os canhões alemães não têm alcance suficiente para o atingir. Bem depressa o corsário é uma amálgama de chapas retorcidas, de escória fumegante. Toda a resistência é inútil; Rogge dá ordem para abandonar o na-



O COURAÇADO **Admiral Graf Spee**, afundando-se no Mar da prata, depois de ter sido interceptado pelos ingleses

Logo que tem notícia da desgraça, a **SKL** envia para o local outros dois submarinos que operam no Atlântico central, o **U-124** (tenente Mohr) e o **U-129** (tenente Clausen) para auxiliar no reboque. Durante a viagem o **U-124** afunda a cerca de 240 milhas a Nordeste dos rochedos de S. Paulo, o cruzador

bro de 1941 pelo cruzador inglês **Dorsetshire**.

Para salvar os 414 naufragos do **Atlantis** e do **Python** estão disponíveis na zona quatro submarinos pelos quais os homens das duas tripulações são distribuídos. Agora, a bordo o amontoado de gente é tal que impede aos submarinos qualquer possibilidade de combate. Com temperaturas que atingem 40 graus no interior, é tomado o caminho de regresso através do equador. Serão, depois, quatro submarinos italianos a recolher metade dos sobreviventes. Todos os oito submersíveis atingem indenes a base. Uma notável operação de salvamento, num percurso de mais de 5.000 milhas, leva plenamente a bom termo.

O êxito dos navios corsários é eficaz como breve porque antes ou depois, a maciça caça

do inimigo tira-os da circulação. O comando supremo da marinha alemã encontra-se constantemente sob pressão para conseguir ter prontas novas unidades que substituam as perdidas.

Entre os novos «recrutados» há o **Kandelfels**, uma grande motonave mista da companhia «Hansa», que se transforma em **Pinguin**: o mais célebre corsário da Segunda Guerra Mundial. O seu armamento é constituído por seis canhões de 150 mm, quatro tubos lança torpedos, cinco metralhadoras, quatrocentas minas, tudo oculto atrás de uma mimetização de madeira contraplacada. Em volta dos canhões e das metralhadoras são construídos grandes caixotes nos quais está escrito «mercadoria frágil», «mercadoria deteriorável»; por cima, estende-se um falso convés por forma a que nada seja visto do exterior. Graças a um engenhoso sistema de contrapesos, todos os preparos podem cair em poucos segundos, permitindo, assim, que as armas abram fogo imediatamente.

Sob o comando do capitão de corveta Felix Krüder, o **Pinguin**, camuflado de cargueiro russo, inicia a sua missão em 30 de Junho de 1940, transpondo o Estreito da Dinamarca e aprofundando ao Sul, para reabastecer um submarino alemão que estava sem nafta e sem víveres, assente e à espera de socorro, num baixio perto das ilhas de Cabo Verde. Completada a operação, Krüder muda de disfarce ao navio e hasteia a bandeira grega.

Transformado no navio mercante **Kossos**, o **Pinguin** atinge as proximidades da ilha de Ascensão, aonde, a 31 de Julho, apanha a primeira vítima: o cargueiro inglês **Domingo de Larinaga**, proveniente da Argentina com destino à Grã-Bretanha. A tripulação é transbordada e o navio, partido em dois por um torpedo que o atinge ao meio, afunda-se rapidamente. No seguinte campo de acção, o Oceano Índico, o corsário, em Agosto, põe a pique um par de unidades norueguesas. O petroleiro **Storstad** é capturado incólume e é imediatamente utilizado como auxiliar com o nome de **Passat**.

Agora, Krüder decide dar uma outra feição ao **Pinguin**, que assume uma identidade de pura marca britânica, a do navio mercante **Trafalgar**. Assim mascarado, aproa para a Austrália e juntamente com o **Passat**, em Outubro, coloca ao longo daquelas costas vastos bancos de minas que provocam a destruição de dez navios aliados. Nos primeiros dias de Novembro, o corsário rumo para Oeste, para a zona dos primei-

ros êxitos, e abate o cargueiro **Nowshera**. Os naufragos são recolhidos logo a seguir.

Dois dias depois é avistado um navio mercante, o **Maimona**, carregado de carne congelada: uma presa, portanto, preciosa. O **Pinguin** coloca-se-lhe a estibordo, enquanto o **Passat** o flanqueia por bombordo; começa assim o transbordo de uma centena de toneladas de carne. Mais tarde é a vez do **Port of Brisbane**, que tenta uma inútil quão desesperada resistência; em breve, amontoam-se no convés mortos e feridos e o comandante é obrigado a pedir a rendição.

Uma noite de Novembro, a **SKL** chama. É ordenado a Krüder que se transfira com a sua unidade, durante o início do Verão austral, para o Círculo Polar Antártico, aonde operam numerosos baleeiros com as suas fábricas flutuantes, para a pesca e laboração das baleias: as barbas, por exemplo, são indispensáveis para a fabricação de articulações artificiais para os milhões de mutilados em todas as frentes de guerra. Entretanto, está pronta para o comandante Felix Krüder, conclui a longa mensagem cifrada, a Cruz de Ferro.

Todos os prisioneiros são transferidos para o **Passat** que, excessivamente carregado, se dirige para um porto da França ocupada. Com precisão cronométrica, em 21 de Dezembro, solstício de Verão para o hemisfério meridional, o **Pinguin** atinge o Círculo Polar Antártico. A tripulação pode admirar uma das mais sugestivas paisagens: uma extensão sem fim de puríssima alvura, grandes icebergs à deriva. O Sol da meia-noite é um espectáculo fascinante. E o Natal, naquela branca solidão, subtilmente melancólico.

Em 28 de Dezembro o corsário avista e captura dois navios-fábrica noruegueses, **Ole Wegger** e **Solglimt**, acompanhados por seis baleeiros. No momento da perquisição efectuada pelo piquete alemão, sobre a coberta do **Solglimt** está a ser esquartejada uma baleia com 26 metros.

Nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março de 1941, o **Pinguin** cumpre numerosas empresas naquelas latitudes e os enormes quantitativos de produtos capturados são transbordados para um navio alemão prestes a regressar ao Reich.

Em Abril, o corsário renovava-se, envernizado de novo e com outro nome: **Tamerlane**; à popa é içada a bandeira norueguesa. Sob o novo disfarce vai até ao Oceano Índico, aonde afunda várias unidades inglesas; os correspondentes qui-



NÁUFRAGOS americanos a bordo do **Atlantis**, após o afundamento do seu navio

Continua na página seguinte

DL/DOMINICAL

HISTÓRIA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA ROSEIRAL AVISO

Estão abertas as inscrições para o próximo ano lectivo até 7 de Setembro, na R. Braancamp, 9-3.º (assistente social), com o seguinte horário: das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

A DIRECÇÃO

EXCURSÕES EM AUTOCARRO COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950\$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950\$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950\$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500\$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo		
Vale do Reno-Suíça-Andorra	20 dias	9.950\$00
Suíça-Austria-Itália	24 dias	12.500\$00
Guiza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850\$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo

Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254
Lisboa-Rua do Ouro, 242-Tel. 324306

Compañia Trasatlántica Española, S. A. MADRID

PARA:

**NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK**

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

VALVANUZ

esperado em 6 p. f.

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

LAGOTAINER LINE

para:

**GOTHENBURG — OSLO
ANVERS**

o porta-contentores «MONIKA BOS»
em 4 de Setembro p. f.

Recepção permanente de carga em contentores para os portos acima mencionados, bem como para qualquer outra localidade dos países referidos



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

END. TELEGR. ANTUNITA TELEX 1181-OREY, P
APARTADO 2233

INTERESSA ÀS SENHORAS SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas

PREÇOS INCRÍVEIS

BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — LISBOA

Continuação da página anterior

nhentos prisioneiros são transferidos para um segundo navio auxiliar, o *Adjutant*, que zarpa para a Alemanha. Também para o *Pinguin* é chegado o momento de regressar à pátria. Primeiramente, porém, deve reabastecer-se de combustível de provisões. Acordada uma tal decisão com a *SKL*, Krüder navega à procura de um petroleiro inimigo. A Noroeste das ilhas Seychelles avista o *British Emperor*, que tenta entregar-se à fuga e, entretanto, lança o alarme. Para o reduzir ao silêncio, Krüder é obrigado a abatê-lo a tiros de canhão. Porém, os sinais de advertência são captados pelo cruzador pesado britânico *Cornwall* que opera na zona. Quando Krüder vê o adversário avizinhando-se pela popa, compreende que a sua sorte está jogada. O combate desigual tem imediatamente início.

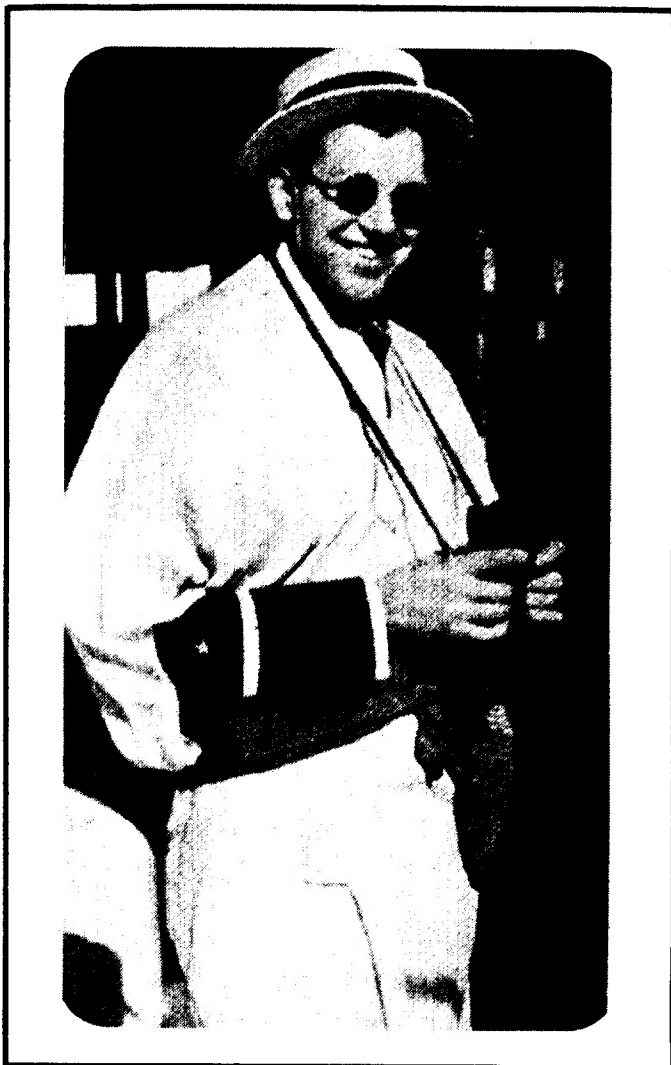
O *Cornwall* dispara com os seus canhões de 203 mm, o *Pinguin* responde com os seus de 150 mm e atinge frequentemente o alvo, provocando graves danos. Porém, uma salva inimiga desmantela o leme e o veio da hélice do corsário, que começa a girar sobre si mesmo, ao mesmo tempo que um incêndio irrompe na casa das máquinas. O fogo avança para o paiol aonde estão empilhadas 130 minas que, saltando, reduziriam a tripulação a estilhaços. Krüder ordena o abandono do navio. Os marinheiros lançam-se ao mar, mas enormes cardumes de peixes famélicos mordem-nos. Ferido no ventre, quase exangue, Krüder tenta arrastar-se até à sua cabina para destruir os códigos de guerra e os documentos secretos. Um indescritível estampido atinge o paiol; uma explosão terrível parte o *Pinguin* em dois bocados que se afundam instantaneamente. Sobre um deles encontra-se Krüder. Morre um instante antes do mar o engolir, em 8 de Maio de 1941.

Seguimos nas suas várias fases, até ao seu trágico epílogo, as longas incursões de alguns dos corsários alemães. Mas nem sempre lhes esteve reservada uma sorte tão trágica.

Com a tripulação formada na cobertura e vinte e uma bandeirinhas a tremular ao vento, tantas quantas as unidades inimigas afundadas ou capturadas, o *Admiral Scheer*, por exemplo, entra a 2 de Abril de 1941 em Kiel, aonde o aguarda o triunfo. Toda a cidade afluía ao porto para aclamar os marinheiros vitoriosos. Seguido por altos funcionários da *SKL*, o grande almirante Raeder sobe a bordo, recebido pela tripulação formada na cobertura, e abraça o comandante Theodor Krancke: «Fez um bom trabalho. Em nome do Führer confiro-lhe a insígnia de Cavaleiro da Cruz de Ferro e a Cruz de Ferro de primeira classe».

No decurso de uma campanha de cinco meses, corsário navegou 46.419 milhas e afun-

CORSÁRIOS COM SUÁSTICA



OFICIAL ALEMÃO DISFARÇADO DE TURISTA

dou 17 navios, totalizando 99.000 toneladas. Krancke adopta novas tácticas de engano: o *Admiral Scheer* começa a aproximar-se das suas prováveis vítimas como um cruzador inglês que esteja a efectuar controlos (ao que os comandantes dos navios mercantes já estão habituados há algum tempo); depois aumenta a velocidade e oculta a sua característica torre rendilhada da proa com um método engenhoso: dois canhões em elevação e um, o central, em leve depressão, a fim de dar o efeito óptico de uma torre germinada, padrão no armamento dos cruzadores britânicos. O truque funciona muitas vezes.

Krancke consegue o maior êxito em Novembro de 1940, no Atlântico Norte, atacando o comboio «HX-84», compostos por 37 navios protegidos apenas pelo cruzador auxiliar *Jervis Bay*, cujo comandante, capitão Fegen, enfrenta a desesperada batalha para consentir aos navios mercantes dispersarem-se. De facto, Krancke consegue afundar somente 5 navios, além do *Jervis Bay*, e afundar três; o ataque, no en-

tanto, desmorona todo o sistema de comboios ingleses durante um par de semanas.

Astuto em extremo, Krancke, chamado à pátria, espera o mau tempo para atravessar o Estreito da Dinamarca, evitando, assim, que o *Admiral Scheer* seja avistado pelos aviões inimigos. (Porém, em Abril de 1945, o navio não poderá furtar-se a um bombardeamento aliado no porto de Kiel. O antigo corsário embarca e vai a pique. Durante algum tempo permanecerá com a quilha a aflorar a água, como se fosse um enorme dorso de esqualo.)

Quando assume o comando do *Widder*, que sai para o mar em Maio de 1940, o capitão de corveta Helmut von Ruckteschell tem cinquenta anos de idade e provém de uma família prussiana e da reserva naval. Imbuído numa mentalidade prussiana, é considerado um duro.

O *Widder*, que opera no Atlântico central, afunda em Junho o petroleiro *British Petrol*. Sobre os cargueiros britânicos *Division* e *King John*, von Ruckteschell faz abrir fogo sem pré-aviso e destrói-os com poucas descargas. A mesma sorte toca ao petroleiro norueguês *Beaulieu* e ao holandês *Oostplein*. A 15 de Setembro é avistado o *Anglo Saxon*. Von Ruckteschell fica à espera da noite; quando nasce a Lua, avança a toda a força e aproxima-se do inimigo. De súbito, um torpedo parte do corsário, e o navio inglês parte-se em dois, e afunda-se. Ténues luzes acendem-se, tremulando sobre a água; são os naufragos que fazem sinais com os *flashlights* a sua posição; porém, von Ruckteschell ignora-os e ordena: «avante a toda a força». Processado como criminoso de guerra em 1947 e condenado a dez anos de prisão, justificou-se, afirmando que as lanças estavam a poucas centenas de milhas das Canárias e,

além disso, tinham vento favorável.

Alguns dias depois vê-se aparecer o petroleiro inglês *Cymbeline*: um torpedo basta. Desta feita os sobreviventes são recolhidos. Depois é interceptado o navio mercante grego *Antonios Chandris*. Os alemães esvaziam-lhe a dispensa e afundam-no, abandonando os naufragos que tentam atingir, nas suas embarcações, a costa mais próxima.

Em Outubro do mesmo ano, o *Widder* começa a ter sérios desarranjos nas máquinas; obrigado a interromper a missão, entra em Brest aonde é desmantelado o armamento bélico. Abateu dez navios, totalizando 58.645 toneladas.

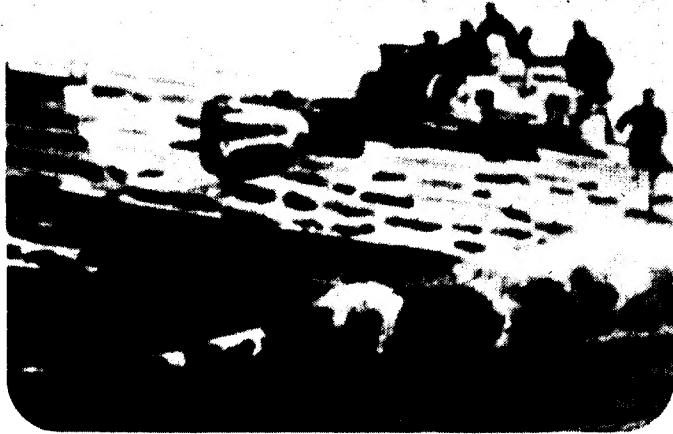
Algum tempo depois, Ruckteschell é destacado para o *Michel*, que inicia as operações na Primavera de 1942 no Atlântico meridional. Entre o dia 19 e o dia 21 de Abril afunda dois petroleiros; o *Patella*, inglês, e o *Connecticut*, americano. Com o segundo, Ruckteschell experimenta o sistema de ataque com as vedetas torpedeiras que tem a bordo, as quais, uma vez arriadas, valendo-se da sua velocidade, cerca de 40 nós, atingem o alvo antes do inimigo poder esboçar uma defesa. Deste modo são destruídos, durante o mês de Junho, o «Liberty» americano *George Clymer* e o cargueiro inglês *Lytlepark*.

Depois de ter encontrado o auxiliar *Charlotte Schiemann* para o qual transborda os prisioneiros, o *Michel* prossegue a sua caça e no lapso de três dias afunda o *Gloucester Castle*, o *William Humphrey*, e o petroleiro norueguês *Aramis*; mais tarde, quase sempre com a ajuda das vedetas torpedeiras, o *Arastan*, o *American Leader*, o *Empire Dawn*, o *Reynolds*, o *Sawokla* e o grego *Eugenia Livanos*.

Tendo necessidade de trabalhos de ajustamento, o corsário, no Verão, dirige-se provisoriamente para o Japão. Chegado a Kobe, é colocado em carenagem. Entretanto, Ruckteschell dá entrada no hospital. No comando do navio, em breve pronto a sair para o mar, substitui-o o capitão Gumpich que enfrenta a nova tarefa afundando o petroleiro norueguês *Hoegh Silverdawn* e o cargueiro norueguês *Ferncastle*.

Mal bateu a uma hora do dia 18 de Outubro de 1943, e o *Michel* encontra-se a cerca de 600 milhas de Yokohama. O mar está completamente calmo, a noite clara; a Lua, no último quarto, ilumina o horizonte. A pouca distância navega em emersão o submarino americano *Tarpon* que, sem ser visto, se coloca imediatamente em posição de ataque. Precisamente às 2 horas lança simultaneamente quatro torpedos: o *Michel* detém-se de choque; inclina-se para bombordo, depois endireita-se, aproveitando direito ao submersível. Esta faz uma rápida imersão, esgueira-se sob o corsário e passa para o outro lado; finalmente reemerge e encontra o navio alemão, parado, com os canhões que disparam por todos os lados. O *Tarpon* lança contra ele outros três torpedos: dois erram o alvo, mas o terceiro arranca-lhe completamente a popa. Às 2 horas e 30 minutos ouve-se uma enorme explosão e entre altíssimas chamas e muito fumo o *Michel* afunda-se no abismo.

Com esta unidade desaparece o último navio corsário alemão da Segunda Guerra Mundial.



VEDETA TORPEDEIRA DO Michel em exercícios. Era arriada no mar antes do ataque, e atingia a velocidade de 40 nós

DL/DOMINICAL

CENIE

LEONID BREZHNEV, o todo-poderoso Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, em cordial palestra com o Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, Earl L. Butz, sobre as grandes compras de cereais recentemente realizadas pela União Soviética, desabafou: Este ano as chuvas foram tão fracas na Ucrânia que nem o Deus capitalista e o Deus comunista, juntos, poderiam fazer o nosso trigo crescer.

JACINTO ROSA, um emigrante português que Onassis contratou como motorista, é, actualmente, o grande amigo de Jacqueline. Pelo menos é o que afirma a revista **Play Boy**, ao comentar que, segundo os cronistas sociais, Jacinto ascendeu, do posto de motorista a autêntico confidente da ex-senhora Kennedy. Por diversas vezes, conta a revista, a patroa tem sido vista a viajar ao lado de Jacinto e não no assento trazeiro, como manda a etiqueta. Jacinto, que é um homem de meia-idade, ao ser perguntado sobre as suas relações com a mulher do rico patrão, disse que gosta de Jacqueline apenas «porque ela é boa para mim». Não vai além o meu sentimento, afirmou para tranquilidade de Onassis.

LESTER WOLFF, um deputado de Nova Iorque, cuja única façanha conhecida foi a de ter se retirado do plenário, em 1970, quando da visita do presidente Pompidou ao Congresso americano, está de volta aos noticiários. Ele acaba de descobrir uma original maneira para solucionar o problema do deficit da balança de pagamentos dos Estados Unidos. Com a maior sem cerimónia, em mensagem desti-

nada ao presidente Nixon, o deputado afirmou que as finanças do país seriam reequilibradas se o governo cobrasse as dívidas estrangeiras por gastos militares na Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Wolff fez as suas contas e ditou os números: «A Inglaterra nos deve 8,5 biliões de dólares; o bloco comunista, 1,5 bilião; a França, 6 biliões; a Itália, 1,4 bilião; e a Bélgica, meio bilião. Totalizando o mundo nos deve 46 biliões». Os países em questão ainda não se manifestaram sobre a contabilidade do deputado norte-americano.

VINICIUS DE MORAES, o festejado poeta e compositor de sambas acaba de ver confirmado o adágio popular de que só se pode ter sorte no jogo ou no amor, mas não nas duas coisas juntas. Vinicius, seguindo ele próprio confessa, teria ficado realmente rico, caso houvesse providenciado a inscrição do volante da Lotaria Esportiva (o Totobola brasileiro) que sua mulher Gesse marcara ele para jogar. Nas duas vezes o poeta se «esqueceu» de entregar o volante numa agência de apostas, tendo porém o azar de conferir os resultados pelo palpite e saber que se houvesse feito o jogo poderia ficar para o resto da vida deitado em uma rede, tocando violão e bebendo água de coco.

PETERS SELLERS acaba de fazer uma revelação insólita: é «médiu». Em declarações feitas na ilha de Guernsey, onde participa de um filme, Sellers confessou que sempre foi ajudado em sua carreira por um espírito chamado Leno, morto 1904. Acrescentou que ouve perfeitamente a voz de Leno a



SIMON WIESENTHAL, cuja competência como caçador de criminosos nazistas ninguém coloca em dúvida, acaba de enveredar-se pelos tortuosos caminhos da interpretação histórica, formulando uma teoria que dificilmente o livrará do deboche internacional. Ele jura de pés juntos que Cristóvão Colombo era judeu convertido e que a sua viagem à América foi financiada por capitalistas judeus. Os motivos da sua viagem seriam... encontrar as tribus perdidas de Israel. A teoria está contida num livro que Simon acaba de escrever e que deverá ser lançado nos próximos meses em seis países europeus e nos Estados Unidos. Neste livro, Simon Wiesenthal afirma ainda que Colombo levou na sua viagem um intérprete da língua hebraica, concluindo que este foi o primeiro idioma civilizado ouvido pelos índios americanos.

dar-lhe conselhos, ou a explicar-lhe coisas. A revelação mais sensacional de Peter Sellers, é entretanto, sobre o espírito de sua mãe, falecida em 1967. Diz o ator inglês: «Nós ainda con-

versamos longamente, todas as noites, como se ela estivesse viva».

SAMMY DAVIS JR., que apareceu na Convenção do Partido Republicano como uma das celebridades a favor de Nixon, ao lado de seu amigo Frank Sinatra e outros actores, eram, pelo menos durante o governo de Kennedy, democrata convicto. As razões desta súbita mudança foram agora reveladas por Maxime Cheshire, do Washington Post. Ela conta que os republicanos estavam interessados em Sammy pelo facto de ele ser judeu e negro ao mesmo tempo, podendo portanto, com sua adesão, influenciar os eleitores destas duas importantes minorias raciais. O **show-man** concordou com as pretensões republicanas, dispondo-se a comparecer a

convenção do partido desde que este o «tratasse bem», isto é, que pagassem 4000 dólares pelo frete de um avião a jacto que o conduziria a Miami, além de uma suite presidencial no melhor hotel da cidade. Depois de resolvidos estes problemas, os republicanos tiveram que atender ainda outras exigências do cantor, que entretanto, mostrava-se aborrecido com os arranjos feitos para o seu transporte. Por fim — conta a colunista — Sammy quase não foi à convenção, sendo preciso que dois chefes executivos de sua empresa, a M.G.M., levassem duas horas ao telefone, convencendo-o a mudar de opinião. A soma total dispendida pelo Partido Republicano para obter o apoio do irrequeto **colored** não foi revelada pela colunista.



Ag. Tec. Eng.
FERNANDO JORGE CARDOSO

MISSA DO 7.º DIA

Sua viúva, filha e mais família participam que será rezada missa em sua memória, amanhã, dia 28, pelas 19 h. 40 m., na Igreja de S. João de Brito.

SENSACIONAL CAMPANHA DE AGOSTO

24 PRESTAÇÕES MENSAIS SEM ENCARGOS

ALCATIFAS
MOBÍLIAS
MAPLES
PAPEIS DECORATIVOS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORÍFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

(ESTA NOSSA CAMPANHA É SÓ DURANTE ESTE MÊS)

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

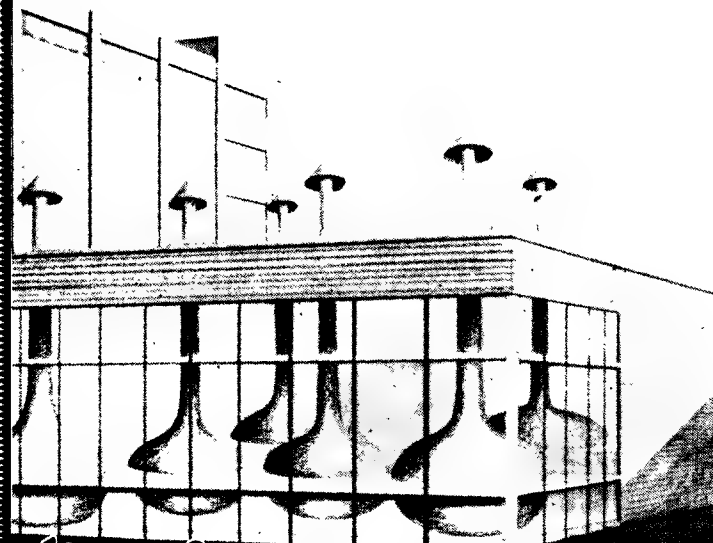
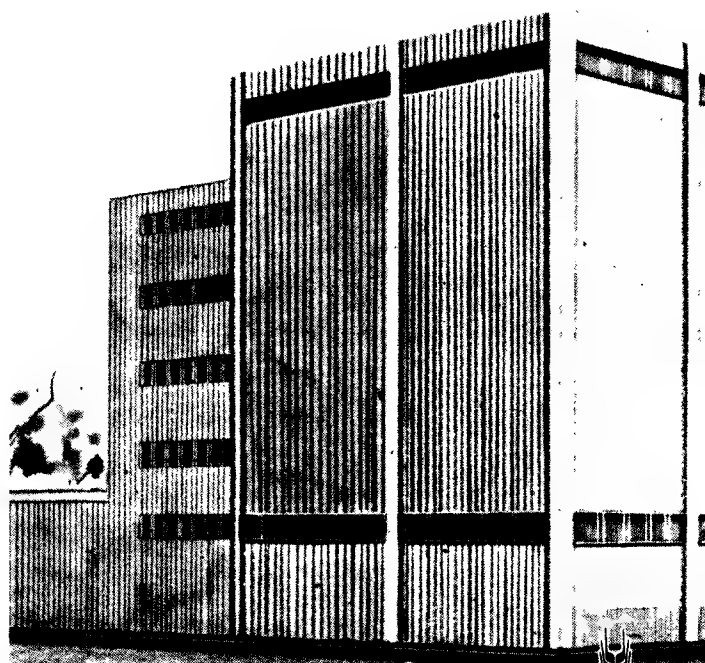


**finalmente, liberdade de escolha!
uma empresa nova
uma nova cerveja**

cergal



Você pode, finalmente, escolher a seu gosto –
a **sua** cerveja! Feita para si!
Uma devotada equipa de técnicos e apreciadores,
homens que também gostam de cerveja
e compreendem o que Você exige do ponto de vista
de qualidade, criaram Cergal! Dedicadamente
estudaram o seu gosto, procuraram os atributos
de boa cerveja que Você espera apreciar em cada
novo copo da sua bebida preferida!
Tudo foi feito, cuidadosa, carinhosamente,
para lhe proporcionar a cerveja que Você quer:
o apurado método de produção, a mistura
mais rica para mosto, o grau de pureza,
o tempo de adegas e filtragem!
Cabe a si o direito de analisar, pois não importa
o que a nossa equipa sabe acerca de cerveja.
Importa sim, o que a si lhe "sabe" a sua cerveja –
a cerveja Cergal!
Beba cerveja Cergal e escolha!
Escolha em plena liberdade!



cerveja cergal

livre · fresca · sempre viva

CHIANCA DE GARCIA

O ROMANCE DE OIRO DE UM TROPEIRO

Creio que vale a pena falar a vocês de uma das personalidades mais curiosas que conheci no Rio de Janeiro e com quem trabalhei durante bastantes anos. Chamava-se Joaquim Rolla, e faleceu dias atrás. Fora proprietário do Casino da Urca, de quem os leitores conhecem pelo menos a fama através destas cartas do Brasil. O slogan ostensivo que vim encontrar foi este: A-E-I-O Urca! Sim, tudo no campo frívolo da diversão, tinha na Urca a sua finalidade máxima: o jogo. Em seus vastos salões sibilavam as bolinhas de marfim no ruído aliciente de mil e uma roletas...

Distante ficava o Golden-Room, coroado por monumental cortina de espelhos, em leque, que, ao soar da meia-noite, se desdobrava revelando o palco. Lá se tornara famosa Carmem Miranda, antes de ir para Hollywood e que eu, ainda em Lisboa, cansara de ouvir em discos: *Tai, eu fiz tudo prá você gostar de mim...*

Bem, mas hoje o importante é falar a vocês desse extraordinário Joaquim Rolla por quem fui um dia, chamado para dirigir os espetáculos desse talvez por mim invejado Casino da Urca. Acabara eu então de escrever com o poeta Luiz Peixoto, uma nova revista para o elenco brasileiro de teatro musicado que tinha Beatriz Costa como a coqueluche (assim se dizia então) do público carioca. Era nos tempos confusos da 2.ª guerra mundial. Foi assim, de uma noite para a outra que passei do espectáculo alegre e popular para os luxos do que viria de melhor no Casino de Paris, e em Berlim na montagem inescrutável de uma opereta de Offenbach: «A Bela Helena».

Paraíso

Nossos primeiros contactos foram um tanto ásperos. Eu, por feitio seco e poucas palavras, não o tratei como a um super-homem, fantasia em que ele começava a sentir-se investido. Tinha, reconheço, razões para me olhar desconfiado. Antes de mim haviam passado pela direcção de Urca três dezenas de figuras mais ou menos consagradas. Isto em dois anos.

Para Joaquim Rolla eu era por certo mais um a juntar à lista...

Não lhe passava então pela cabeça (nem a ele, nem a mim) que, quatro anos depois, eu ainda lá estaria, dono de tudo que se criava no palco da Urca, quando intempestivamente o presidente Dutra proibiu o jogo no Brasil. E assim acabaram os grandes shows. A Urca fechou as suas portas.

Foi durante esses quatro anos que aprendi a conhecer Joaquim Rolla: na sua vaidade, na sua teimosia, mas também na fidelidade aos que o serviam quase na sombra. Era o meu caso.

Quem era

Talvez seja preciso contar-lhes quem era Joaquim Rolla, de onde viera. Três anos antes de eu chegar ao Brasil ele aqui desembarcava, vindo do seu estado natal, Minas Gerais. Oriundo da baixa classe média (embora um dos irmãos acabasse formado em direito) nunca se resignou às disciplinas do estudo. Confessou-me, certa vez, que sabia ter dentro de si tudo que é necessário para se vencer na vida. Por isso, agastado com as reprimendas paternas, deu o fora, afirmando que só voltaria quando milionário.

Dois anos depois, tinha então dezanove virado tropeiro. Se não conhecem a palavra eu digo: tropeiro é aquele que conduz bestas de carga através dos sertões. Conhecem mundo. Lidam com toda a sorte de gente, tomando então contacto com esta palavra mágica: suborno, de som sordo e abafado, mas que lhe permitiu ganhar um contrato para abrir estradas no interior daquele Estado, o que soube fazer acedendo o seu traçado aos interesses dos grandes fazendeiros. Comandava a sua tropa com autoridade, carregando à cinta um revólver de mocinho de cinema.

Audácia

Um dia senti que guera a hora de ir mais longe. E foi assim que, no seu linguajar de matuto, surgiu cauteloso e prevenido nestas já então selvagens do asfalto. Muitos imaginaram que chegara um asno pronto prá tosquia. Enganavam-se. Levaram-no aqui, e ali. Por fim arrastaram-no para o velho casino da Urca, que nem esse nome tinha. Ficou horas espiando. Voltou nos dias seguintes. Tornou-se íntimo da casa. Certa vez, numa hora de aperto, o dono daquela mal governada espelunca, confessou-lhe que estava sem dinheiro. Precisava de um empréstimo...

— Quanto?

O outro não teve coragem de pedir muito. Então Joaquim Rolla disse que estava às ordens não para emprestar, mas para comprar aquela joça. Por capricho, assegurou.

O homem não quis. A situação agravou-se. Joaquim veio despedir-se:

— *Volto para Belo Horizonte.*

Foi. Dias depois recebia um telegrama: *Venha voando.*

A decisão

Comprou: Mudou tudo. De alto a baixo. Chamou arquitectos e decoradores, e conseguiu que o casino fosse inaugurado com um jantar de caridade organizado por damas da alta sociedade. E assim se tornou célebre o slogan: A, E, I, O, Urca, comprado por mireros vinte mil reis. Ainda não existiam cruzeiros.

Compreensão

Eu disse que durante quatro anos comecei a conhecer Joaquim Rolla. Até que foi fácil e rápido. Quando montei o meu primeiro show avisou-me de que, como de costume, queria assistir ao ensaio geral. *A que hora é?* indagou.

— Digamos, às seis da tarde.

Mas quando ele chegou, é certo que um pouco atrasado, já tudo terminara.

— *Porque não esperou por mim? Só eu entendo o que interessa ao público da Urca...*

— *Sei do que o senhor gosta. Eu fiz um show para ser assinado por Joaquim Rolla.*

Desde então nunca mais pediu para assistir a nenhum ensaio. O show era dele. Era tudo dele.

Visão

Ele sabia que o brasileiro tinha o vício do jogo, não gostando porém de o mostrar ostensivamente. O negócio, portanto, consistia em atrair ricos e pobres num ambiente de luxo. E acertou em cheio. Foi a sua maior e mais fabulosa aventura. Os lucros eram tantos que ele chegou a pensar, na sua ignorância, em comprar o Banco do Brasil. Esta história ficou a fazer parte do seu também rico anedotário.

Export

Foi quando entendeu que uma Urca só, era pouco. E logo abriu um outro casino, em Niteroi, do outro lado da baía da Guanabara. Depois pensou nas térmicas de águas minerais que atraíam gente rica. Organizei então show para a exportação: Poços de Caldas, Cachambo, Araxá.

Côrte

Rodeara-se de meia dúzia de assessores que viviam a endeu-sá-lo:

— *Senhor é um génio como Ford! Tão grande com Edison!*

— *Se fosse político era um Churchill...*

— *Qual! respondia. Eu ainda não fiz nada. Ainda nem sequer comecei. O que me preocupa é saber se terei tempo para fazer tudo que trago dentro da cabeça...*

— *O senhor é de ferro. É homem para ir além dos cem anos para honra e glória do Brasil...*

— *Querem saber? Comprei hoje a fazenda das hortensias, em Petrópolis. Não diga.*

— *Digo. Quero um hotel, em plena serra, com o maior salão de jogos do mundo...*

— *Mas a guerra não atrapalha?*

— *E há no mundo alguma coisa que atrapalhe Joaquim Rolla?*

O golpe

E o hotel nasceu mesmo em pleno conflito mundial. O aço vinha dos Estados Unidos. Tudo vinha dos Estados Unidos. No mais, éramos nós em volta de uma mesa gigantesca dando palpites. Acompanhou as obras dia-a-dia. Desde o chão até às mais altas torres. Exibia-se nos andaimes como um operário, que fosse ao mesmo tempo, sim, o que ele desejava ser, um super-homem. E quem duvidava?

Podia estar tudo errado. E estava. Mas fazia-se apenas o que ele queria:

— *Ir ver o que fazem os outros, no estrangeiro? Para quê? Quem tinha ensinado os egípcios a construir as tais pirâmides tão faladas?*

Por essas alturas chegou a ser considerado o homem mais rico da América do Sul. Um seu filho, então com sete anos, aparecia em fotos, nos jornais e nas revistas, como o Menino de Ouro do Brasil.

Inaugurou-se o Quitandinha. No cimo de uma escarpa, ali ao lado, mandara construir um magnífico bungalow que ofereceu a um poderoso irmão de Getúlio Vargas.

O erro

Joaquim Rolla tinha tudo quanto desejava. E inaugurou o hotel. Só que as suas salas e corredores eram apenas um cenário à moda dos filmes musicais de Hollywood, mas onde o espectáculo já tivesse acabado. Era frio. Como se as paredes fossem construídas com sorvete coloridos. E então, todas as noites, Joaquim Rolla telefonava para a Urca, a pedir dinheiro. E foi assim que a Urca durante alguns meses sustentou o primeiro fracasso de Joaquim Rolla. Fracasso que se mantém até hoje, embora em outras mãos...

O inesperado

De repente veio a catástrofe. O general Dutra, como novo presidente da República, proibiu o jogo. Em vão Joaquim Rolla dera dinheiro a tanta gente. Tudo agora parecia a ele um peso-delo. E viu-se abandonado. Não que estivesse pobre, não. Mas na sua imaginação. Passou a ser um homem vencido. Como se a própria Quintadinha tivesse caído sobre os seus ombros, soterrando-o...

Ressurreição

Foi então que um velho compadre, integrado numa tenda espirita, conseguiu atrair-lhe para uma religiosidade indefinida e mística que passou a servir-lhe como manto de Jesus Cristo.

Tempos depois encontramos-nos numa rua carioca:

— *Sabe, vou começar uma nova actividade. Vou construir um pavilhão gigantesco, em S. Cristóvão, projecto do arquitecto Sérgio Bernardes. Será a primeira grande exposição da nova era do industrialismo nacional. Conto com você, é lógico.*

— *Obrigado. E porque não pensa também em turismo?*

— *Mas turismo como? O que pode fazer um turista no Rio de Janeiro? Ir à praia? Visitar as matas da Tijuca? Meu*

CARTA DO BRASIL

caro, turista vai à Argentina, vai ao Uruguai, onde os governos, que não são bôbos, mantêm casinos funcionando.

— *Escute uma coisa. O senhor sabe quantas ilhas, todas lindas, tem a baía da Guanabara? Não sabe? Pois tem quarenta. Todas diferentes...*

— *E daí?*

O sonho

Levei-o então a um passeio de lancha pela baía. Fomos de ilha em ilha. Ora veja, dizia-lhe, em cada uma o senhor criaria um pouco do Brasil. Uma com todo o pitoresco dos costumes baianos. Outra, gaúcha, lembrando os velhos pagos e o sabor do chimarrão. Olhe esta aqui, veja a preciosidade desta ilha da Boa Viagem, com a igreja colonial plantada lá no alto. Seria um pouco de Ouro Preto. E esta ilha d'água a que se poderia dar arranjo amazonico aproveitando suas árvores centenárias? Vamos descer aqui. Contemple agora o esplendor urbano desta Brocoió, com o seu palácio afrescoado, e onde o senhor, que é amigo do presidente Juscelino, talvez possa instalar um casino, um grande casino só para turistas estrangeiros...

A confissão

Então veio a revelação:

— *Chega! Não me fale em jogo. Essa chaga sangra no meu coração. Hoje só peço a Deus para defender toda a humanidade do vício do jogo.*

— *Há outro jogo pior, o das guerras...*

— *Não importa. Eu tive um império baseado no vício. Agora o arrependimento continua minando a minha alma.*

Ficamos os dois em silêncio. Depois olhou para mim e disse em voz baixa:

— *Será que algum dia obterei o perdão de Deus?*

— *O senhor não teve culpa. Quantas vezes o ouvi dizer: não joguem, nunca ninguém ganhou nos jogos de azar. Só ganha o dono da banca.*

— *Pois é. Mas o pecador não pode perdoar a si mesmo.*

Para ele o pavilhão de São Cristóvão era outra coisa. Seria para o bem do Brasil. Para o desenvolvimento. O caminho para a industrialização.

— *Você já viu a maquete?*

Fui ver. Um vão imenso coberto por uma teia de plástico transparente sobre a qual correria um lençol de água despenhando-se em cachoeira sobre dois lagos, um em cada extremo.

Aceitei trabalhar com ele. Mas agora tudo era mais difícil. O pavilhão levou anos para ser construído. Enormes as dificuldades técnicas. Dinheiro difícil e caro. E então, de mim para mim, eu tinha saudades das roletas da Urca.

A febre

Renascida de outra forma, dentro dele, a mania antiga: agora queria que fosse o pavilhão a mina de ouro. Vender, vender. O que era necessário era vender espaços para stands. A área era enorme. Que não ficasse um metro quadrado por vender.

A traição

Disse-lhe que uma exposição, como a bem recente nos Estados Unidos, era valorizada pelas atracções, audaciosas, que provocavam sensação e espanto. Pois sim. Sorria. Para quê? *Todo o Brasil virá aqui só para ver o Pavilhão.*

Não veio. Aquilo virou uma tumultuada feira de amostras. A água caindo em cachoeira sobre os lagos nunca a funcionar. Em São Paulo faziam-se coisas muito superiores. E eu senti de novo o fracasso. Que veio conduzido pela crueldade do então governador da Guanabara que, pela violência, tomou conta do pavilhão, nem sequer reconhecendo os direitos do proprietário e construtor. Pobre Joaquim Rolla.

Castigo?

Frente a frente, depois, demos um balanço ao infortunio:

— *O senhor deve ir para os tribunais...*

— *E vou mesmo.*

Mas primeiro fomos almoçar. Comi com ele uma refeição puramente vegetariana. Era o regime da sua fé religiosa. Ficamos em silêncio. E vi de novo nos seus olhos a breve chama que meses antes, numa lancha, nas águas da baía, fulgurara numa incontida confidência:

— *Será que algum dia obterei o perdão de Deus?*

O fim

Durante alguns anos o destino nos afastou. Mas, no Natal, sempre telefonava para mim desejando-me boas-festas. Isso sempre me enternecia. Então ia visitá-lo. Há dois anos, disse-me:

— *Sabe, estou construindo um hotel em Teresópolis. Venha assistir a uma aula.*

— *De quê?*

— *Trinta meninas que serão as futuras recepcionistas.*

— *Para quê?*

— *Bem, o negócio é na base da venda de acções. Cada comprador tem o direito a um período de três semanas, gratuitamente, por ano. Está vendo o negócio? O que não vou lucrar com algumas dezenas de milhares de accionistas?*

— *Mas, seu Rolla, não esqueça que fora dos meses de verão, ninguém vai aguentar o frio abominável do inverno em Teresópolis...*

— *Qual! Teresópolis é um verão eterno, respondeu agastado.*

Sei que as obras foram prosseguindo, arrastadas, perante a difícil venda das acções. Tinha assumido pesados encargos que já não podia cumprir. Arriscado a ir à falência, pediu concordata, judicial.

Fechou o escritório de Copacabana. Mantinha, porém, a sua aparência de sempre. Cada vez mais na dele, em matéria de religião. Mas, como fazia há vinte anos, todo sábado, no posto seis, ia jogar peteca num pequeno clube por ele fundado, e de que pagava todas as despesas. Corpo seco, rijo, setenta anos, ganhava todas as partidas com a complacência proposital dos competidores. Exultava com isso. Era o que restava da sua vaidade. Sábado passado, em pleno jogo, de repente levou as mãos ao peito. Caiu na areia. Veio o carro da Assistência. Quando o carregaram já estava morto. Fui vê-lo no caixão. O rosto de uma tal serenidade... Fiquei a contemplá-lo durante algum tempo: Eu tinha a certeza de que Deus há muito o havia perdoado.

Mas de quê? de quê? De ter vivido?

DL/DOMINICAL

OS MITOS

A morte de um ACTOR

Sérgio Cardoso trocou os palcos pelos estúdios de televisão em busca de uma maior comunicação com o povo. Ele dizia: «A novela atinge alguns milhões de espectadores, enquanto que numa sala de teatro, o actor fala apenas para alguns milhares.» Seu enterro parou o Rio de Janeiro.



«Vitimado por um ataque cardíaco, faleceu ontem às nove e meia da noite, o actor Sérgio Cardoso. Depois de uma rápida visita à cantora Dalva de Oliveira, que se encontra gravemente enferma, Sérgio regressara à sua casa, onde permaneceu durante o resto do dia a estudar os capítulos da novela «O Primeiro Amor» que deveria gravar para a Rede Globo de Televisão, nos próximos dias. Às nove horas da noite começou a sentir-se mal, pedindo ajuda a sua colega e vizinha Maria Augusta Matos, que por sua vez pediu a comparência em casa do actor de uma equipa médica da Clínica São Marcelo. Quando os médicos chegaram, era tarde demais, ele estava morto. Sérgio nasceu em Belém do Pará e tinha 47 anos de idade. Seu nome completo era Sérgio Fonseca Matos Cardoso. Seu enterro será realizado hoje, às cinco da tarde, no Cemitério São João Baptista.»

A nota fria, seca e objectiva foi publicada, com algumas diferenças, em todos os matutinos do Rio de Janeiro, no dia 19 de Agosto. Na tarde deste mesmo dia, na ex-capital brasileira, repetia-se, pela primeira vez um fenómeno verificado na década de 50, quando morreram Francisco Alves e Carmen Miranda, os dois maiores ídolos já surgidos na música popular do país. Em pouco tempo a cidade estava paralisada, o comércio quase todo fechado, o trânsito congestionado.

Desde as onze horas extensas bichas formavam-se nas ruas próximas à Capela da

Real Grandeza, onde foi velado o corpo do actor. Marcado para as cinco horas da tarde, o enterro arrastou para o Cemitério São João Batista uma verdadeira legião de fãs e artistas, que a Imprensa, depois, calculou em mais de duas mil pessoas.

O número de pessoas era tão grande — informa uma revista brasileira — que a direcção da Rede Globo de Televisão, da qual era contratado, foi obrigada a pedir um pelotão da Polícia Militar para garantir a ordem no local. Todo o mundo queria ver o enterro de António Maria e, por causa disso temiam-se os atro-



pelos.

A mesma fonte informa ainda que, apesar de todas as precauções tomadas, fo-

ram registados alguns incidentes, na maioria desmaios de fãs inconsoláveis, além de uma agressão feita pelo

marido de uma actriz a um fotógrafo. Quanto ao povo, de um modo geral a revista assinala que: Além do em-

purra-empurra, dos desmaios e das lágrimas que brotavam em abundância de todos os olhos, nada houve



A mãe de Sérgio, amparada por sua neta, é consolada pela mulher do actor.

Nas faces a dor de um



DL/DOMINICAL

OS MITOS

Uma viagem a Portugal foi o grande prémio ganho por Sérgio depois de criar a figura de António Maria, um emigrante de Trás-os-Montes.

que merecesse registo quanto ao comportamento popular. As pessoas, durante o velório, desfilaram diante do esquife onde estava o corpo de Sérgio Cardoso, com muita ordem. No cemitério, ao contrário do que se esperava, não se registou nenhum incidente. O povo, ordeiro, queria apenas levar seu adeus ao actor que, por muitos anos levou o sonho até suas vidas através da televisão.

A MÁQUINA DE SONHOS

A carreira de Sérgio Cardoso no teatro teve altos e baixos. Estreando em 1948 numa interpretação de Hamlet, até hoje considerada brilhante, ele prosseguiu nos palcos até que, em princípios dos 60, foi descoberto pela televisão. Daí em diante deixou de ser simples actor para entrar na categoria dos ídolos populares, trabalhando até 12 horas por dia, vivendo às vezes até cinco papéis diferentes na mesma série teatral. O grande segredo de seu êxito junto do povo estava na escolha dos seus papéis: seus personagens eram homens simples, feios, mas, sem nenhuma excepção, todos bons e honrados. O seu último papel foi o de um professor viúvo, pai de muitos filhos. A história chamava-se *O Primeiro Amor* e estreara recentemente na Rede Globo, obtendo recordes de audiência, como sempre acontecia quando o



nome de Sérgio era anunciado como o do intérprete principal.

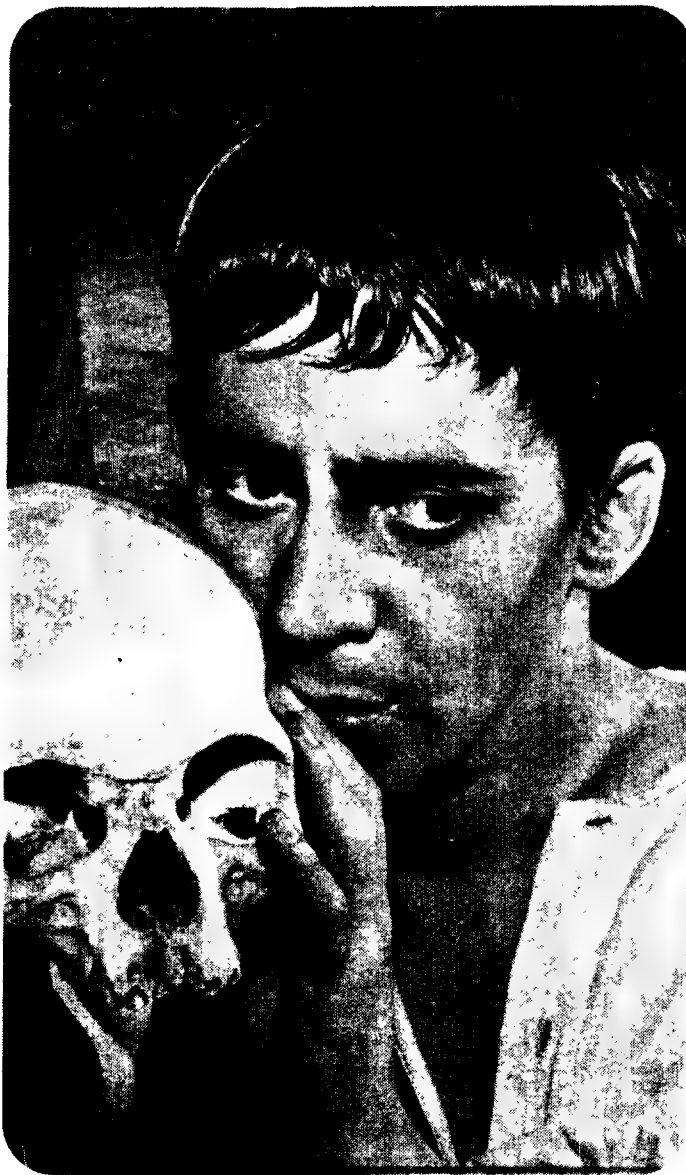
O EMIGRANTE ANTÓNIO MARIA

Sérgio Cardoso, de um certo modo, estava muito ligado a Portugal. Seus pais eram portugueses, mas, além desse facto, em meados de 1968 ele interpretou para a TV Tupi o papel de um emigrante lusitano, um motorista humilde chamado António Maria. Foi o próprio actor quem deu a ideia da montagem desta novela. Ele já havia vivido papéis de judeus, ciganos, italianos e queria incluir entre os seus personagens, um português. Esta foi a melhor ideia que teve em sua vida: foi o António Maria que o consagrou definitivamente no coração do povo.

Para captar bem a vida dos emigrantes, Geraldo Vietri, o autor e director da peça, conviveu durante muito tempo com os portugueses radicados em São Paulo, com os quais Sérgio fazia questão de conviver, apreendendo seus

gostos e hábitos, além de sotaque que adquiriu e que, já no vídeo, deu ar de autenticidade à sua interpretação. O António Maria, apresentado em episódios diários de quarenta minutos de duração, foi no Brasil inteiro, o programa de maior audiência durante oito meses.

Terminada a novela e como consequência da simpatia despertada pelo seu personagem, Sérgio Cardoso foi homenageado em vários pontos do Brasil, recebendo dez títulos de «cidadão honorário», além de apadrinhar formaturas de colegiais em centenas de escolas. Por causa do seu António Maria, ele recebeu também, pouco depois de terminada a série, através da embaixada portuguesa, um convite para conhecer a terra do seu personagem. Ele veio, passando dois meses em Lisboa, visitando ainda o Porto, Coimbra e outras cidades, além da província de Trás-os-Montes, de onde era natural o motorista humilde que, no final da novela, acabou por se casar com a filha do patrão.



Hamlet foi o início brilhante de uma carreira que terminou nos estúdios de televisão.

As mil caras



de um homem

VAI CASAR?

Grande oferta aos noivos
Consulte e visite a
FOTOGRAFIA ESTÚDIOS NOVA GOA
e terá 20% de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão
Rua S. João da Mata, 71-A
Telef. 66 73 62

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João A. Bernardo Petinga, Auto Oceano-PENICHE

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Até 15 de Setembro estão abertas as inscrições para os cursos de:

- Enfermagem geral.
- Auxiliares de enfermagem.
- Especialização obstétrica para enfermeiras e para auxiliares de enfermagem.

Pedido de informações à Secretaria da Escola à Praça 9 de Abril, 161 — Porto — Telef. 44075.

povo



DL/DOMINICAL

ESPECTACULOS

TERRENO COM PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO
SITO NA TRAVESSA DOS ARNEIROS,
ACTUALMENTE RUA DR. JOÃO DE BAR-
ROS, LOTE G, A RUA DOS ARNEIROS,
QUINTA DAS PALMEIRAS, FREGUESIA
DE BENFICA

LEILÃO

Dia 31, às 11 horas

Por determinação do Meritíssimo Juiz de Direito do 3.º
Juízo Cível da comarca de Lisboa, nos autos de execução pen-
dentes na 1.ª Secção, será posto em praça, no próprio local, o
imóvel acima referido, composto de lojas, r/c e 1.º a 7.º andares,
com lados direito e esquerdo.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Tels.:

4 59 34 — 4 62 59

SENHORES CAPITALISTAS !!!

COLOQUEM O VOSSO CAPITAL
NAS MELHORES CONDIÇÕES
COM GARANTIA HIPOTECARIA
AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292 — TELEFONE 369384 5 6 — LISBOA

TOYOTA

Serviço Oficial

Pecas e acessórios, mecânica, bate-chapas,
electricista, estofador, pintura e Estação de
Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

Serviços Rápidos

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS
PRÉVIOS

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros
dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em
preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu
carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A — Tels.: 727201-728793-725196

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HEN-
RIQUES DA SILVA, LDA., está
sempre compradora de carros de
boa marca, até 100 contos ou
mais a pronto pagamento. Tran-
sações em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

LUSTRES

Fazemos novos, repa-
ramos, transformamos ao
gosto do cliente. Fábrica:
Av. 5 de Outubro 203-r/c.
Esq. Tel. 771639 (Ao Cam-
po Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

A EPOPEIA DOS "COW-BOYS"

Continuação da pág. 4

te das mais diversas origens,
mas animada pelo mesmo dese-
jo: o de fazer fortuna. É um
mundo dificilmente des-
criptível o que está a surgir.

«A nova linha ferroviária
transcontinental americana é
indubitavelmente uma obra co-
lossal», escreve em 1871 o en-
viado especial do jornal londri-
no *Globe*, Cyril Powell. «Ela po-
de levar-nos (salvo incidentes)
de Nova Iorque a São Francis-
co em oito dias. Todavia, qual-
quer gentileza inglesa que seja
digno desta definição, não po-
deria usufruir deste rápido ser-
viço sem pôr em perigo o
próprio decoro e a própria ho-
norabilidade de cidadão bri-
tânico. Nas carruagens adorna-
das com cortinados e latões
de péssimo gosto, pulula toda
a escória das cidades de fron-
teira: ladrões, batoteiros, prosti-
tutas, traficantes de toda a es-
pécie e até autênticos bandi-
dos. Durante a minha viagem
aconteceu ainda que, um la-
drão apanhado em flagrante —
não se horrorizem, oh londri-
nos! — foi espancado até san-
grar e enforcado após uma reu-
nião que teve lugar no vagão-
restaurante. O seu cadáver os-
cillou como um pêndulo até ao
momento da chegada a Fort
Haley2.

Por seu lado, o pregador
americano Samuel Bowle
acrescenta: «As povoações
que surgem apressadamente
ao longo do novo caminho de

ferro, para desaparecer com o
prosseguimento dos trabalhos,
são uma espécie de Gomorra.
Ali se faz torpe mercado de
tudo. Os jogadores, os «pisto-
leiros» e as mulheres perdidas
imperam ali com toda a sua
nefasta influência. No inferno
foram recrutados aqueles se-
res de perdição e ao inferno
voltarão para prestar contas».

É neste ambiente violento e
desesperado que nascem e mor-
rem os grandes mestres da pis-
tola que, muitos anos mais tar-
de, reviverão em centenas de
filmes. São homens primitivos,
mas dotados de um certo
fascínio, que matam muitas ve-
zes sem ódio e sempre para
sobreviver. Quem dispara me-
lhor tem uma vida mais longa.

Reevocando as façanhas de
alguns destes fora de série sur-
ge imediatamente uma pergun-
ta: quais os misteriosos
indícios pelos quais o atirador
compreendia que o adversário
estava prestes a disparar? Os
apaixonados desta matéria têm
frequentemente fornecido expli-
cações mais ou menos acei-
táveis.

Wild Bill Hickok afirmava
que, o que o punha alerta, era
uma estranha luz que aparecia
no olhar do homem que tinha
pela frente. Aquele relâmpago
permitia-lhe bater o adversário
em velocidade. Billy the Kid,
que morreu aos vinte e um
anos de idade, depois de ter
morto vinte e um homens, tinha
a intuição do «instante de fo-



go» por uma contracção do de-
do grande do pé direito do ri-
val, contracção essa que levava
a biqueira da bota. Johnny
Ringo, assassino de um dos ir-
mãos Earp, afirmava que o me-
lhor sintoma era um certo movi-
mento da sobrancelha, enquan-
to que Doc Holliday, como bom
odontologista, se fiava numa
contração do maxilar que o seu
olho de perito não deixava es-
capar.

As teorias sobre aquele ins-
tante fatal são, portanto, dife-

rentes e contrastantes tal como
as que se referem à melhor
maneira de sacar a arma. Pro-
vavelmente, são também com-
pletamente gratuitas. Naqueles
apuros, aqueles poucos ins-
tantes em que dois homens se
enfrentam com as mãos vibran-
tes a poucos centímetros das
coronhas dos *Colt*, o que preva-
lecia sobre tudo o mais era o
instinto animal. Um instinto de
que todos aqueles homens es-
tavam abundantemente provi-
dos.



UMA CIDADEZINHA do Oeste atravessada pelo caminho de ferro

MÉDICO — ANGOLA

PARA SINDICATO EM MOÇAMÉDES
RESPONDER PARA SNECIPA
C. P. N.º 110 MOÇAMÉDES

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

DL/DOMINICAL

JOGOS OLÍMPICOS

De Atenas a Munique: HISTÓRIA DE UMA OLIMPIÁDA

Quando em Munique se iniciam os XX Jogos Olímpicos, pedimos ao mais popular jornalista desportivo uma reevocação do ambiente e das personagens que deram vida à primeira olimpíada moderna, em 1896.

OS PRIMEIROS JOGOS

Com a cumplicidade dos professores de grego e de ginástica, a história da Olímpia antiga ultrapassou os limites do mito. A interpretação do fenómeno desportivo tem sido deformada até ao arbítrio. Na realidade, a Olimpíada era uma celebração quadrienal justificada com o culto de Júpiter, óptimo, máximo. Nos primeiros tempos, houve fins políticos tomados por impulsos religiosos. Em Olímpia eram admitidos apenas os aristocratas, isto é, os descendentes das classes dominantes. Com a excelência física, eles legitimavam o poder nos tempos em que era eleito rei, ou se tornava tirano, o mais forte e mais hábil no manejo das armas.

Quando os aristocratas sancionaram, também por meio de leis, a própria superioridade sobre os outros cidadãos, deixaram, como é óbvio, de ter qualquer necessidade de demonstrar serem os mais fortes e hábeis no exercício físico. Pelo contrário, as cidades-estado tinham compreendido a importância moral das vitórias, conseguidas a lutar, pelos seus representantes, e logo se puseram a procurar os cam-

peões onde os havia. O ginásio revelava-os, de vez em quando, entre os representantes da burguesia. Depois, procurou-se também entre os trabalhadores manuais: e foi preciso pagá-los, como era justo. O sapateiro arredado do seu banco de trabalho devia, todavia, manter-se. É verdade que lhe eram prescritas dietas económicas à base de figos secos e de queijo, porém, estas teorias eram boas para os tolos. O sapateiro saltador

ou pugilista pregendia os alimentos e, depois, o ganho perdido, as despesas de viagem, os prémios, e logo as percentagens sobre a receita.

Os torneios agonísticos não se esgotavam em Olímpia. Todos os anos se competia nos estádios de toda a Grécia e da Ásia Menor. Outros jogos célebres eram os Istmos, os Píticos, os Nemeus, os Delficos. O poeta Píndaro andava durante muito tempo a compor os seus

epinícios. Pretendia trinta mil dracmas: valia a pena (com 150 dracmas comprava-se um boi). Dada a intensa actividade agonística, os prognósticos conseguiam ser relativamente fáceis, não obstante faltassem os confrontos indirectos do cronómetro e do metro.

A interpretação idealística do fenómeno olímpico asseverava que a decadência de Olímpia teria começado com a adopção do profissionalismo Patranha

enorme, e também desonesta, porque era tomada com o único objectivo de induzir os pobres a não pretenderem compensações de qualquer espécie. Na verdade, a Olímpia antiga está morta quando a Grécia já não tem nem interesse nem fundos para a manter com a vida. A sanção oficial, e talvez inútil, do seu fim veio com um édito de Teodósio, imperador nefasto, que dividiu o Império entre os dois filhos e politicamente era

ATENAS, Abril de 1896: partida para os 100 metros, ganhos por Thomas Burke, numa estampa da época



tão débil perante os cristãos que acabou por ser por eles humilhado.

Historiadores não complicados pretendiam que a verdadeira Idade Média se deva considerar iniciada com a divisão do Império (ano de 391: novas capitais: Milão e Constantinopla). Um ano depois foi celebrada em Olímpia a última edição dos Jogos; e Teodósio proibiu os circenses de cada província e região no ano de 393. Com efeito, eram manifestações já fora de tempo. Os cristãos dominavam no plano político, tanto no Oriente como no Ocidente: não podiam eximir-se a proibir práticas segundo eles corrompidas, porque punham em evidência o corpo, indigna prisão da alma.

Os cristãos tinham imposto uma concepção de vida completamente contrária à dos seus senhores pagãos, ainda ligados ao culto de beleza e da robustez do corpo nu, ainda para mais.

No século XIX, o desporto regressou à vida devido às necessidades pedagógicas antigas e sempre novas dos Estados mais ricos e civilizados. Assim, quinze séculos depois do desaparecimento de Olímpia, os espectáculos de jogos públicos da Grécia, foram novamente propostos em termos pouco mais ou menos iguais: primeiro o ginásio, isto é, a necessidade pedagógica, depois a especialização técnica dos mais belos e dos mais fortes que, aplicando-se, adquiriram em bravura...

O mérito do recomeço dos jogos vai para a Inglaterra, país guia na Europa e no mundo. A sua moderna pedagogia baseia-se no ensinamento prático de um headmaster de faculdade: o pastor anglicano Thomas Arnold. O reverendo reporta-se aos **Pensamentos Sobre a Educação**, de John Locke, editado em 1963, mas não teoriza nem escreve sobre os próprios métodos. Para o revelar será preciso, quinze anos mais tarde, já depois da sua morte, que Thomas Hughes escreve um livro intitulado **Os dias de escola de Tom Brown. É no ano de 1857.**

Em 1872, comentará o Tom Brown o historiador francês Taine com as suas **Notas sobre a Inglaterra**. Taine atém-se ao fenómeno pedagógico novo mas não vislumbra sequer os possíveis desenvolvimentos do desporto. Disto, pelo contrário, está certíssimo Pierre Fredi de Coubertin, nobre francês de origem romana (a sua família seguiu Luis XI, enriqueceu ao seu serviço e obteve em feudo a povoação de Coubertin). O barão Pierre nasce em Paris no dia 1 de Janeiro de 1863. Frequenta os estudos clássicos que termina e recusa entrar na

Continua na pag. 18

Investir na

torralta

é investir no futuro



DL DOMINICAL

JOGOS OLÍMPICOS

OS PRIMEIROS JOGOS DA IDADE MODERNA

Continuação da pag. 17

Academia Militar de Saint Cyr. A sua vocação é, decididamente, pedagógico-desportiva.

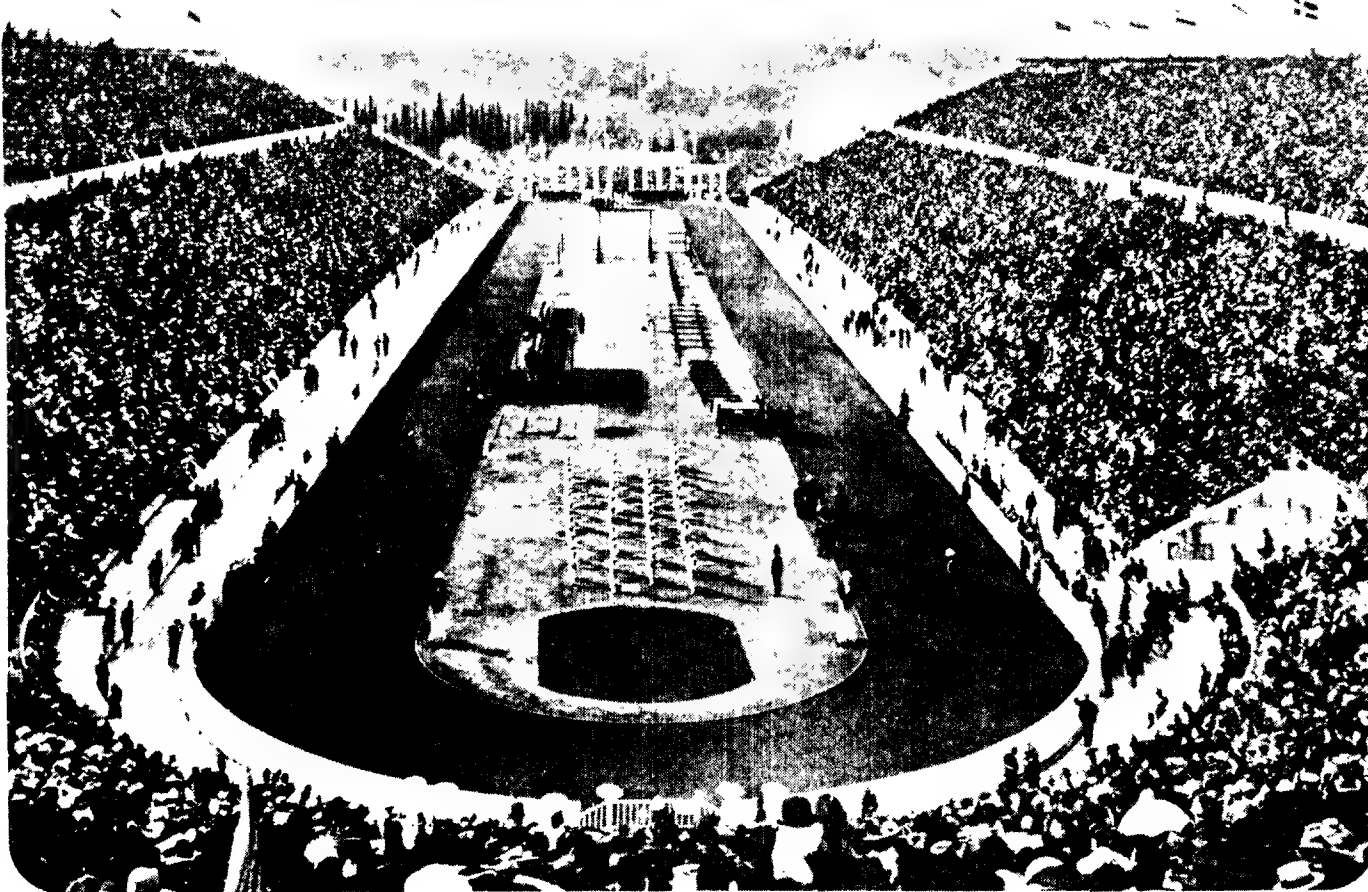
A sua ambição é voltar a ver a França, também humilhada pelos prussianos, novamente **au service de l'humanité**. A França é o último torrião do espírito latino. O seu definitivo abalo hegemónico foi sancionado em Waterloo. Quando se está refeita e iludida — por pouco — com Napoleão, o pequeno, bastou a Prússia para a pôr de joelhos.

Infelizmente, por detrás da Prússia nasceu a grande Alemanha, de modo que o **balance of power** induz a Inglaterra a levantar moralmente a sua inimiga de ontem. Por curiosa coincidência, exactamente Bismarck encoraja a França a competir e a aborrecer a Inglaterra na expansão colonial. Porém, para competir com ela no plano político e militar precisa de adoptar os métodos de selecção e preparação dos quadros. Eis por que Taine se apercebe, admirado, do **Tom Brown** de Huges em 1872; e também porque o professor-desportista Pierre Freddi de Coubertin, com ódio aos alemães, se exalta pelos ingleses e pelos seus estros desportistas, perfeitamente justificados **subespécie pedagógica**. O barão funda, com pouco mais de vinte anos, a **Revue athletique**. A pedagogia acrescentou o amor pelo desporto. A ideia de refazer a Olimpíada não é completamente sua, mas ele e não outros realiza-a com plena consciência desportiva e cultural.

Em Olímpia, desastrosamente enterrada pelo Alfeu, o francês Albel Blouet procedeu a rápidas escavações, pondo à luz o tempo de Zeus e levando para o Louvre, em 1829, metópios, vasos preciosos, estátuas. Uma cinquenta anos depois ali volta Ernesto Curtius, alemão, e o seu êxito é completo. So com os achados é fundado um museu imponente. O metucioso Curtius traz à luz, em 1881, cinco livros sobre a **Ausgrabungen von Olympia**. Um jovem arqueólogo sob a sua orientação, Boetticher, escreve também um

livro em 1886. E aqui o barão Pierre toma a palavra para empenhar o «revanchismo» francês: «A Alemanha reencontrou aquilo que materialmente restava de Olímpia; não poderia a França ressuscitar-lhe o espírito e os esplendores?».

A este propósito irritam-se um pouco os ingleses, que já têm construído muitos estádios sem recorrer aos gregos, pobres decadentes há milénios. O barão ameaça voltar-se para os americanos. O Ministério da Educação não recusa os meios. Os americanos compreendem o ba-



As Olimpíadas duraram dez dias e foram prejudicados pela chuva.

rão e os ingleses compreendem os americanos.

Demasiado longo repetir o pe-

dido insistente do barão, possuído pelo desporto e por Olímpia. Os ginasiarcas simples

não deixam com torpes ciúmes; ali aparece ele em toda a linha. Na Sorbonne, e já não em Halles, pode falar de desporto e fraternidade humana. Os professores de grego emprestam-lhe quanto basta para acrescentar os fumos oitocentescos às mais prestigiosas memórias clássicas. «O restabelecimento dos Jogos Olímpicos será uma obra grande e nobre», proclama em 1892. Embora o tomem por visionário, dois anos depois aclamam-no na Sorbonne os representantes de doze países e de uma cinquentena de sociedades e entidades desportivas.

Está-se a 16 de Junho de 1894. Os delegados escutam comovidos o hino de Apolo, ainda há pouco «reinventado» com base em fragmentos descobertos em Delfos. Entre eles figuram dois italianos, naturalmente nobres, o conde Lucchesi Palli e o duque Carafa d'Andria. Como os colegas do Comité Olímpico Internacional (COI), receberam uma carta circular na qual o barão escreve:

«Antes do mais é necessário que conservemos ao desporto as características de nobreza e cavalheirismo que o distinguiram no passado, assim como continuei a fazer parte de educação dos povos de hoje como contribuiu para ela de maneira admirável nos tempos da antiga Grécia. A Humanidade tende a transformar o atleta olímpico no gladiador pago: é preciso escolher entre uma coisa e outra, incompatíveis entre si».

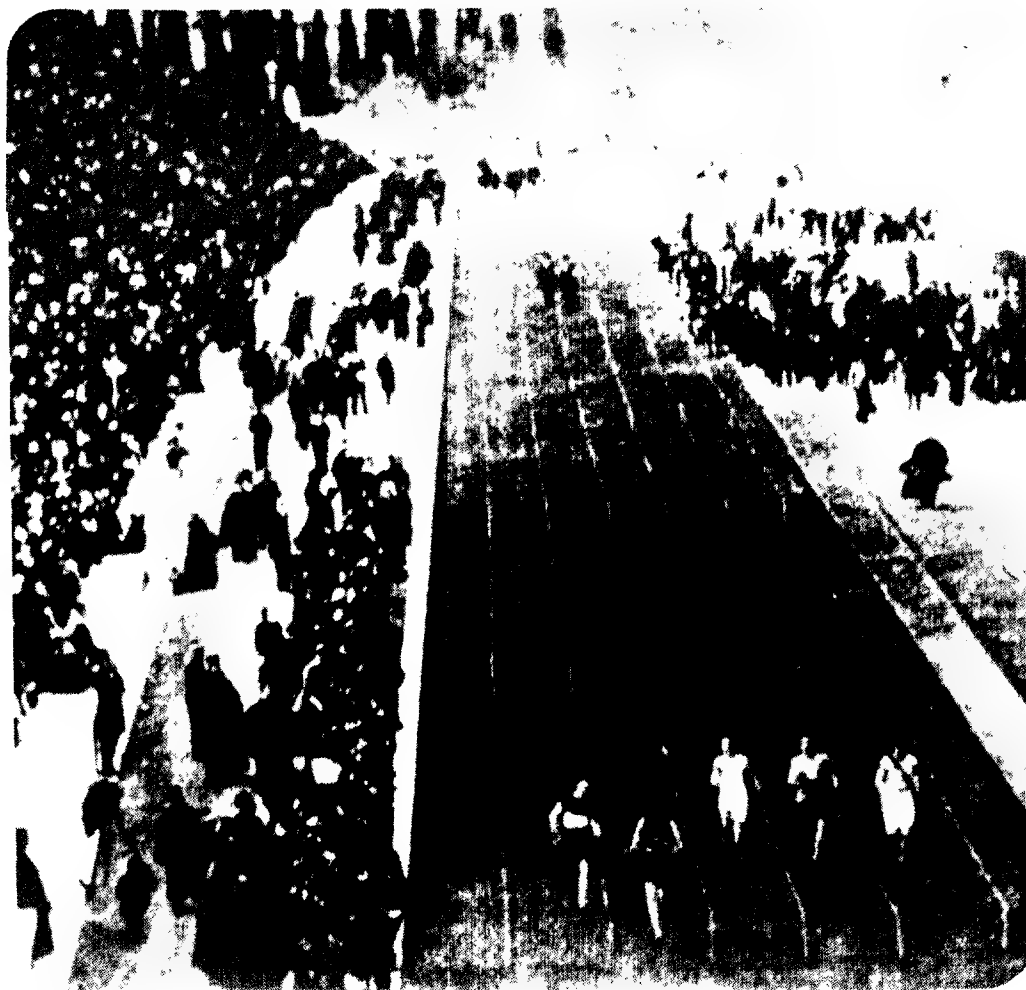
Assim tem início o equívoco aristocrático antes ainda da Olimpíada tomar forma segundo as novas experiências técnico-organizativas. O acordo sancionado na Sorbonne é que a 294.^a

edição dos Jogos (sic!) seja celebrada em Paris, durante a exposição Universal de 1900. Os ingleses torcem o nariz, os alemães acusam o barão de ter querido excluir os seus delegados do Comité Olímpico Internacional. Os italianos, com a óvia excepção dos dois nobres membros, tão-pouco sabem que existe um comité. Os gregos, pelo contrário, têm em Demétrio Vikelas o digno presidente do primeiro Comité, e dado que como bons mediterrâneos são taquígrafos quanto basta, não têm nenhuma vontade de esperar por Paris e pelo fim do século.

Olimpíadas extracitadinas já as preparou, no pior dos casos, Constantino Evangelista Zappas, em 1857: foi ele que distribuiu os prémios, mas morreu-lhe repente de aneurismo um corpeiro das duas milhas logo depois de ter transporto a meta. Os polícias a cavalo viram-se obrigados a carregar sobre a multidão dos curiosos para deixar passar os pedestrianistas.

Em 1870, Zappas volta a lançar a Olimpíada sobre as ruínas atenienses. Junta às corridas curtas e longas, o disco e o triplo salto (sabe-se lá porquê!) o tiro ao arco e a luta. Zappas repete-se em 1875 e 1889: tem mais sorte e embolsa alguns dracmas. A gente apaixonada-se também na Grécia acreditam de boa vontade nos mitos.

Os gregos, portanto, têm Vikelas na presidência do Comité Olímpico Internacional, e propõem imediatamente antecipar Paris como lhes parece justo. Sendo Olímpia uma glória grega e não francesa... O barão Pierre entra em acção, porém... há fundos? O primeiro ministro grego



Burke no momento em que vence os 100 metros. Os americanos conquistaram nove títulos dos doze em disputa, nas provas de atletismo.

torralta



Do sol à neve Um turismo de quatro estações

DL/DOMINICAL

JOGOS OLÍMPICOS

enfurece-se: é uma espécie de Giolitti ateniense, chama-se Tricoupis. As finanças do país estão desequilibradas, e vêm estes maluquinhos do desporto fantasiar novas olimpíadas! Tricoupis é demasiado sério para ser também popular. O rei está de acordo com os novos ideais; até o arquimandrita Boulgaris o apoia, os príncipes de sangue Jorge e Nicola assumem a presidência de duas comissões. O duque de Esparta, na ausência momentânea do pai que assiste aos funerais de Alexandre II, aceita imediatamente a presidência efectiva da Comissão Organizadora.

Para financiar os Jogos é emitida uma série de selos postais sobre a fascinante renascida de Olímpia. O grego-alexandrino Jorge Averoff caça o milhão de dracmas necessário para a reconstrução daquilo que foi o estádio de Atenas, sob Licurgo. Com o nome de Averoff é imediatamente baptizado o navio almirante da marinha: um seu busto surgirá na entrada do estádio todo em mármore branco. A pista é construída, em pó de carvão por um inglês, especialista no assunto, o Parry, que se queixa das proporções impossíveis. O estádio grego é uma espécie de ferradura de cavalo com uma unha comprida e estreita: muito belo para se ver, mas inadaptado para uma pista de corridas pedestres. As curvas são recortadas sobre um raio pequenissimo sobre o qual é impossível não ceder à força centrífuga. Que importa, objectará o barão Pierre, se estas medidas são tão clássicas, que até são... autenticamente gregas?

Renace, pois, na Grécia a Olímpia com a mais patética e menos banal entre todas as suas primeiras edições. Até Estocolmo, em 1912, não se falará de organizações ténicamente plausíveis. Paris em 1900 e Saint Louis em 1904 representam um regresso preocupante, uma concessão demasiado es-

candalosa ao grande Barnum. Londres apenas se salvará. Atenas, no primeirissimo exórdio, compreendeu, pelo menos, o espirito dos Jogos. O seu estádio contém bem 80.000 espectadores... e estará sempre cheio!

O pregão da Olimpíada é transmitido a todo o mundo: os governos tomam posição, isto é, ignoram-na belamente. Os italianos informados da Olimpíada são seguramente três: os dois nobres membros do COI e o tipógrafo milanês Carlos Airol-di, imperturbável pedestrianista de anca baixa. A Itália prepara-se para a nova queda de Adua, pela qual o monárquico napolitano Carlos Scarfoglio definirá o nosso povo o **grande molusco**, a Grécia aguarda os olímpicos em Atenas. Os dois membros italianos do COI seguem de barco. Carletto Airol-di a pé, Trieste e Ragusa, para chegar, pelo menos, treinado!

Nenhum governo se preocupa ver-se representado na Olimpíada. Uma última tentativa de renúncia perpetrada por Tricoupis cai no vazio, os húngaros oferecem-se para substituir Atenas, para assim festejarem mais dignamente o primeiro milénio do seu Estado (O rei Arpad havia decidido estabelecer os hunos em Buda e arredores no ano da graça de 896, após qualquer coisa como três milénios de incansável busca de uma pátria). A Coros trava de mão de Tricoupis, que se rende. Também os sacerdotes lhe são contrários e uma subscrição pública vem juntar-se ao milhão, em números redondos, de Averoff, generosissimo tio do Egipto.

Os americanos chegam a Nápoles no dia 1 de Abril. São em grande parte da Universidade de Princeton. O **sponsor** — isto é quem paga — é um graveto de um lançador, de nome Garrett. Outros poucos elementos de Boston vieram à sua conta. Embarcaram em Nova Iorque em 15 de Março. De Nápoles quiseram seguir para Roma e Florença para se distraírem um pouco: no último instante, porém, tomam conhecimento de que os Jogos terão início dentro de quatro dias apenas e têm — à pressa a furibundos — que alugar uma pequena embarcação para não serem excluídos. Chegarão, ofegantes, durante a cerimónia inaugural.

Dos primeiros Jogos Olímpicos dá notícia em Itália unicamente o «Messaggero» de Roma.

«Atenas, 5 de Abril. Hoje começarão aqui as festas para os Jogos Olímpicos, com a inauguração da estátua de Averoff e a entrega formal do estádio ao príncipe herdeiro, como presidente da Comissão Geral. Segunda-feira terá lugar um serviço religioso na catedral em comemoração do 75.º aniversário da independência grega, e a família real entrará solenemente no estádio. Uma orquestra de 550 instrumentos tocará o hino nacional e um coro de 350 vozes cantará uma ode escrita propositalmente. Então, iniciar-se-ão os Jogos que durarão 12 dias.»

Celebrados estes, o «Messaggero» informará lacónicamente:



DISCÓBOLO na marca de lançamento durante a competição vencida por Robert Garrett que havia financiado a viagem dos atletas norte-americanos, e que antes de chegar a Atenas se havia distinguido apenas no lançamento do peso.

«Atenas, 15 de Abril. Esta manhã teve lugar a distribuição dos prémios aos vencedores dos Jogos Olímpicos. O rei coroou os vencedores e, depois, declarou encerrados os Jogos.»

Nem uma linha sobre o drama plebeu de Airol-di... Já aquele passado remoto deveria despertar suspeita. Carletto Airol-di apresenta-se como o transfuga de um ghetto marciano. Dado que não é concebível que os dois membros italianos do COI nunca tivessem ouvido o seu nome, é claro que deve tê-lo assina-

lado a infalível carta anónima: numa volta pedestre a Corsico, satanás ficou danado para sempre ao receber um prémio de duas libras. Agora é inútil que implore: ter feito a pé o périplo do Adriático para honrar a idade de Olímpia não conta nada; os dois comissários italianos são demasiado nobres para descer àquelas inomináveis baixezas. Carletto Airol-di vê partir para a corrida da maratona três ou quatro andarilhos mal treinados e uma dezena de indígenas gregos de

saías.

Spiridione Louis é tomado por pastor como Arcádia manda. Na realidade é um carteiro: arranjou pernas entregando mensagens, nem mais nem menos do que Filippide, o soldado de Milcíades: aquele expirou gritando «nike» e quis-se ver nele um herói em vez de um estafeta mal treinado. Na corrida que honra o sacrifício de Filippide não se chega ao drama porque os concorrentes franceses e americanos desistem antes do aneurisma. Spiridione Louis

alcança-os e ultrapassa-os na iminência do estádio. Os príncipes de sangue precipitam-se para o festejar, icando-o sobre os próprios ombros augustos. A retórica esfurece-se, assim que o mensageiro se torna mênstor ignóbil. Um jactancioso americano dirá ter-se treinado mal e, por isso, perdeu com um carteiro desnutrido. Justo.

Os americanos fazem mão baixa nas corridas de velocidade, que cabem a Burke. O tempo nos 100 metros é de novatos: 12 segundos O tempo nos 400 metros, com aquelas curvas danadas, é de rapariga: 54 segundos e 2 décimos. Um australiano, Flack, vence no meio fundo com tempos de campeonato provincial. O **sponsor** da viagem yankee, Garrett, imita o discóbolo de Mirone, improvisando-se lançador para vencer, também ele, qualquer coisa. Saltadores em altura e comprimento são todos americanos. Bastam as suas prestações mínimas para se classificarem.

Os franceses dominam as corridas ciclistas em pista; na estrada vence um grego ao qual um espectador condescendente tem de emprestar a bicicleta para o último troço. Os alemães impõem-se na ginástica, os húngaros na natção, os franceses e os gregos na esgrima, os americanos e os gregos no tiro, os ingleses, como é óbvio, no ténis. As regatas são suspensas devido ao mau tempo.

Qualquer cronista daquela primeira olímpica começa a notar o acre rancor dos nacionalistas iludidos. Os gregos não se conformam ao ver os seus campeões batidos. Salva-os, por fim, a exaltação do carteiro corredor, e vencedor da maratona. Os **yankees** recolhem o maior número de medalhas mas têm o bom gosto de não precisar quantos negros os bateriam com uma perna às costas, no seu país, se se dignassem admiti-los nas competições. Um dia virá.

O barão Pierre regressa da Grécia como um turista feliz. Passa férias em Olímpia para uma homenagem obrigatória às recordações. Desembarca em Cefalónia, e tem surpresa de notar que, na praça do porto, os rapazinhos jogam às Olimpíadas. Então, tem a certeza de ter vencido e prepara-se para defender dos megalómanos gregos a sua criação. Os gregos confundem mito com realidade, como é tão humana que façam os sobreviventes. Para eles, a Olimpíada moderna é grega, tal como Olímpia, que já é apenas um museu.

O barão conhece bastante a história para saber que o presente é honrado segundo realidades. A Olimpíada é fenómeno universal e já não pan-helénico. Ela consentirá aos povos medir-se entre si sem derramamento de sangue. Das Olimpíadas, todavia, vir-lhes-á de vez em quando, a certeza de ter nervo e cultura suficientes para se consolar, depois, por não o ter sabido dominar. Píndaro cantará epínios menos alados, por certo, mas também tecnicamente irrepreensíveis. Cada país lerá aí a sua glória, quer seja grande ou pequena. Durante algum tempo todos serão felizes.



Jorge Averoff que financiou a construção do estádio de Atenas.

torralta



Um lugar para si

Uma sociedade para todos

DL/DESPORTOS

MINI-BASQUETE

NO BARREIRO, A OFICINA

O mini-basquetebol, modalidade que tanta gente esquece (ou faz por esquecer) continua a sua escalada, expandindo-se por esse País fora, fomentando o bem estar físico e intelectual de algumas centenas (ou milhares?) de crianças, teve um dos seus berços no Barreiro, onde actualmente é praticado por cerca de 300 crianças com idade compreendida entre os 8 e os 12 anos.

O entusiasmo manifestado naquela vila por este salutar desporto é enorme, e, amiúde se iniciam escolas de mini-basquete no concelho.

Foi o F.C. Barreirense que iniciou esta modalidade desportiva, e é também neste clube que a actividade se encontra mais desenvolvida, possuindo as suas escolas cerca de 150 atletas.

A reportagem do «DL» foi ao ginásio do Barreirense:

«A nossa intenção ao desenvolver o mini-basquete, é, além de formar atletas para o futuro, a de educar a criança desportiva e socialmente, e de ajudá-la a conviver com colegas de outras terras».

Estas foram as primeiras palavras de Amílcar Simões, atleta juvenil do Barreirense (com 16 anos) e um dos orientadores das escolas de mini-basquete:

«No aspecto educacional, tentamos inteirar-nos do aproveitamento escolar dos miúdos, indo por vezes às escolas saber as notas. Se por acaso existe um desinteresse pelos livros em favor do mini-basquete, tentamos, através de diálogos, que eles compreendam que isso está errado. Por outro lado no fim do ano lectivo damos alguns presentes aos atletas que tiveram melhor aproveitamento escolar. No aspecto social tentamos proporcionar-lhes momentos de agradável convívio, através de torneios onde eles irão fazer novas amizades e inteirar-se de novos costumes. Muitos pais pensam que a iniciação desportiva irá prejudicar o aproveitamento escolar dos filhos, não os deixando, portanto, preencher os tempos livres com esta actividade».

Ouvimos sobre este assunto



Prático o mini-basquete, mas a minha grande paixão é o futebol. Quero vir a ser futebolista, mas apenas pelo gosto que a modalidade me dá

a sr.ª D. Maria Graciete Neves, mãe de um jovem atleta:

«Penso que o mini-basquete marcou um período importante na vida do meu filho, pois ele era uma criança pouco

expansiva, tímido e de fraca constituição física. Hoje, verifica-se com alegria que tal já não acontece, devendo-se esta total modificação, unicamente aos 2 anos de prática da modalidade. No aproveitamento es-

colar não tem havido problemas e quero realçar a acção dos orientadores nesse capítulo, pois eles, além de se interessarem pelos problemas dos miúdos, aconselham-nos e animam-nos a fim de obterem melhor aproveitamento». Entretanto, no recinto de jogo algumas crianças «treinavam» evoluindo alegremente com a bola da direcção da cesta contrária.

Chamámos um desses atletas, José Carlos Félix Ferreira de 11 anos, que nos respondeu, quando lhe perguntámos a razão que o levou a jogar mini-basquetebol:

« Vim para o mini-basquete porque muitos dos meus colegas andavam cá e começaram a influenciar-me».

— Pensas continuar a jogar basquetebol?

«Não, porque gosto muito mais de futebol, mas como ainda não o há para a minha idade, é essa uma das razões porque pratico mini-basquete. Sou um entusiasta pelo futebol e penso ser futebolista só pelo gosto de o praticar. Não por outras razões».

— Como concilias os teus estudos com o mini-basquete?

«Durante o tempo de aulas poucas possibilidades tenho de praticar «mini» pois os estudos ocupam-me muito tempo».

Outro nosso entrevistado foi Vítor Chagas de 11 anos que pratica a modalidade, mas no Luso F.C... É ele quem nos diz:

«No Luso não temos só mini-basquete. Temos também futebol, andebol, natação e atletismo, desde os 3 anos até aos 12. A partir dos 12 é que vamos praticar somente aquilo que temos mais gosto».

— No Luso, quando não há treinos a que actividade se dedicam vocês?

«Como temos a sala de convívio com biblioteca, vamos para aí ler ou conviver com outros colegas e por vezes temos pintura e outras actividades organizadas pela Comissão Cultural».

Manuel Fernandes, atleta da 1.ª categoria do Barreirense e



que há longos anos se encontra integrado no mini-basquete do clube, fez-nos uma síntese das vantagens desportivas que se obtêm com a prática da modalidade.

«A criança, com o mini-basquete, desde muito cedo vai conhecendo o jogo e, a par de um desenvolvimento físico

notável, adquire uma técnica de basquetebol que até aqui não era possível. Por outro lado, como reflexo da prática do mini-basquetebol futuramente encontrar-se-ão desportistas são e com uma mentalidade desportiva muito melhor dos que habitualmente observamos».

— No aspecto social quais são as vantagens?

«No aspecto de formação como homens, cria um espírito de grupo e de amizade óptimo, e, ao mesmo tempo, ajuda a criança a integrar-se numa sociedade onde irá adquirir conhecimentos ajudando-a a elevar o seu nível cultural».

Reportagem de
JOAQUIM GALRITO

À INDÚSTRIA HOTELEIRA

Novas instalações do

GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

Praça das Águas Livres (às Amoreiras)

(a abrir em Outubro próximo)

Para a exploração de:

RESTAURANTE

instalado no 7.º piso (com elevador privativo)

ESPLANADA

instalada no 8.º piso

SNACK BAR

instalado no 4.º piso (para utilização privativa dos sócios)

Aceitam-se propostas que deverão ser dirigidas a:

GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

Departamento Social

Rua de Serpa Pinto, 2 — LISBOA - 2

NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — EXPOSIÇÃO ITINERANTE SERGE POLIAKOFF

5 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO GRANDE EXPOSIÇÃO

INOXIDÁVEL — TAPEÇARIAS — BRONZES.

DE MESTRE JORGE BARRADAS — CERÂMICAS

EXPOSIÇÕES

GALERIA S. MAMEDE

Rua da Escola Politécnica, 163-175

12 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO

SALAS COM UMA EXPOSIÇÃO DE 24 DESENHOS A TINTA

17 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO — RAUL PEREZ — Surrealista

DA CHINA DE CRUZEIRO SEIXAS — OBRAS RECENTES 1972

CHARTERS DE ALMEIDA — ESCULTURAS — AÇO

14 DE NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — INAUGURAÇÃO DE NOVAS

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADO SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome

Morada

Telefone

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE BALASTROS

NORMAIS E PERFEKTSTART

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

DL/DESPORTOS

CICLISMO

A VOLTA A 136 KM DO FIM

A verdade é só uma: nesta Volta há só um nome grande para referir. Porque ele foi o maior não apenas numa etapa, mas sim no conjunto delas, conquistando na altura própria o símbolo do melhor, não o largando mais. Sofreu ataques vindos de todas as direcções: sempre e em todas as circunstâncias ele soube defender-se como autêntico leão que é, não deixando qualquer criar ilusões quanto a uma reviravolta que a verificar-se seria sensacional.

Nesta Volta-72, um só nome dominou as atenções gerais: o de Joaquim Agostinho.

Ele mostrou ser, de facto, o melhor de todos. E por diversos motivos: porque foi ele quem esteve diariamente em foco. Porque foi ele, sempre, o homem que dominou a corrida. Porque foi ele, sempre, quem esteve sob a mirada atenta dos que podiam emprestar um volta-face à prova. Por outras palavras: Joaquim Agostinho tem sido, nesta Volta, o único patrão, o dono absoluto de tudo e de todos, esmagando a ousadia de um pequeno ou cortando pela raiz a tentativa de um maior. Para Agostinho, a 136 quilómetros do fim, as palmas e os louros de uma vitória que só lhe poderá fugir por acidente ou forte motivo imprevisto.

Uma vez mais «fiz» uma Volta a Portugal. E este ano, como nunca terá acontecido, Agostinho revelou ser efectivamente o maior: porque todos os dias (ou quase) foi chamado ao controlo anti-«doping», porque todos os dias (ou quase) os outros regularam a corrida consoante a sua disposição. Ninguém duvidou do mérito com que Agostinho vai ganhar a 35.ª Volta a Portugal em bicicleta: vestida de amarelo desde o Norte ao Sul do País, Lisboa vai hoje reconhecer a sua verdadeira classe de campeão: um campeão que terá beneficiado da quebra física dos seus mais directos adversários, mas que soube apalpar o valor de uns tantos desconhecidos e amolecer os seus sonhos de glória.

Agostinho está à porta da consagração a que tem direito: por isso Alvalade é já entusiasmo e vibração, moldura humana que espera o último feito para o aplauso já merecido.

Dadas as circunstâncias em que Joaquim Andrade e Fernando Mendes participaram nesta Volta, pensava-se que Joaquim Agostinho iria ter uma Volta tranquila. E, se nas primeiras etapas o sinal contrário não foi totalmente demonstrado quando a Volta começou efectivamente, adivinhou-se que afinal o campeão de Portugal não iria passear pelas estradas do país. Os começaram a surgir nos primeiros lugares das classificações das etapas, uns tantos nomes que ilustravam títulos das notícias. E também alguns moços novos deste nosso Portugal, ávidos de fama, sedentos de títulos, que não deixavam o campeão fazer a corrida da tranquilidade. Depois de um Joaquim Leite que é primo de Ps-triarca, de um Venceslau que tem sopro de coração, veio ao de cima a craveira técnica de um Galdamez que, parecendo adormecido no meio do pelotão, estava sempre à espreita da melhor oportunidade para atacar. Como, depois, subiu a sombra negra do campeão, o jovem José Martins, tão pleno de regularidade como de força.

Joaquim Leite dividido numa equipa ainda mais dividida, Manuel Gomes experimentando apenas nos «sprints», Manuel Lote só na parte final, uma amostra do muito que poderia ter feito.

Manuel Durão, eternamente infeliz e pobre de possibilidades, apenas na pista do Távira bateu o pé ao campeão: era a desforra que pretendia, e ter-se-á dado como satisfeito, quando alcançou o desejado. Venceslau esteve no topo e do topo caiu

possibilidades, não obstante a barriga demonstrar já a sua veterania, Ramon Juez mais infeliz do que útil, Pedro Torres um valor em embrião, José Balboa numa experiência tipo tirocinio, Jesus Salcedo esforçado mas pouco proveitoso, Andrés Sanchez, outro valor positivo em perspectiva, Juan Jerez a jogar tudo nos finais de etapa, Félix Gorostiza a esforçar-se inglória.

Volta de surpresas, esta a 35.ª?

Só se, de surpresa, se pode considerar já a vitória de Joaquim Agostinho.

Estamos a cerca de cem quilómetros do final desta Volta que, como novidade, apenas nos trouxe uma visita em carrocel ao Autódromo do Estoril, mais uma etapa em pista, afinal de contas. De resto, um traçado cheio de saltinhos que não aproveitaram a ninguém. Não foram poucos, não senhor: e não exageramos se dissermos que a organização essa sim é que exagerou nos saltinhos que deu e fez dar a toda a caravana. Logo depois da segunda etapa, terminada em Guimarães, fomos todos ver o mar que bete em Vila do Conde: apenas para que se corresse 10 voltas, num total de 30 quilómetros. Depois, foi aquela da 6.ª etapa terminar em Seia já depois das sete da noite, o júri reuniu em Viseu até altas horas e viajamos depois (necessariamente mal dormidos e mal comidos) para Tondela onde principiava a 7.ª tirada. Esforço extra que se pediu a ciclistas e acompanhantes, sem proveito aparente para todos. Mas a caravana dos saltinhos tinha de confirmar o seu nome e, depois da 9.ª tirada terminada na Figueira da Foz, novo salto: até Sangalhos para cumprir um circuito de 2 quilómetros. E novamente toda a gente a seguir para a Figueira da Foz, para a ligação até Lisboa, onde na tarde de um sábado de Verão aconteceu nova viagem até ao Estoril. E, talvez porque a capital havia tido a oportunidade de ver os ciclistas em duas tiradas seguidas em circuito, não ligaram nenhuma a uma saída de Lisboa. Novo salto desta vez até Setúbal, para a mais longa etapa da Volta. Quando aconteceu a tirada que terminou nas Penhas da Saúde, tivemos de saltar denovo: Castelo Branco sorria à ideia de ver os ciclistas partirem, e o livro oficial determinou: pois será de Castelo Branco, que os corredores sairão.

E aqui está como aos ciclistas foi exigido um esforço secundário, como a toda a caravana foi imposta uma sucessão de saltinhos que só fizeram enervar e complicar a vida de cada um.

Uma volta aos saltos, ou a história do sapinho que quiz ver e assistir a tudo quanto era Volta a Portugal em bicicleta...

Já o fizemos sentir em crónicas anteriores, mas nunca se dá demais repisar no assunto: em futuras Voltas, a organização tem de cuidar, mas muito a sério, dos locais onde coloca as metas, bem como de fiscalizar os locais onde os particulares querem estender os panos dos seus prémios.

No primeiro dos casos, não pode acontecer aquilo que todos vimos, por exemplo, nas chegadas a Envidos e às Pênhas da Saúde: uma estreita nesga de terreno para os corredores passarem, com perigo não só para

DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM

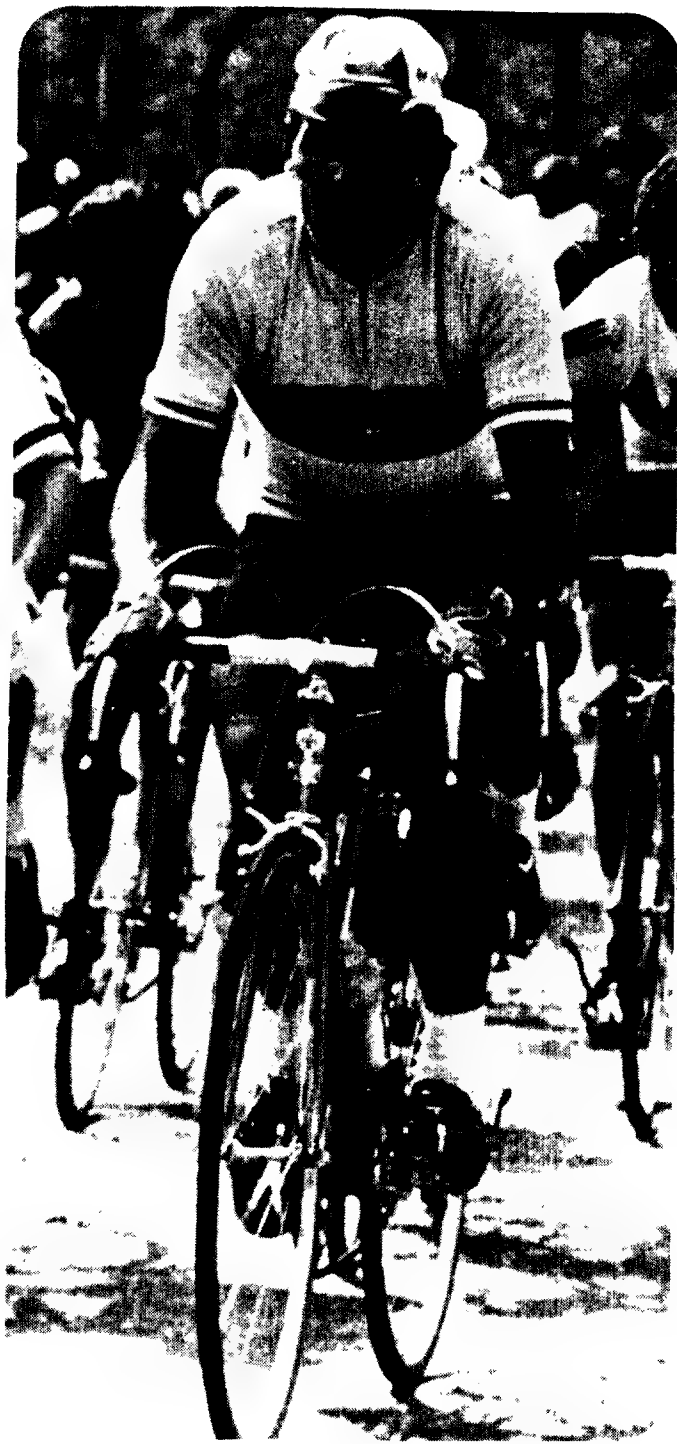


Por NEVES DE SOUSA

eles que andam naquilo para ver se ganham «algum», mas também para o entusiasta que tanto pode ser levado à frente de uma bicicleta pelo seu entusiasmo, como pode ser empurrado pelo parceiro que está atrás, desejoso de melhor posição. Mas, para além do perigo que todos correm, acontece também, como nas Penhas da Saúde, por exemplo, populares a ajudarem os seus ídolos ou a dificultarem a vida aos corredores das equipas que não lhes merecem simpatias. Na subida para as Penhas, houve também quem sofresse com antipatias: caso do espanhol Pedro Torres, que nos mostrou fundo vergão no pescoço, sinal de popular que tem ódio ao número transportado nas costas, ou à cor da camisola.

Ora isto não pode acontecer em futuras Voltas: os ciclistas não andam ali a venderem (sabem lá por que preço) o seu esforço, para num segundo, um indivíduo qualquer deitar tudo a perder. Está bem que haja entusiasmo popular, vibrações dos que acorrem à estrada para aplaudir os heróis da bicicleta. Mas não se pode permitir que esse entusiasmo se transforme em arma de crime, pois tanto é criminoso ajudar o ídolo, como impedir o adversário de ganhar melhor posição. Tanto num caso como no outro, fica defraudada a verdade desportiva de uma prova, toda ela feita de esforço e sacrifício.

Não custa nada, e até fica bem, um pouco de respeito por



Volta de surpresas, esta a 35.ª?

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

Desacreditados de poderem concorrer para um lugar cimeiro, Joaquim Andrade e Fernando Mendes «deixaram» com a sua nítida inferioridade física, outros valores adiantaram-se na corrida de verdade. E não apenas eles: também António Graça que viu naufragar os seus bons planos no mar agitado em que navegou (a doença e a febre alta atacaram na pior ocasião), Manuel Mestre, eternamente fiel ao seu chefe de fila, terá deixado nas pernas muita da força de que vinha animado,

vertiginosamente. Foi esperança encarnada que depressa desapareceu, enquanto Fernando Mendes, realmente o mais rival de Agostinho, foi aos poucos subindo na geral cotando-se como o mais regular nas chegadas à meta.

E vêm os estrangeiros: os espanhóis «encomendados» em cima da hora e que tanto desiludiram como espantaram: Galdamez já falado, mestre na arte de «ir fazendo sem dar nas vistas», Eduardo Castellon, um verdadeiro profissional a quem o peso dos anos terá roubado a força de outrora, António Gomes del Moral, o aventureiro que quiz avaliar ainda das suas



LENÇÓIS

1922-1972



Coelima

VESTEM O SONO DAS SUAS NOITES

Apartado 5 - PEVIDÉM - Guimarães

DL/DESPORTOS

CICLISMO

NA LUTA POR EQUIPAS AINDA E SEMPRE O SPORTING

quem fez o espectáculo...

Estamos a poucos quilómetros do final desta Volta-72. Uma Volta que entusiasmou o país como todas as já disputadas, que trouxe à estrada como às bancadas das pistas uma multidão difícil de escalonar dentro dos números. É a verdade do ciclismo, muito particularmente da Volta: a modalidade que nascendo do povo, a ele consegue transmitir toda a vibração da luta contra a estrada e contra o tempo. Volta, é convite para o povo vir à beira da estrada oferecer um pouco de água, muitos aplausos, a esses gigantes que conseguem vencer a dor, a poeira, a sede e às vezes a fome, por uns tantos segundos que no fundo nada representam. E como é belo ver-se o povo anónimo estender as mãos feitas do trabalho, inteiramente dedicadas à missão de aplaudir quem apenas conhece de nome. Belo e fascinante, grande e profundo. Na margem da estrada, mora a moldura ideal modalidade feita de suor e sacrifício: moldura simples, para a simplicidade dos heróis.

Para além da luta diária e constante por uma posição de honra na tabela individual, a



Volta fornece ainda outro atractivo de interesse que é a luta das equipas: o esforço conjugado na mira da defesa das cores da camisola. E, aqui, uma vez mais, o predomínio pertenceu ao Sporting: um punhado de ho-

mens valorosos que souberam cavar os alicerces de uma vitória que se adivinha como certa, com «rei e senhor» a ditar a sua lei. Mas, para além dele, (falamos de Joaquim Agostinho, é verdade) um grupo de «cavalheiros» de primeira fila: Leonel Miranda, Firmino Bernardino, Emiliano Dionísio, este sacrificado este ano às vitórias em «sprint». Mas, como todo o sacrifício tem prémio, ei-lo a terminar a prova, pleno de força e vontade, à espreita, já, de nova oportunidade onde possa fazer realçar as suas qualidades de «sprinter» de eleição. E, depois destes, a juventude e o desejo de fazer bem de uns tontos, che-

fiados por Vitor Rocha. Na luta por quipás, ainda e sempre o Sporting a ditar a sua lei.

Mas, nem tudo foram rosas para a turma leonina: na luta pela primeira posição, encontrou a equipa de Manuel Graça um forte adversário chamado Coelima. Verdadeiramente, a única que pôde bater mano a mano, a única que fez perigar a sua posição de guia. A força de um José Martins, aliada à experiência e manha de um José Luis Galdamez, salvou a Volta daquele mínimo de emoção que deve manter até final. E isso que desde já ficamos a dever aos homens da Coelima. Não apenas aos citados, mas a todos

os que vão conseguir chegar a Alvalade.

O Benfica, uma vez mais, não foi feliz numa Volta a Portugal. Com o seu chefe de fila doente e em baixa forma física, os encarnados não tinham a mínima chance de dar uma alegria aos seus associados e simpatizantes. A turma dos encarnados, faltaram os efeitos de uma busca feita a tempo e horas. Os verdadeiros ciclistas andam por aí, incógnitos, e desconhecendo o quanto podem valer para a modalidade. Daí a necessidade de o Benfica rever as estruturas da sua secção de ciclismo, e deitar mão a novos processos. Uma camisola encarnada, à frente do pelotão, empresta logo maior entusiasmo a quem vê passar os ciclistas. Foi isso que este ano vimos, uma vez mais. Só que, na maior parte das vezes, o encarnado era sinónimo de Messias e nunca de Benfica...

Ao F.C. do Porto faltou coesão e espírito de equipa: Leite não teve companheiros, Andrade foi um sacrificado da dor, Custódio Gomes um homem que se atirava, apenas, para as metas volantes. De Manuel Gomes, que dizer? Que é bom, que ganhou muitas etapas mas que fez apenas o seu jogo. E extremo esquerdo que remata só com o pé direito, não serve para primeira categoria de qualquer clube.

As Caves Messias encararam a sua participação nesta Volta, como realmente deve ser: à falta de tempo para descobrir novos e verdadeiros valores dentro do país, abriu os cordões à bolsa e foi buscar o que de melhor estava inactivo. E aí temos, quase a terminar a Volta, um conjunto de profissionais a sério que elevaram o nome da firma à primeira página dos jornais, à falta dos repórteres de rádio. Acontecendo assim, estava cumprido o desejo dos patrões, estava a missão dada como terminada e conseguida.

O Ginásio de Távira alternou o óptimo com o péssimo: e, isto, devido a vários factores. A doença de António Graça que chegou a correr com 39 graus

de febre, aos «raids» de Eusébio Pereira, aos azares de Manuel Mestre. Durante esta volta, o Ginásio de Távira viveu quase exclusivamente das fugas e dos golpes isolados de alguns dos seus ciclistas. Também lhe faltou coesão e espírito de equipa.

O Sangalhos baseou a sua actuação nas exhibições de um veterano: Herculano de Oliveira, que conseguiu demonstrar quanto vale ainda em cima de uma bicicleta. Excelente trepador, contou com a ajuda de um Manuel Lote regular e de uma revelação que não deu por tudo: Manuel Durão. Com um bom treinador, esta equipa do Sangalhos poderia ir mais longe, pois um massagista (Vidal) não pode acorrer a tudo.

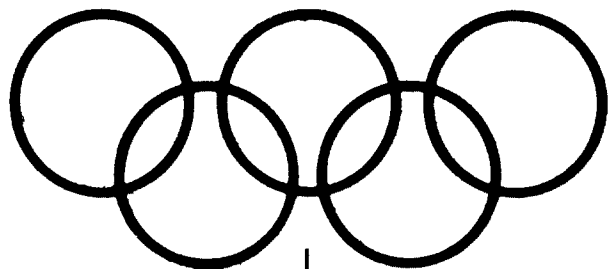
Temos ainda a Ambar, a Macieira e o Louletano. Três equipas que tudo fizeram para o não ser, dada a desorganização em que sempre viveram. A Ambar, a partir de certa altura, bastava que os seus corredores andassem com os outros, a mostrar as suas camisolas: já que a veterania de um Sousa Vieira ou de um Francisco Valada, não permitia mais altos voos. A Macieira, nitidamente prejudicada por um erro do júri, viu cedo demais desaparecer o seu nome da lista das equipas participantes. Da mescla europeia nada de bom resultou e do sonho passou rapidamente à desilusão. É o preço da improvisação, quando os autênticos valores nacionais não se impressionam com os nomes estrangeiros...

Resta-nos o Louletano, que deve chegar a Lisboa com o único profissional que contratou: Eduardo Castellon. Dos que ficaram pelo caminho, nem vale a pena falar.

A Volta está a poucos quilómetros do seu final. O Estádio José Alvalade é já chama ardente que espera pelo grande triunfador. É tempo de repousar a caneta, arrumar os papéis e libertar as mãos. Também eu tenho o direito de aplaudir Agostinho.

AMBAR

FÁBRICA DE ARTIGOS DE PAPELARIA



Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique -72

GRUNDIG

cerveja **cergal**

MONUMENTAL
HOJE:
«Matinée» às 16 horas
à noite, 2 sessões às
20.45 e 23 horas. 16
Grupo D - M/ 18 anos.
VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CESAR • VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS
Amanhã - Descanso da Companhia

a caravana da volta bebe...
cerveja **cergal**



A VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos: Tel. 553336-553809

cerveja **cergal**

MACAL-SACHS
A FRENTE DO CAMPEONATO NACIONAL DE MOTOCROSS
— A PROVA DA VERDADE —

A nossa reportagem acompanha a "Volta" num

TOYOTA

DL/DESPORTOS

COLECTIVIDADES POPULARES

Desporto em Canas de Senhorim:

Água e esgotos denunciam abandono

«Há uma Pátria dentro da nossa própria Pátria: é o lugar que nos viu nascer». Assim reza no jornal «Planalto», órgão informativo do concelho de Nelas, a página que se refere à vila de Canas de Senhorim.

Freguesia que conta cerca de 5.000 habitantes e a que pertencem as povoações vizinhas de Urgeiriça (onde decorreu a não sei porquê famosa «lua-de-mel» do sr. Anthony Eden), Póvoa de Santo António, Vale de Madeiros, Caldas da Felgueira (termas com nome feito e paisagens de sonho) e Lapa do Lobo, Canas de Senhorim (terra de antigos e famosos Entrudos, tão antigos e tão famosos que até já caíram no saco roto) passa por ser a «vila mais industrial da Beira Alta». Para isso dão o seu contributo, as outrora relevantes minas da Urgeiriça e a Fábrica dos Fornos Eléctricos situada na própria vila, mesmo em frente a um complexo industrial (hoje na inactividade) pertencente à Companhia União Fabril. Poder-se-á pensar que, com estas possibilidades de colocação de mão-de-obra, Canas de Senhorim apresente a face característica de uma povoação em progresso. Mas não. A freguesia de 5.000 habitantes é, na realidade, uma povoação semi-de-serta. Muitos dos seus filhos partiram para terras da estranha e alguns deles já «botam figura» quando, de retorno à «terrinha» (por via das férias), aproveitam para exibir as viatu-

ras motorizadas que, sendo sinal de desafogo, escondem, quantas vezes, as dificuldades que dão privações. No entanto, são algumas dessas pessoas, como mais à frente iremos ver, que asseguram a continuidade do grupo desportivo do seu torrão natal. Assim lhes fosse pedido o contributo (que isto cá pelo sítio é tudo na base da mão estendida) para a água canalizada e para os esgotos que é coisa que a vila mais industrial da Beira Alta não conhece. Bem se tem esforçado a Junta de Freguesia, mas os obstáculos com que tem deparado, postos uns sobre os outros, deram apenas para um reservatório que alimenta não sei se meia dúzia de públicos fontanários.

A Escola Técnica do Dão, velho anseio de continuação de estudos para os privilegiados da região (enquanto não vier a «reforma» que lhe abra as portas de par em par aos filhos de todos) foi coisa que já se conseguiu e, não tenhamos dúvida, por força de interesses industriais, sempre poderosos. Agora aguiar a zita na casa de cada um o cano de esgoto no subsolo é que não têm quem lhe pegue. Bem, mas estamos a afastar-nos do motivo da re-

portagem: o Grupo Desportivo e de Recreio de Canas de Senhorim. Vamos, pois, falar dele e deixar os outros problemas da vila para daqui a uns tempitos. Quando estiverem resolvidos. Coisa rápida, vocês vão ver.

Não foi muito fácil ao repórter encontrar quem prestasse as informações necessárias. Ao cabo de algumas voltinhas lá encontramos o presidente da direcção cessante, dr. Fernandes Pêga que nos esclareceu:

O Desportivo de Canas de Senhorim foi fundado na década de 30, num ano que não posso precisar. Passou por vários períodos de inactividade, tendo retomado uma existência regular de há cerca de seis anos a esta parte. Esse impulso foi-lhe proporcionado pelo entusiasmo do eng. Gomes da Costa, aquando da sua passagem pelos fornos eléctricos. A equipa de futebol (na categoria de seniores) começou pela 2.ª divisão distrital e chegou depois à 1.ª, onde actualmente se mantém. A turma de juniores tem tido um comportamento bastante meritório, pois há já três anos consecutivos que assegura a sua permanência no Campeonato Nacional.

Além do futebol praticase no clube qualquer outra modalidade?

«Temos o atletismo, que vive da dedicação do nosso associado Alberto Carlos de Moura. Pena que esteja desacompanhado. É

através do seu esforço (e até da sua bolsa) que o atletismo existe em Canas de Senhorim. E os resultados têm sido animadores. Obtivemos já alguns títulos distritais e ao último Campeonato Nacional de Corta-mato, realizado em Coimbra, conseguimos alcançar um nono lugar. Por outro lado, organizámos este ano o «1.º Grande Prémio de Canas de Senhorim», a que concorreram 14 equipas, entre as quais se contavam as do Galitos, de Aveiro e do Santa Clara, de Coimbra. A prova foi ganha pelo categorizado Aniceto Simões, com um avanço apreciável.»

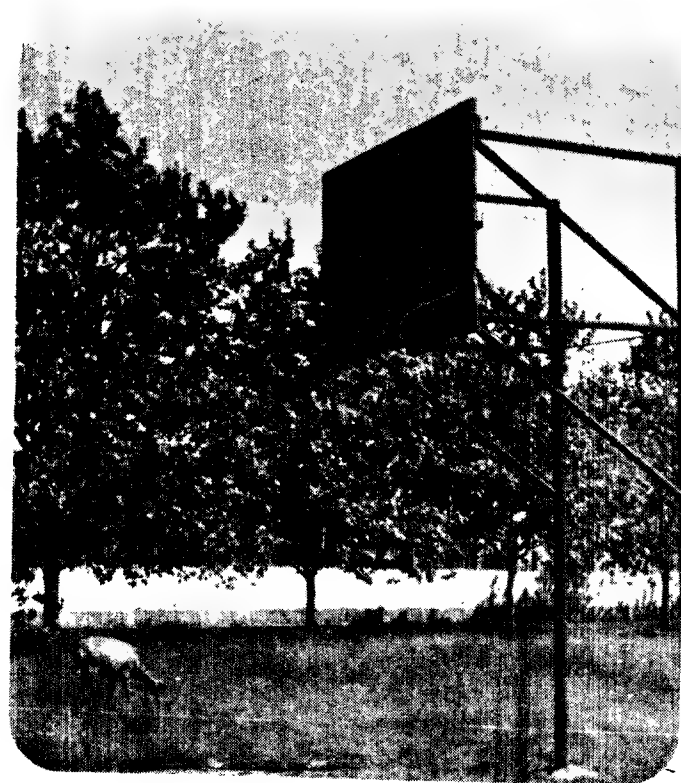
Contando com um número de associados que ronda as duas centenas (a pagagem cinco e dez escudos de quota), o Desportivo de Canas de Senhorim recebeu já, este ano, vários subsídios da Câmara Municipal de Nelas que totalizaram a insuficiente verba de sete mil escudos. E o problema comum dos clubes modestos que deixou de impressionar a consciência das pessoas. Surpresa seria o desafogo, a abundância de subsídios. Atravessamos, sem dúvida, uma fase de monotonia. Voltemos a escutar o dr. Fernandes Pêga:

«O futebol com as elevadas despesas que acarreta, traz sempre prejuízo. Vimo-nos forçados a terminar com a apresentação na categoria de juvenis por não podermos suportar o aumento de encargos que ela implicava. E foi pena, porque essa equipa constituiria um autêntico alfofre de jogadores, do qual se iriam formando as turmas de juniores e de seniores.

Texto de ALEXANDRE PAIS

Evitávamos com isso o recrutamento de atletas de fora. Mas como fazer face às despesas?»

A sede da colectividade está instalada no antigo edifício dos



Urgeiriça: bucolismo que pede meditação

CTT e é motivo de mais um encargo:

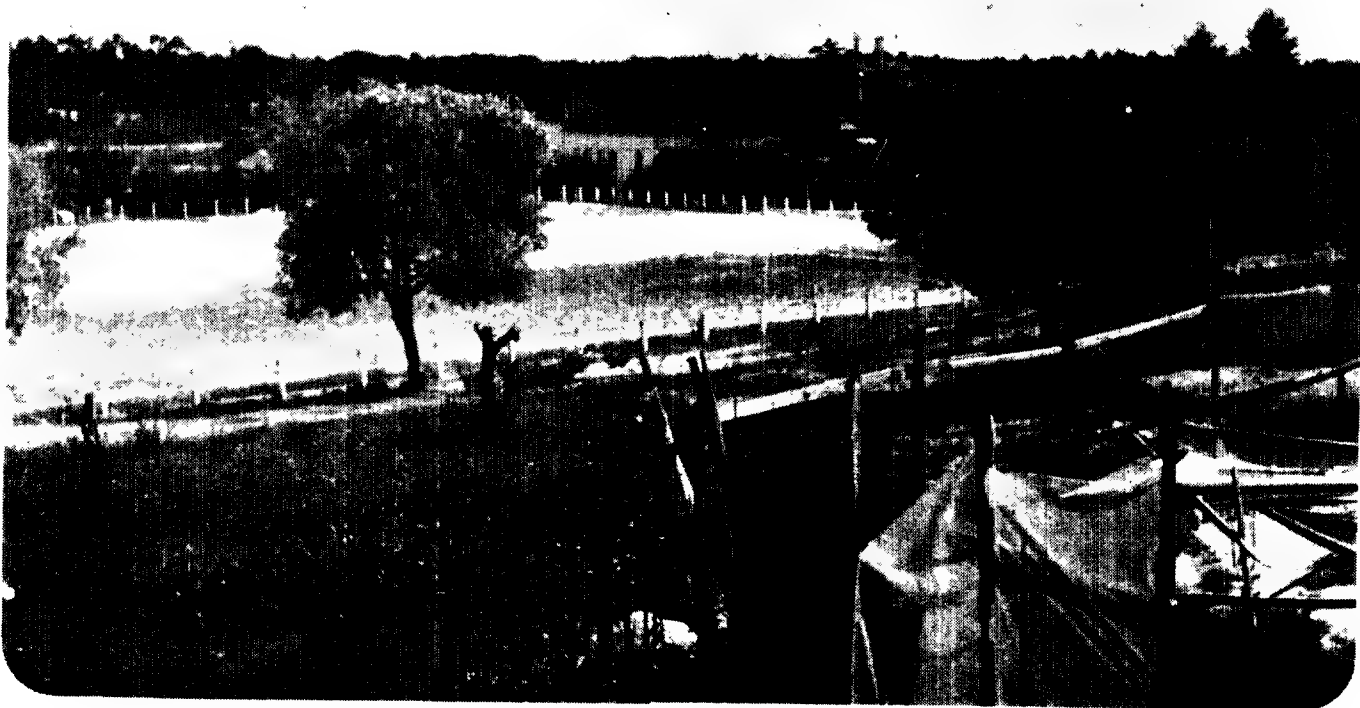
«Por essas instalações pagamos 400\$00 mensais. Lá podem os sócios entreter-se com a leitura de jornais e com jogos de cartas e matraquilhos. Ainda não pensamos numa sede própria, porque todos os nossos

bas juntou-se outra, conseguida através da subscrição aberta no «Planalto» e reunimos então, um total de 75 mil escudos.»

Aproveite-se para dizer que muitas das pessoas que enviaram os seus donativos para o «Planalto» são emigrantes, como emigrante é, afinal, o homem que acabou por chamar a si a responsabilidade pela arrancada decisiva:

«Esteve cá de férias o sr. António Filipe que se encontra radicado no Brasil há largos anos. Pessoa excepcional, de uma generosidade extrema, interessou-se pelo nosso problema e fez questão de ser ele próprio a resolvê-lo. Uma das hipóteses que nós tínhamos, era a do chamado «campo dos Fonecas», em tempos utilizado pelo Grupo Desportivo e que, mais tarde, veio a ser lavrado e convertido em mata. Pois o sr. António Filipe que, como se compreende, é natural de Canas de Senhorim, tratou do negócio com a família Mário Ferreira, proprietária do terreno tendo chegado a um acordo: 150 contos. Como o clube só tinha 75, o sr. António Filipe pôs, do seu bolso, a outra metade. Terreno já temos portanto. Falta o resto. Falta o dinheiro para o resto. Mas temos fé que ele apareça, se bem que para isso seja indispensável muito trabalho da futura direcção. Para a presidência desta, foi convidado o sr. Abade, cujo regresso da Alemanha aguardamos com impaciência, no sentido de sabermos se ele aceita o cargo. Deus queira que sim.»

Sim, Deus queira. Porque quem restaurou uma igreja em ruínas, pode muito bem apoiar decisivamente a construção dum campo de futebol. Assim se valorizará a santa terrinha, o lugar duplamente pátrio, o tal que nos viu nascer. Digam lá: haverá maior ventura?



Uma panorâmica do campo de futebol do CAT 581, vendo-se ao fundo o fumo da fábrica dos «Fornos Eléctricos» (?) que vem tornando Canas de Senhorim uma autêntica «vila cinzenta». Em primeiro plano, as bilheteiras

GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345\$00. todas as larguras até 3,00 m x 4,00 m. — TAPETES, PASSADEIRAS até 1,00 m. de largo. — TE-
RYLENES de larguras de 1,50 m. a 3,00 m. desde 10\$00. — CRETONES, CHINTZ, SETINETAS suíços e ingleses. — RETA-
LHOS PARA SANEFAS E ALMOFADAS desde 5\$00. — VELUDOS ALGODÃO, ACRÍLICOS, ADAMASCADOS desde 60\$00. —
REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a PREÇOS INCRÍVEIS

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º c/ elevador - Esquina R. Prata — RAUL NETO, LDA.

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2,3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo

em **SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS** junto à placa da Flamengo

desde 280 contos

VEJA NO LOCAL

O ANDAR MODELO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3ª tel. 35438/366267

LISBOA

CARROS USADOS

CONDIÇÕES ESPECIAIS COM OFERTAS DE EXTRAS EXPOSIÇÃO DAS 9 AS 24 HORAS—ATÉ 15/7/1972 NA



AUTO MONUMENTAL DO AREIRO, S.A.R.L.

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areiro) — Telef. 718607-727654-727665-713057

ROTELO DA ENCARNAÇÃO

AGENTE OFICIAL DA VOLKSWAGEN FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão 2.990\$00
Frigoríficos 1.900\$00
Trituradores 260\$00
Secadores de cabelo 140\$00
Cassetes 35\$00
Relógios de cozinha 300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO
DE 26 DE AGOSTO
A 1 DE SETEMBRO



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Influências contrárias aos seus interesses sentimentais teimam, por enquanto em fazer sentir os seus efeitos, se bem que em menor intensidade. A prudência com amigos, a paciência com o ser amado e com os seus familiares, devem ser a sua bússola durante esta semana.

DINHEIRO: No plano financeiro só com um bom raciocínio levará o bom termo os seus intentos.

PROFISSÃO: A sua posição poderá tornar-se embaraçosa, se der motivo a atritos ou más vontades no seu emprego. Procure não alterar nada, de contrário encontrará-se numa situação delicada.

SAÚDE: Qualquer mal-estar é proveniente do estado de espírito que presentemente atravessa.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: O período apresenta-se feliz para aqueles que desejarem casar. O ambiente familiar decorre sob bons auspícios e num clima tranquilo. As pessoas de família e as amizades prestarão a sua ajuda sobretudo moral, para que tudo corra bem na sua vida sentimental.

DINHEIRO: Financeiramente é propício para alcançar em parte o desejado. Não tome deliberações de ânimo leve.

PROFISSÃO: Neste período deve pôr em prática os seus projectos importantes. Os astros influem benéficamente sobre as suas iniciativas. Concentre os seus esforços e proceda confiadamente.

SAÚDE: Pequenos incómodos de ordem passageira. Repouse o necessário.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: O período é pouco favorável neste capítulo. A moderação e a paciência são os trunfos com que deve jogar para que não haja agravamento na sua vida sentimental durante esta semana.

DINHEIRO: A sua actividade neste campo será feliz se limitar a sua acção a empreendimentos e negócios de carácter rápido e prático.

PROFISSÃO: A actividade profissional caminhará com uma certa lentidão, mas observa-se segurança em todos os seus actos. Fuja das complicações ou de novas empresas que requeiram grandes responsabilidades e rapidez de execução.

SAÚDE: Estará em óptima forma física e isso muito contribuirá para que o seu espírito de iniciativa dê o melhor rendimento.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: A sua disposição durante esta semana é confiante, honesta, simpática e idealista. Boa oportunidade para melhorar a sua posição sentimental, as relações familiares e tratar de assuntos importantes relacionados com os seus interesses domésticos e amorosos.

DINHEIRO: Os seus assuntos de carácter financeiro sofrerão aumento, isto é, beneficiarão de uma certa melhoria, tanto pelo seu esforço próprio como pela intervenção favorável de outros.

PROFISSÃO: Mostre-se sob reserva nas suas ocupações profissionais. Tenha prudência em todos os assuntos. A atenção e perspicácia são-lhe muito úteis durante a corrente semana.

SAÚDE: Não se observam grandes alterações no seu estado de saúde. Não faça excessivos esforços e procure consolidar o seu estado actual.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Pode contar com protecções secretas nos seus casos de coração. Alguém se interessará por si para vos ajudar a compor a vida familiar e amorosa.

DINHEIRO: A actividade de despende não será em vão, porque os ganhos compensarão a sua actividade e todo o seu esforço. Momento oportuno para aplicar o seu capital, em empreendimentos, cujos resultados não são imediatos, mas terão êxito no futuro.

PROFISSÃO: Entregue-se com mais entusiasmo ao seu trabalho se não quiser ver fracassado todo o seu esforço anterior. A sua inconstância pode ser a causa desse infortúnio. Mantenha-se firme e não tome decisões precipitadas.

SAÚDE: E grande o seu nervosismo e a sua impaciência, mas com um pouco de calma e perseverança e algum repouso, tudo decorrerá da melhor forma.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os maus aspectos astrais do seu signo conferem-lhe durante a presente semana uma disposição melancólica e certas apoucações no campo afectivo.

DINHEIRO: As possibilidades financeiras desta semana são minguadas, em parte devido a desinteligências em associações com falsas amizades. De qualquer modo o período é pouco compensador.

PROFISSÃO: Proceda com cautela antes de agir e mantenha-se na defensiva em todos os assuntos referentes à sua actividade e aos seus afazeres quotidianos. Não tome a seu cargo novas responsabilidades.

SAÚDE: Não é má, mas o seu estado de nervos continua a fazer sentir os seus efeitos. Tente distrair-se e, se possível, viaje ou mude de ambiente.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Semana de aborrecimentos no plano afectivo. Nos assuntos de amor e na sua vida doméstica as coisas não estarão a seu favor. Possibilidades de pequenas querelas.

DINHEIRO: Pensará em muito dinheiro, em projectos grandiosos, aventuras financeiras, etc., quando afinal — salvo raras excepções — conseguirá durante este período apenas o normal.

PROFISSÃO: Afaste a ideia de novas responsabilidades. Siga o caminho do dia-a-dia e escute os conselhos amigos das pessoas idóneas. Na verdade, o momento não é indicado para novas aventuras, que importam em maiores responsabilidades e grandes gastos.

SAÚDE: Observa-se um certo desalento que pode por em perigo a sua resistência física.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Período benéfico à sua vida amorosa, doméstica e familiar que decorrerá portanto em condições muito harmoniosas e agradáveis. A altura é propícia para introduzir alterações e modificações no lar. Os assuntos de ordem familiar e os problemas amorosos estão sob excelentes influências astrais.

DINHEIRO: A influência de Mercúrio — seu planeta governante — indica uma semana auspiciosa em matéria de finanças.

PROFISSÃO: Os afazeres quotidianos marcham no plano desejado. Continue com entusiasmo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua posição actual.

SAÚDE: Nada de especial se observa para esta semana, a não ser pequenas ansiedades que podem combater com o domínio dos nervos.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: No domínio sentimental, as coisas não correm a seu favor, no ambiente familiar há grandes possibilidades de se verificarem perturbações de humor, que poderão ocasionar desinteligências, assim como no círculo das suas relações sociais e nos seus problemas puramente amorosos.

DINHEIRO: Adapte-se às circunstâncias pois o esforço que fizer nem sempre corresponderá ao resultado. Não se arrisque financeiramente. Diminua as despesas e adie o que puder ser adiado.

PROFISSÃO: Continue o caminho que trilhou anteriormente. Não faça alterações de espécie alguma. Espere com serenidade a altura propícia de agir, porque a pressa pode prejudicar-vos.

SAÚDE: Repouse convenientemente para recuperar a vitalidade e recompor os nervos.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Período falso aos seus interesses amorosos. Pondere bem todas as situações e todos os seus actos, e sobretudo não provoque discussões. Igualmente, não dê azo a que assuntos antigos voltem a estar em evidência, porque poderão ser um ponto de partida à discórdia e ao desassossego.

DINHEIRO: Grande incerteza e insegurança quanto à sua situação financeira. Procure a todo o custo não mostrar aos seus amigos que está tão mal como consta entre eles.

PROFISSÃO: Deve adiar todo e qualquer projecto que tiver em mente. Não desanime e guarde que as influências lhe sejam mais propícias.

SAÚDE: Tome cuidado com o que escolher para a sua alimentação, principalmente no que respeita a líquidos.



AQUARIUS

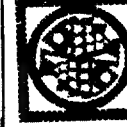
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Atravessará um período de meditação. Este estado de espírito não lhe permitirá dar muita atenção aos acontecimentos que se passem em redor da sua presença. Por vezes pode até causar uma certa estranheza a sua maneira de agir.

DINHEIRO: A semana é de grande importância neste capítulo. Conserve-se ao corrente de tudo quanto diga respeito aos seus interesses financeiros. Cuidado com a tendência para a extravagância, devido a exageradas preocupações com o vestir e prazeres.

PROFISSÃO: O período não é favorável para efectuar grandes negócios. Devido às coisas não lhe correrem de feição, haverá uma certa tendência a discussões com os seus sócios e amigos íntimos. Tente dominar-se e aguarde melhores dias.

SAÚDE: Pequenas indisposições de ordem passageira.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

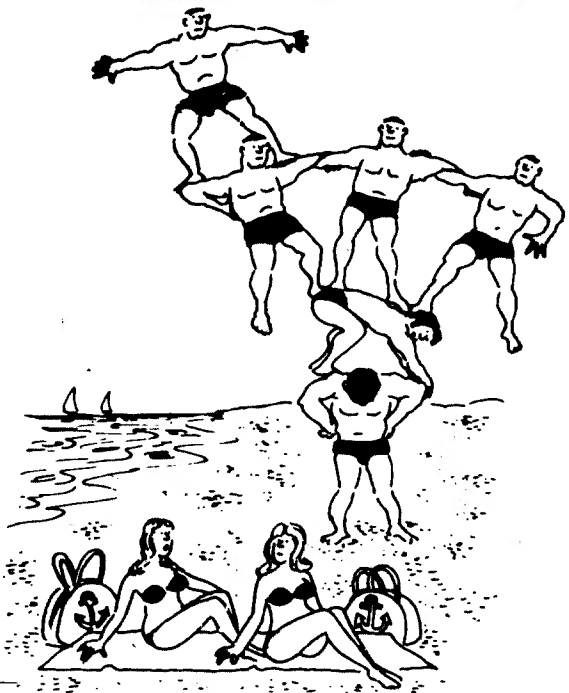
AMOR: Semana em que será alvo de muitas atenções, mercê do seu magnetismo pessoal. Excelentes satisfações amorosas e conjugais. Um acréscimo do seu encanto facilitará os seus interesses tanto de ordem familiar como sentimental.

DINHEIRO: Explore as facilidades que se oferecem para aumentar os seus rendimentos. Excelente para comprar e negociar em papéis de crédito, acções e operações de bolsa.

PROFISSÃO: No domínio profissional conseguirá uma melhoria com bons indícios de continuar a aumentar. Se tiver necessidade de fazer deslocacões por causa de negócios, é de máxima importância que seja pessoalmente a tratá-los.

SAÚDE: Precavenha-se contra os excessos de ordem física, e mental. A moderação e a temperança, evitarão muitos males.

HUMOR



PEANUTS

SNOOPY ESTÁ NO VETERINÁRIO?

SIM, TEVE DE LÁ FICAR DE NOITE, PARA OS RAIOS-X...

MAS DEVEM METÊ-LO NUMA JAULA! COMO CONSEGUIRÁ AGUENTAR?

EIS O FAMOSO PILOTO DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA, METIDO NUMA PRISÃO INIMIGA...

É ESTRANHO ESTAR A DIZER-TE O QUE SINTO POR TI... MAS NÃO TE IMPORTAS COM ISSO...

NÃO, SUE...

ENTRETANTO... ESTA A ESCUTAR! JÁ CAÍAM ESTAR...

TALVEZ O MICHAEL A TIVESSE LEVADO A JANTAR? ALAN...

E DISTRIBUÍDO POR AGÊNCIA DIAS DA SILVA — LISBOA

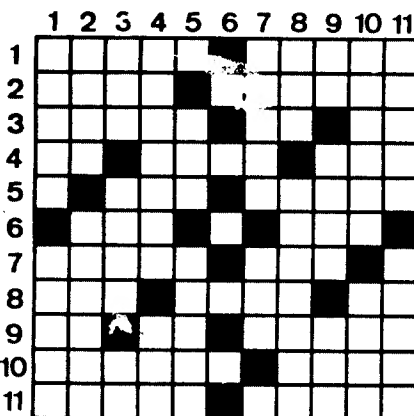
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10177

HORIZONTAIS:

- 1 Poupado. Covas.
- 2 Língua vernácula indiana. Descascava.
- 3 Transmirta. gratuitamente (bens) a outrem. Tempo do verbo ir. Prefixo de hegão.
- 4 Pertences. O mesmo que rips. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 5 Observar. Borriças.
- 6 Mitologia (abrev). Grande. quantidade.
- 7 Pegam. Oferecer.
- 8 Pedra de altar. Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Artigo definido.
- 9 Batráquio. Item. Aparar.
- 10 Supor. Fazer doação de.
- 11 Cidade da Suíça. Homem forte.



VERTICAIS:

- 1 Governo de um Estado. Nome de peixe.
- 2 Aneis. Residira.
- 3 Braço de mar. Casa de campo. Erbio (s.g.).
- 4 Viatura de artilharia. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
- 4 Oásis. Qualquer mata (prov. Tram).
- 6 Tempo do verbo ser.
- 7 Passar a vida. Pesar.
- 8 Nome que os Muçulmanos dão ao seu Deus. Metida em mala.
- 9 Nota musical. Mãe de Ismael. Ribeira de Portalegre.
- 10 Despertar. Mamífero dentado espécie de tatu.
- 11 Uma das Espóradas. Guardar de asas.

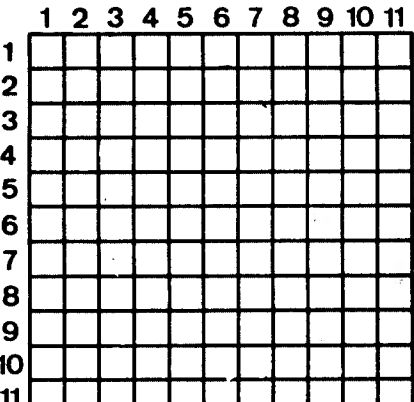
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6333

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Montemor-o-Novo.
- 2 Tempo do verbo ser. Pele espessa e dura de alguns animais. Preposição latina que designa movimento.
- 3 Um cento. Filtra. Espaço de doze meses.
- 4 Esclarece com comentários. Murchar.
- 5 Prefixo que designa ar. Intuição (fig).
- 6 Alisava.
- 7 Preposição. Remava para trás. Cálculo (s.g.).
- 8 Abroilhar. Tiras de figado temperadas e fritas.
- 9 Renque. Aqui está. Zombas.
- 10 Cidade da Polónia. Realizo.
- 11 Rezara. Tinos.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Boticas. Cavalo alado, da mitologia.
- 2 Rio de França. Referente a mó.
- 3 Triturar. Tripa de sardinha que serve de isca.
- 4 Antes de Cristo. Ardil. Viração.
- 5 Cratera. O mesmo que se-reia.
- 6 Curso de água natural, e abundante. Capa sem mangas.
- 7 Épocas. Admontações.
- 8 Olado do vento. Cidade de Portugal. Letra grega.
- 9 Recua. Acreditas.
- 10 O mesmo que anax. Cidade do Egipto.
- 11 Bolo feito de farinha e sal de que os Romanos se serviam nos sacrifícios. Freguesia do concelho de Sabrosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10176

HORIZONTAIS:

- 1 Seca. MESTRE.
- 2 Aliara. Aios.
- 3 Ito. Mit.
- 4 Te. FORA. So.
- 5 Olga. Safé.
- 6 Oral. Qito.
- 7 Aros. Aatá.
- 8 Im. Ojea. Om.
- 9 DIA. Arc. Ema.
- 10 Iman. Pós. Ad.
- 11 Airada. Atoa.

VERTICAIS:

- 1 SANTO. Lídia.
- 2 El. Elo. Mimi.
- 3 Cia. Grã. Aar.
- 4 Aa. Aaro. NA.
- 5 Rif. LOJA.
- 6 Matos. Serpa.
- 7 Orão. Aço.
- 8 Sa. Aliá. Sa.
- 9 Tim. Eta.
- 10 Rois. Otomão.
- 11 Estou. Amada.

Proverbo: MESTRE FORA DIA SANTO NA LOJA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6332

HORIZONTAIS:

- 1 Porta. Banca.
- 2 Opero. Atais.
- 3 Risos. Ladra.
- 4 Ala. Mac.
- 5 Grã. Aer. Rol.
- 6 Restara.
- 7 Ag. Leira. CC.
- 8 Vivas. Amara.
- 9 Arar. Apar.
- 10 Tacas. Adoça.
- 11 Arame. Saram.

VERTICAIS:

- 1 Por gravata.
- 2 Opiar. Girar.
- 3 Restar. Vaca.
- 4 Troa. Elaram.
- 5 Aos. Ases. Se.
- 6 Meli.
- 7 Bal. Rara. As.
- 8 Atam. Ramada.
- 9 Nadara. Apor.
- 10 Circo. Craca.
- 11 Asa. Lançaram.

AOS QUATRO VENTOS

SÓCRATES

Quando Xantipas, mulher de Sócrates, comunicou ao marido que os juizes o haviam condenado à morte, ele disse simplesmente:

— Quanto a eles, estão condenados pela natureza.

— Mas, condenaram-te injustamente!

— E então — replicou Sócrates — preferias que o tivessem feito justamente?

LACONISMO

Carlos III, rei de Espanha no século XVIII, visitou um dia uma povoação e o presidente da edilidade, no discurso de boas-vindas, atrapalhou-se de tal forma que já não sabia como terminar. Compreendendo a sua dificuldade, o rei murmurou-lhe ao ouvido:

— Muito bem, muito bem, mas agora termine com três palavras, nem mais uma:

O funcionário, depois de um momento de hesitação, gritou:

— Viva o rei!

TEATRO

Bernard Shaw, saindo uma noite do teatro em que se havia representado uma comédia de um autor de escasso talento, comentou:

«Que esplêndido cenário! Só é pena que os actores, pondo-se diante, não deixassem vê-lo bem!»

DALI

Uma manhã, Gala entrou no estúdio de Salvador Dali, seu marido, e disse:

— Está um dia estupendo! É primavera!

— Está bem, diz-lhe que entre! — exclamou o pintor.

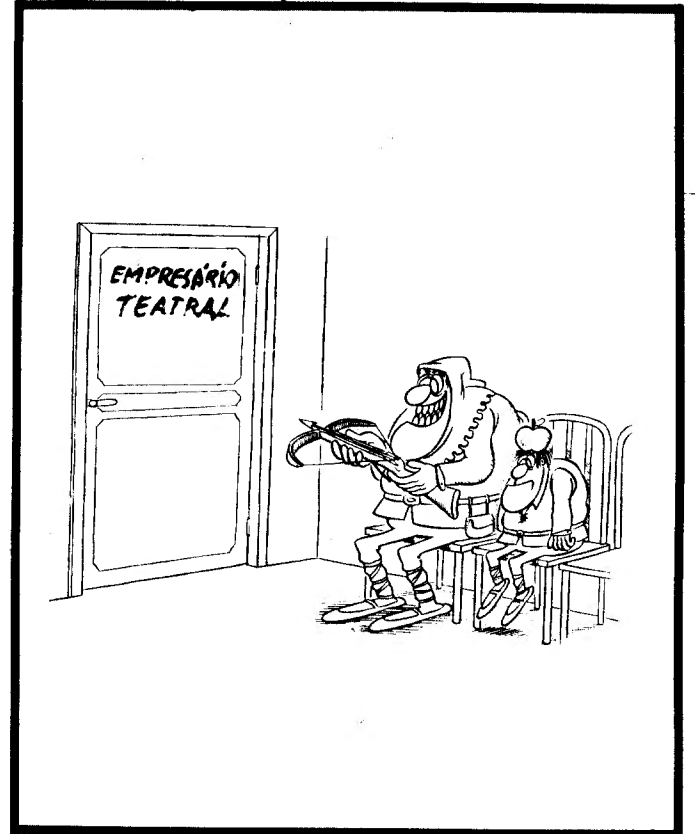
O COMPLEXO

Dizia o escritor francês Mauriac, Prémio Nobel da Literatura:

«As mulheres que não puderam gozar os cuidados maternais são sempre mulheres débeis. Se Eva se comportou erradamente, foi porque não conheceu sua mãe».

DIVÓRCIO

Artur Berglam, de 28 anos,



de Chicago, pediu o divórcio e explicou ao juiz que, tendo ido uns dias para a praia, onde sua mulher se encontrava a passar férias, conheceu uma jovem no hotel em que estava hospedado. Uma noite, com um pretexto qualquer, ficou fora, projectando escalar a janela da jovem. Por erro, dado que as janelas do hotel eram todas iguais em vez de ir dar ao quarto da jovem, foi parar ao de sua mulher, que, como ex-atleta e sempre apaixonada pelo atletismo, não o tendo reconhecido na obscuridade, o acolheu com estas palavras:

— Bravo, Fred! Mas estás longe do record de Raymond que consegue subir em 38 segundos!

SICÍLIA

Nas últimas eleições realizadas na Itália, numa aldeia da Sicília, uma mulher aproximou-se da mesa eleitoral, mas o presidente disse-lhe:

— Não é possível, minha senhora. A senhora já votou esta manhã.

— Bem sei — responder ela — mas, é que mudei de opinião!

BOFETADA

Em Miami, um homem de 25 anos queixou-se de uma mulher que lhe deu uma tremenda bofetada no cinema, depois dele a ter convidado cortêsmente a deixar de falar em voz alta com uma amiga. O título do filme era «Guerra entre homens e mulheres».

A VINGANÇA

Em S. José, na Califórnia, depois de uma longa e infrutuosa causa, Larry Herman foi condenado a pagar 2500 dólares de impostos atrasados.

O contribuinte efectuou o pagamento em moedas de um centimo, para o que teve que arranjar 250000 moedas, que descarregou de um camião diante do caixa (meia tonelada).

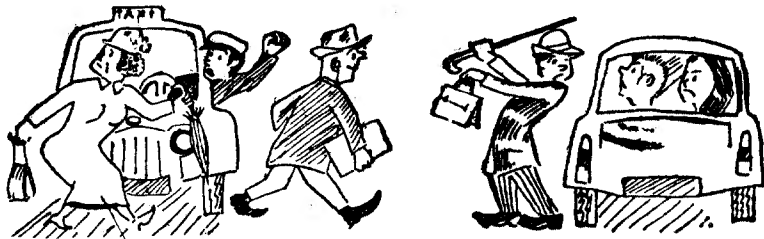
DECISÃO

De «Conto de Inverno», de Karen Beixen:

«Pedi um cálice de licor e não o bebei enquanto não lho trouxeram».

SURDOS

CASA SONOTONE



Vejam o que acontece áqueles que não ouvem bem. Felizes os que têm um Sonotone. Venham já fazer um exame que é gratuito para verem o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Temos pilhas de todas as voltagens, de mercúrio e de carvão. Trocamos todos os aparelhos sejam ou não das nossas marcas e de qualquer casa. Prestamos assistência com consciência, tanto em Lisboa como na Província. Pedimos uma visita com um grande Obrigado.

Em LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/1 — Tel. 868352
No PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Tel. 02-35602
Em LUANDA, Rua Ant.º Enes, 42-2.º — Apart. 26

OS SALDOS

dos



Fecidos
Almirante, Lda.

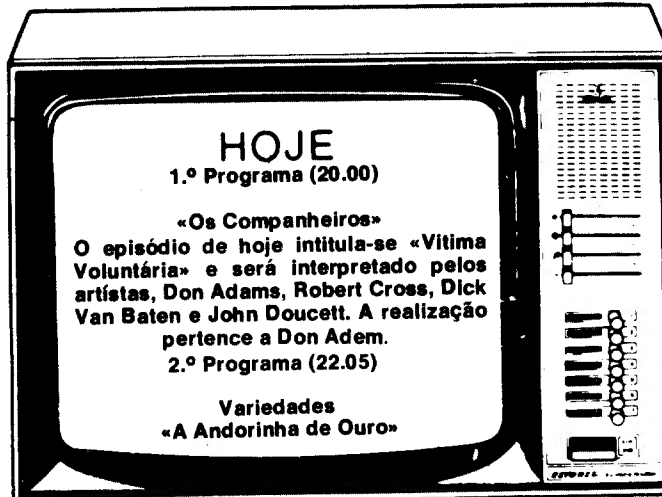
AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

COMEÇAM

2.ª FEIRA (DIA 28)

VISITE-NOS A PARTIR DESTA DATA E
VERIFICARÁ QUE OS NOSSOS SALDOS
SÃO SEM DÚVIDA OS MAIS
SENSACIONAIS DE LISBOA

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
1.º Período
08.00 Abertura e Jogos Olímpicos Remo (eliminatórias); Ginástica — exercícios obrigatórios (senhoras)
12.00 Expedição
13.00 Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.55 Hoje pode Ver
14.45 Telejornal- 1.ª Edição
15.55 JOGOS OLÍMPICOS Remo (eliminatória); Ginástica — exercícios obrigatórios (senhoras)
18.30 TV Infantil
19.00 TV Rural
19.30 Telejornal- 2.ª Edição
19.45 Desenhos Animados
20.00 Os Companheiros
20.30 TV 7
21.30 Telejornal- 3.ª Edição
22.00 Longstreet
23.00 Fados
23.20 Domingo Desportivo
23.45 Telejornal- últimas notícias
23.55 Meditação e Fecho
2.º Programa
20.30 Dó, Lá, Si
21.00 O Regresso de Lucy
21.30 Telejornal- 3.ª Edição
22.05 Variedades A andorinha de Ouro
23.00 Jogos Olímpicos. Resumo: Mergulhos (senhoras); Basquetebol; Voleibol; Hóquei; Futebol; Water Polo; Luta e Pentatlo moderno
00.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
09.55 JOGOS OLÍMPICOS Natação (eliminatórias): 200 m mariposa (homens); 200 m estilos (senhoras); 100 m costas (homens); 100 m livres (senhoras); / X-1) M LIVRES (homens); Basquetebol (sumário); Voleibol (sumário); Hóquei (sumário)
14.10 Telejornal- 1.ª Edição
14.10 Cara Alegre
14.35 Logo à noite
2.º Período
17.25 JOGOS OLÍMPICOS. Natação: «J) M. COSTAS: Homens, 1/2 final; 100 m livres, senhoras, 1/2 final; 200 m mariposa, homens, final; 200 m estilos, senhoras, final; 4x100 m livres, homens, final; Ginástica; Halterofilia; Mergulhos, senhoras, final
21.30 Telejornal- 3.ª Edição
22.05 JOGOS OLÍMPICOS. Ginástica; Halterofilia; Mergulhos, senhoras, final
22.45 O Jogo do Galo
23.50 Telejornal- últimas notícias
00.00 Meditação e Fecho
2.º Programa
20.38 Abertura e Desenhos Animados
21.00 Cara Alegre
21.30 Telejornal
22.05 Os Vingadores
23.00 Jogos Olímpicos. Resumo: Tiro; Boxe; Esgrima; Pentatlo; Luta; Futebol; Voleibol; Basquetebol; Hóquei, e Water Polo
00.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Indicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A.guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente nublado o vento era fraco e havia nevoeiro em algumas regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	17º
PENHAS DOUR.	13º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	19º
FARO	22º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Estoril

Máxima 31º

Penhas da Saúde

Mínima 6,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,5º
Atmosfera 20,9º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.30	3,9 m 11.07 0,6 m
17.46	4,1 m 23.32 0,6 m
	Dia 28
6.06	3,9 m 11.41 0,7 m
18.25	4,0 m
	Dia 29
6.45	3,8 m 0.11 0,8 m
19.08	3,8 m 12.30 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado e o vento é fraco; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro em especial na orla Costeira Ocidental.

AMANHÃ

Nascer às 7.01
Ocaso às 20.13

Dia 31 Dia 7 Dia 15 Dia 23



diariamente* NOVA LIGAÇÃO A PARIS

PARTIDAS
de Lisboa 19.35
do Porto 20.58

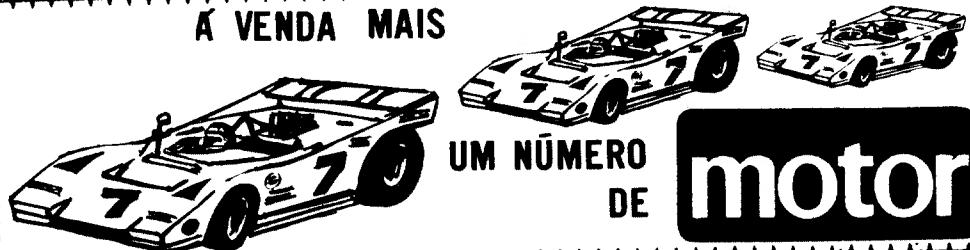
* até 2 de Outubro.

Caminhos de Ferro Portugueses

À VENDA MAIS

UM NÚMERO
DE

motor



rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário onda musical
18.05 Música e Cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário Sonoro
20.00 Êxitos em Parada
21.00 Rádio Desporto
21.30 Pequena História do teatro musical em Portugal
22.00 Teatro das comédias: «O almoço em casa do Marechal», de Turguenev, numa adaptação de Eduardo Jacques
22.35 Música Portuguesa
23.00 Sinal Horário: Desdobramento (sai o mf 1 de Lx) Noticiário Boletim Meteorológico
23.05 Sol e Toros
23.30 De um dia para o outro- p/ Fernando Garcia
00.00 De um dia para o Outro
00.30 Diário Sonoro
00.40 De um dia para o Outro
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção (Com o 1.º Programa)
16.30 Música de Tecla Obras de Bach e Liszt
17.00 Perspectivas da obra de Musorgsky
18.00 Intercâmbio Musical- Concerto de Domingo- 1.ª Parte
18.55 Intervalo- Canções de Schubert- pelo barítono Dietrich Fischer Diekau
19.09 Concerto de Domingo- 2.ª Parte
19.45 Quarteto N.º 1, em FA Maior, para flauta, clarinete, fagote e trompa (Rossini)

2.º Programa

20.00 Diário Sonoro
20.20 A Orquestra «Virtuosi di Roma»
20.30 As grandes figuras do Mundo Português- p/Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital De Piano por Manuela Gouveia
21.31 Que quer Ouvir?
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras
01.15 Fecho
PROGRAMA ESTEREOFÓNICO- MF 2
21.00 Música ligeira Variada
22.00 Saldos- de Kodaly e Liszt
22.50 Música Instrumental
23.20 Os Quartetos: Amadeu e Smetana
00.00 O Bailado «Romeu e Julieta» (Prokofiev)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.40 Tarde Desportiva
18.02 Projectão
18.30 Meia Hora depois
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 72»
20.00 Nota de Abertura
20.15 Comentador Desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A Estrela da Noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Bíblicas
23.19 Canções ao acaso

3.º Programa

23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
17.57 O Nosso Programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Missa
20.00 Zona Verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Tempo Zip

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944).

ALCANTARA
Bairro, R. Prior do Crato 25 (Tel. 661321); Biotfar, Rua D. João de Castro 27-B (Tel. 638824).

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); Roma, Avenida da Roma 85-A (Tel. 772466).

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Tel. 821653).

AREIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Tel. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Alcantara, Avenida da República, 74-A (Tel. 773043); Vale, Avenida Marques de Tomar, 47 (Tel. 773043); Dava, Avenida Duque de Avila, 125 (Tel. 45225).

BAIRRO DA ENCARNACAO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Tel. 683694).

BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Tel. 327478).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Tel. 708242); União Estrada de Benfca, 592 (Tel. 700092); Alegria, Estrada de Benfca, 180-A (Tel. 780511).

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Tel. 847019).

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682100).

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807); União, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Tel. 663643).

CASTELO
Ziller, Rua S. Tomé 54 (Tel. 862835).

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241).

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da República 74-A (Tel. 77379).

ESTEFANIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Tel. 45578).

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Tel. 666971).

LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480); Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 971131).

OLIVAIS
Oliva, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (Tel. 848011).

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 728395-720703).

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zóimo Pedroso 11-13 (Tel. 381136).

REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Tel. 771873).

SANTO AMARO

Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638825).

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Tel. 679961).

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Tel. 326750).

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642); Sousa Martins, R. Sousa Martins 25 (Tel. 55468).

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241).

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 87 (Tel. 229028).

SETUBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Tel. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Capelo, 38 (Tel. 2218560).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78 - B (Tel. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149).

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456).

SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

PORTO

SUB-TURNO A
Canavaro, R. da Restauração, 53; Constituição (da), Rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim, 354; Oriental, Rua do Bonjardim, 727; Padrão, Largo do Padrão, 342; Ramos, Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB-TURNO B
Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita, 125; Lido, Rua do Lido, 171; Parente, Rua das Flores, 114; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141; Vitória, Rua de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (Tel. 23738); Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348); S. José, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034).

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PARADEIRA
Aisir, B. das Caixas de Previdência Bloco A (Tel. 2472948).

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186).

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Tel. 260116).

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 260078); A. Freitas, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Rampa da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271).

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221 B (Tel. 224141).

BARREIRO
Santa Maria, R. Dr. Pacheco Nobre, 44-B (Tel. 2272141).

COVA DA PIEDADE
Imperio, R. Cabo da Boa Esperança, 31 A (Tel. 243356).

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).

DANCINGS

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites, uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA
Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/388197.

TOSCO
Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582).

SAMIRA
Marão e s/conjunto. Mat. nees, todos os dias Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.

D. QUIXOTE
Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua de Trindade, 9 Tel. 327109 Encerra aos domingos.

HIPOPOCAMO
Com Helger Reis Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.

TERRAÇÓ DAS ESTRELAS (HOTEL EMBALXADOR)
Conjunto Oliveri, Av. Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

CASINO ESTORIL
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.

CACO
Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

BARS BOITES

ADEGA MACHADO
Cantam Ivete Pessoa, Emerald Amodeo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fado de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário, Tocam José Comde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO
Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60500 Encerra ao domingo. Rua Diário de Notícias, 107. Tel. 328307.

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D 18 anos)
Duelo de informados
PONTO CRÍTICO Com Sidney Poitier, Robert Darin e Peter Falk.

SATÉLITE (Tel. 562632)
Quatro sessões - 15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Paul Scofield e John McEnery em «RESISTÊNCIA PASSIVA» (Bartleby) Premiado no Festival de San Sebastian

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C 14 anos)
28.ª semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcés.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
Technicolor
(Grupo D 18 anos)
Uma história inérgica e excitante. «A VOLTA DE JESSE JAMES» Com Cliff Robertson e Robert Duvall. (Ar condicionado).

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.30
Super-Panavision Metrocolor
(Grupo B 10 anos) um filme de John Frankheimer «O GRANDE PRÉMIO» com Yvesmontand e Françoise Hardy (AR CONDICIONADO)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«TRISTANA, AMOR PERSO» Color - Com Franco Nero e Catherine Deneuve. Em complemento: «OFÍCIO DE MATAR» color com Alain Delon

EDEN (Tel. 320768)
As 15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Klaus Kinski vítima de alucinante maquiagem em «O VEU NEGRO» com Annabela Incontrea e Sidney Chaplin

CASINO ESTORIL
15.30-18.30 e 21.30
Grupo D 18 anos
«Infame Mentira»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
31.ª Semana. O filme do ano
TRINITY (COW-BOY INSOLENT) com Buel Spencer e Terence Hill.

ROMA (Tel. 727778)
As 15.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos)
Um filme insólito! 2.ª Semana
«MUNDO CÃO» Realização de Jacopetti - Technicolor

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«TERRA QUEIMADA» com Nigel Davenport e Jean Wallace. Quando a poluição enlouquece o mundo de medo. Metrocolor - Panavision (Metro - Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo A - 6 anos)
Jean Claude Killy (3 medalhas olímpicas), Nancy Greene e muitos outros campeões «BRINCANDO AOS SKIS»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Eastmancolor - Maiores de 21 anos um filme único
«HELGA; O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
5.ª Semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

POLITEAMA
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D - 18 anos)
Alberto Sordi e Michèle Morgan e Marcello Mastroianni na atrevida comédia de amores escondidos «ESCÂNDALOS NA PRAIA» Graça... Malícia... Cinismo...

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 - 21.30
(Grupo A 6 anos) 75.ª semana! O maior êxito de sempre «MUSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
Em continuação de estreia 10.ª Semana, Mark Lester e Jack Wild em «MELODY». Em complemento «O PERSEGUIDO»

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Os dois maiores nomes de filmes de terror Christopher Lee e Peter Cushing em «EU MONSTRO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45 4.ª semana
(Grupo D - 18 anos)
O mais divertido filme de Claude Lelouch «SMIC, SMAC SMOG» com Catherine Allegret, Charles Gérard e Francis Lai 4.ª Semana

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Tony Curtis, Natalie Wood, Henry Fonda, Lauren Bacall e Mel Ferrer «A SOLTEIRA E O ATREVIDO» (Metro Alvalade)

IMPERIAL (tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O MALANDRO» Scopecolor com Richard Burton e Fiona Lewis Em complemento «A VIDA DE UMA MULHER» colorido com Robert Stack e

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kolimer O melhor filme estrangeiro de 1970 «DJAMILIA» com Natalia Arinbassarova (Ar condicionado)

LONDRES (Tel. 731313)
Sessões diárias - 14.15-16.30 18.45 e 21.45. Greta Garbo e Charles Bayer em «MARIA WALEWSKA»
Snack-bar, Pub «The Flag» O melhor encontro gastronómico. (Ar condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
As 15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos) 2.ª semana
Viva James Bond «007 - O DEM PARA MATAR» Com Sean Connery

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O Homem que não queria matar»

PARIS
21.00 (14 anos)
«Melody»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«O Santo em acção»

OLÍMPIA
21.00 910 anos)
«As espingardas do Farwest» e «Beau Geste»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Viva Max»

RESTELO
21.30 (14 anos)
«Melody»

PROMOTORA
21.30 (18 anos)
«Patton»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (14 anos)
«Berlim, reunião de espíes»

ARCO ÍRIS
21.00 (14 anos)
«Acaba com eles e volta só»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (14 anos)
«Milhões escaldantes»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Os 7 Ladrões da cidade»

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«O Assassino de Júlio César»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«Infante mentira»

Palácio
21.30 (18 anos)
«Um cacho de uvas ao Sol»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«Aconteceu no Oeste»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Alamo»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«O Maior roubo do Oeste»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«Pedro, o pescador»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Solteirona»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Trinidade — cow-boy insolente»

BARREIRO
Cine-Barcelona
21.00 (10 anos)
«Dinheiro em caixa»

PORTO Cinemas

ESTÚDIO
2.30 (8 anos)
«A Rapariga dos olhos verdes»

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinidade, cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«A Batalha das Ardenas»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Cunhas na Zona»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Barão Vermelho»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Zorba, o Grego»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«A canção da Noruega»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Camelot»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«O Baile dos Bombeiros»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (10 anos)
«Como roubar milhões» e «SEM FAZER FORÇA»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«O Lampião»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Fortunata e Jacinta»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«As Pupilas do Senhor Reitor»

PORTO Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«As cicatrizes de Drácula»

ESPLANADA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
21.45 (10 anos)
«Antes morto que vivo»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (14 anos)
«O Preço do amor»



DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

AGOSTO EM PARIS

OS FRANCESES JULGARAM SONHAR DE GAULLE ESTAVA ALI BEM VIVO!

A chuva e o longo fim-de-semana da Ascensão conjugaram-se para tornar Paris deserto e permitir ao General De Gaulle voltar à terra, por entre os seus queridos franceses.

Mas o De Gaulle que os raros parisienses na capital aplaudiram com emoção, só tinha do general o aspecto físico. A mesma estatura, o mesmo nariz comprido, a mesma silhueta curvada, os mesmos ombros descaídos, o mesmo uniforme. Engana bem. E, pelo menos, o que Fred Zinneman espera.



Três antigos membros da OAS, decididos a eliminar De Gaulle recorrem a um assassino profissional, um certo «Chacal». É este episódio que Fred Zinneman reconstitui nas filmagens que estão a decorrer em Paris.



Adrien Cayla, a mesma estatura, o mesmo nariz comprido que De Gaulle, recusa-se a visitar o túmulo do seu sócia, em Colombey-les-deux-Eglises. Tem medo de alguma reacção imprevista da população.

FOTOS DE ALIAN DEDEAN
AGENCIA GAMMA

de mira telescópica num apartamento da rua de Rennes, no momento em que ia disparar a segunda bala sobre De Gaulle.

ATENTADO

Na praça de Rennes, frente à velha estação de Montparnasse, reconstituída para o efeito, o General De Gaulle vai presidir à cerimónia da comemoração do 19.º aniversário da libertação de Paris. Estamos a 23 de Agosto de 1963. De Gaulle tem 73 anos.

Ele sai do «DS» presidencial para passar revista à guarda de honra e entregar algumas condecorações. A bala passou de raspão, sem lhe tocar. De Gaulle nem estremeceu. Será que se chegou a aperceber?

Os espectadores que assistiram à filmagem desta cena não puderam deixar de aplaudir o actor.

Adrien Cayla é, de resto, um especialista deste papel. Ele foi De Gaulle em 1966 em «Martin Soldat» de Michel Deville e em «L'armée des Ombres» de Jean Pierre Melville. Mas no entanto sempre se recusou a ir a Colombey-les-deux-Eglises, ao túmulo do seu sócia. Tem medo que a multidão tenha reacções imprevistas.



O General De Gaulle não ressuscitou para reconstituir a cena do atentado perpetrado contra ele, a 23 de Agosto de 1963, por ocasião de uma cerimónia comemorativa do aniversário da Libertação de Paris, na antiga estação de Montparnasse. O seu papel é interpretado pelo seu único sócia Adrien Cayla, de 51 anos, em «O Chacal» um filme de Fred Zinneman.

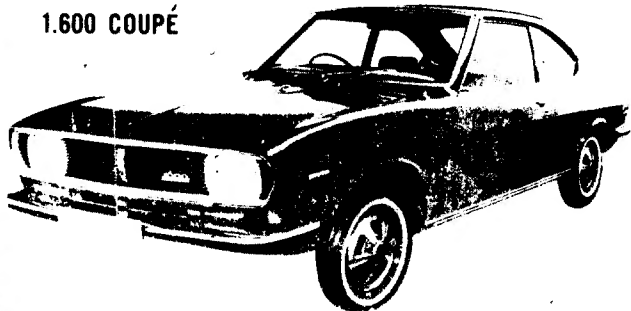
GASQUILLO

& FILHOS, LDA.

AGENTE OFICIAL

MAZDA

1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A-B-C - Lisboa

THE KING OF WHISKIES



PRODUCED AND BOTTLED
IN SCOTLAND